ISSN 2674-936X
V. 7, N. 1, DEZ. 2023

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES

ORGANIZADORES
Érica Schlude Wels | UFRJ
Marina Menezes de Andrade | UFRJ
Michela Rosa Di Candia | UFRJ
Raquel Ferreira da Ponte | UFRJ
William Soares dos Santos | UFRJ

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO
André Cabral de Almeida Cardoso | UFF
Angélica de Oliveira Castilho | CAp-UERJ
Danielle Galindo Gonçalves Silva | UFPel
Divanize Carbonieri | UFMT
Ieda Magri | UERJ
Laura Patricia Zuntini de Izarra | USP
Luisa Dalla Valle Geisler
Marlene Soares dos Santos | UFRJ
Paulo Henriques Britto | PUC-Rio
Rafael Mendes | UFRJ
Taís Bravo | UFRJ
Tarso do Amaral | UERJ
Viviane Mendes de Moraes | UGB

EDITORAS-CHEFE
Isabel Lopes
Raíssa Vítola

EDITORES ADJUNTOS
Camila Ribeiro
Eloisa Coelho Sabino
Fernanda Izidro
Maria Julia Ferreira
Mariana Cherulli
Milena Velloso Cordeiro da Silva
Millena Lopes
Rayssa Portugal
Verônica Leal
Willian Machado

REVISÃO
Alex Jefferson M. Fernandes da Silva
Andrielli Diniz
Eloisa Coelho Sabino
Érica Schlude Wels (coord.)
Giovanna Pereira Milhm
Juliana Barboza do Nascimento
Leticya Machado
Maurício Barbosa Nunes
Maria Imaculada da Conceição Magalhães da Silva
Maria Clara Carreiro
Marina Amorim Romagnoli
Milena Velloso Cordeiro da Silva
Vitor Luiz Vieira da Silveira
Willian Machado

LOGOTIPO
Luana Carolina da Silva

PROJETO GRÁFICO
Willian Machado

ARTE DE CAPA
David "Haki" dos Santos
Flávia Adriano

ILUSTRAÇÃO
André Aguiar
Camila Rosa
David "Haki" dos Santos
Enzo Esberard
Flávia Adriano
Gabriela Bernardino
gabrielle carvalho
Gabrielly Curi
Juliana "rabiscaju" Gonçalves
Juliana Wolff
Julie França
Marcus Homsi
Maju Ferreira
Mariana Campos Souza
Mariana Cherulli
Marina Hauer
Natalia Helena
Nathany Rosa
Raíssa Vítola (coord.)
Stéphanie do Carmo
Vanessa Marques
Yasmin Coelho

REDES SOCIAIS
Alana Carvalho (coord.)
Alex de Carvalho
Beatriz Yumi Moreno Yamato
Eloisa Coelho Sabino
Giovanna Pereira Milhm
Giovanna Rangel
Isabel Lopes
Letícia Barros
Maria Imaculada da Conceição Magalhães da Silva
Nicolle Olimpio de Oliveira

OFICINAS DE ESCRITA CRIATIVA
Enzo Esberard
Flávia Adriano
Mariana Cherulli
Marina Menezes de Andrade
Raíssa Vítola
Raquel Ferreira da Ponte
Roberto Bezerra
William Soares dos Santos

EVENTOS
Érica Schlude Wels
Flávia Adriano
Juliana Wolff
Maju Ferreira
Mariana Cherulli
Marina Menezes de Andrade
Michela Rosa Di Candia (coord.)
Raíssa Vítola
Raquel Ferreira da Ponte
William Soares dos Santos

SUPORTE TÉCNICO
Mathews Machado

DIAGRAMAÇÃO
Ana Luisa Eller
Arlo Corrêa
Gabrielly Curi
Juliana Wolff
Willian Machado (coord.)

CORPO DE AVALIADORES
Ana Carolina Oliveira
Andreza Ferreira Silva
Ary Moraes
Daniel Bicho
Daniel Veneri
Davi Bretas
David "Haki" dos Santos
Diana Amorim
Diana de Melo Xavier
Dinah de Oliveira
Diogo Oliveira
Divanize Carbonieri
Carlos Antonio Jacinto
Carolina Fabiano de Carvalho
Caroline Peres Martins
Elisa Magalhães
Fernanda Silva Dias de Aquino
Flávio Galvão Pereira
Gabrielle Carvalho
Gisele Giandoni Wolkoff
Graça Lima
Irene de Mendonça Peixoto
Jillian Katiucia dos Santos Antunes
José Mauro Ferreira Pinheiro
Juliana Cristina Costa (Juliana Sankofa)
Julie de Araujo Pires
Leandra Cristina Machado da Silva
Leonardo Ventapane
Lilian Soares
Luana Manhães
Luciana Nascimento
Luciano Coronet Laner
Luís Fellipe dos Santos
Luiz Henrique Moreira Soares
Magalys Fernandez Pedroso
Marco Antonio Notaroberto da Silva
Mila Bedin Polli
Maria Lucia Guimarães de Faria
Matheus Gomes Alves
Pedro Sánchez
Salam Naser Zidan
Simone Batista
Thayna Pinheiro Ferreira
Thiago Rhys Bezerra Cass
Tigran Sisson Magnelli
Vanessa Koiky
Valeria Lima de Almeida
Virgilio Magalde de Azevedo
Vitor Fernandes Gonçalves
Wellington Aires
Wisley Vilela

REVISTA INTRANSITIVA
ISSN 2674-936X
Pequenos prazeres (v. 7, n. 1)
Dezembro | 2023

CONTATO
revistaintransitiva@letras.ufrj.br

WEBSITE
revistas.ufrj.br/index.php/intransitiva

REDES SOCIAIS
facebook.com/revistaintransitiva
instagram.com/revistaintransitiva
medium.com/revistaintransitiva

SUMÁRIO

editorial

06 Nossos prazeres, novos prazeres | Isabel Lopes e Raíssa Vítola

ensaios

09 Inventar: o prazer essencial | Marcus Vinicius Farbelow

62 Ventiladores, exaustores e hélices | Raphael Morone

trabalhos visuais

20 Traço livre | Karlos Souza

46 Por que você escolheu tomates? | Revelyn Veloso

57 Borboleta, faço minhas asas | Priscila Gomes

66 Íntimas Memórias | Tiago Pedro de Araújo Pereira

85 Eros na língua | Anne Courtois

97 as coisas não são as mesmas depois de receber uma carta | Maria Julia Ourique

104 Diário de bordo | Flora Vianna Leal e Silva

140 Existo | André Oliveira

168 Folhas destacáveis | Lucas Muniz Reis (“Sem Cabeça”)

177 Autorretrato (fev. 2023) | Beatriz Kestering Tramontin

191 Fluir o corpo | Karolyne Santiago Farias

195 Imensos | Gabriela Irigoyen

fotopoemas

119 Ascende | Rita Balduino

poemas concretos

71 Semenarca | Gabriel Henrique Galvão Passetti

SUMÁRIO

poemas

13 Prazeres que te aterram | Carlos Alberto Sapata Carubelli

22 Poema Goteira | Wanessa Rodovalho Melo Oliveira

55 Eu e eu mesma. | Isaura Silva

69 piedade | Fabianna Pellegrino

73 Simulado | Clara Drummond de Andrade Magalhães

77 Magnitudes do Encontro | João Medeiros

79 Estou onde não me procuram | Paulo Sérgio Raposo

88 Detalhes Eternos | Danilo Lucena Chagas

91 2ª ORDEM | Bruna Machado da Rocha

94 10 de agosto | Elisabeth Alves

99 Hoje não teremos flores | Rafael S. Azevedo

101 Manhã de Abril | Talita Oliveira

106 Cantiga do Êxodo | Adaltro José Araujo Silva

109 Inhumas | Cesar Augusto de Oliveira Casella

111 O prazer que é estar debaixo de uma árvore | Iuri da Silva Gomes

117 O indescritível alcance de um abraço | Érica Rebouças

124 Como fogo e pólvora | Thatiane Santos de Oliveira

127 Jantar da dona de casa | Maicon Melito de Souza

135 alumbramento | Iolly Aires

147 Poema na Garrafa | José D'Assunção Barros

166 Todo Dia [estar vivo nesse mundo é coisa seríssima] | Gabriela Pacheco de Araujo

173 Besourinho Verde | Daniel Cardoso Alves

189 Maracumbô Aleluia | Luana Mesquita de Araújo - Luana d'Nochê Navêzuarina

SUMÁRIO

poemas

179 Mortos Mitos | Alessandra Figueiró Thornton

193 Voar | Hugo Frota

207 Sorriso | Álvaro Lopes Silva da Rocha

crônicas

17 (Re)Descobrir prazeres
brincar, jogar e se exercitar! | Rafael Guimarães Botelho

51 Fórmulas secretas | Bárbara Costa Ribeiro

59 Todas as Luzes que Habitam no Céu | Ana Luisa Santos da Cruz Ribeiro

82 Sem título | Verena V. Duarte

114 Um paraíso chamado cafuné | Cinthia Freitas de Souza

129 Ser mãe é mergulhar no paraíso | Miriam Levy

132 Um pouco de paz | Gisele de Souza Gonçalves

155 Hoje | Jefferson Augusto Pereira dos Reis

182 A mulher do mercado | Monica Cherulli

197 Um livro | Thalita Ferreira Meireles Barbosa

201 Ahimsa | Regina Maria Miranda

contos

24 Gotejar | Maria Fernanda Borges de Carvalho

30 Charlie e a grande inundação | C. Sean McGee

142 Nossos Corpos Movediços | Luizza Milczanowski

160 ¿Quem disse que não vale a pena? | Luiz Fernando de Oliveira

185 Agora eu sei por que
o pássaro canta na gaiola | Itamara dos Santos Alonso

microcontos

137 O Instante | Tayná Bauer

205 Pequeni-nós | Gustavo Marques Castro

Editorial

Nossos prazeres, novos prazeres

É uma tarefa difícil definir um pequeno prazer. O que é pequeno quando não temos o grande como referência? O que é prazeroso quando somos tão peculiares em nossas existências? A própria ideia de prazer é um ser ambíguo: com muitas faces, aparências e significados.

Como entidades dotadas de corpos, percebemos o mundo pelas portas – ou janelas – dos sentidos. Ouvimos, vemos, cheiramos, provamos, tocamos... e somos tocados. O mundo e o Outro se correspondem com nossos atos e, algumas vezes, isso nos causa prazer.

Num sentido ativo, e quase agressivo, somos atravessados por sensações e o prazer nos arrebata, nos tira do eixo. Mas ele também pode ser modesto, sugestivo, discreto... pequeno. Um pequeno prazer é isso: algo pessoal e que, muitas vezes, passa despercebido.

Às vezes eles são ao que nosso corpo se agarra para atravessar uma tempestade. Eles são uma força motriz que faz com que sigamos. São como um guarda-chuva num dia chuvoso ou, no outro extremo, a chuva em um calor de 50°C. Existem como um bálsamo que alivia o peso do mundo.

Na verdade, quando pensamos em pequenos prazeres, imaginamos *o nosso próprio pequeno prazer* e isso também nos define como seres no mundo. Eles são relativos e pessoais. No entanto, ao entrarmos em contato com a ideia de prazer de outrem, podemos ampliar nossos horizontes e, assim, descobrirmos novas possibilidades de experienciar tal sensação.

Quando sugerido o tema desta edição, ninguém poderia imaginar a diversidade de pequenos prazeres que as pessoas estariam dispostas a dividir com os nossos leitores – e nossa equipe. Recebemos o maior número de submissões

de trabalhos literários e visuais da existência da Revista intransitiva e isso deixou muito claro o apreço que tal temática desperta. Depois de enfrentarmos três anos difíceis, é reconfortante poder compartilhar com o mundo um pequeno prazer.

Porém, num mar de horizontes imagináveis, esse foi um tema que nos fez navegar por muitos caminhos imprevistos...

Sabendo da subjetividade de um prazer, é importante pontuar que, ao longo da edição da revista, nos defrontamos com percepções que entendemos como sensíveis a alguns públicos e, a partir disso, nos propusemos a repensar o direcionamento da *Revista intransitiva* enquanto projeto institucional. Nesse sentido, acrescentamos **avisos de temas sensíveis** ao longo dos textos selecionados, intencionando uma leitura segura e agradável a todas as pessoas leitoras.

Mais que um tema findo em si, essa edição carrega a mudança que somente a diversidade pode proporcionar e, como revista e equipe, agradecemos a oportunidade proporcionada pelos trabalhos recebidos de traçar outros caminhos. Como novas editoras-chefes da revista, só temos a dizer: é um prazer compartilhar esses rumos e esperamos que, nas páginas que se seguem, possam encontrar o que procuram (e o que procura por vocês).

Isabel Lopes & Raíssa Vítola
coeditoras-chefe da Revista intransitiva

intransitiva

revista

PEQUENOS PRAZERES

VOLUME 7, NÚMERO 1 (DEZEMBRO/2023)

UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

Faculdade de Letras
Universidade Federal do Rio de Janeiro

EBA ESCOLA DE BELAS ARTES
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Inventar: o prazer essencial

MARCUS VINICIUS FARBELOW

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V.7, N.1, 2023)

Inventar: o prazer essencial

Marcus Vinicius Farbelow

Dos incontáveis pequenos prazeres que dão sabor à vida, há um que os antecede e unifica, intrinsecamente ligado à capacidade superdesenvolvida nas crianças e artistas, mas que está ao alcance de qualquer um de nós, desde que a ela nos dediquemos. Trata-se do prazer de inventar. Não me refiro às invenções ligadas à tecnologia, cuja realização depende de conhecimentos técnicos especializados: máquina a vapor, lâmpada elétrica, telefone, avião, televisão, computador, internet,etc. É claro que tais produtos da invencionice humana são formidáveis, mas seriam inteiramente inúteis caso não estivesse em atividade constante um outro tipo de invencionice, aparentemente mais trivial e prosaico, mas sem o qual a vida se tornaria insuportável: a fantasia. Mais propriamente: o enorme e crescente conjunto de fantasias que distraem e alegram os seres humanos, desde os seus primórdios.

Não me atrevo a proceder a catalogação sistemática desses verdadeiros bálsamos espirituais; basta-me apontar que existem diferentes tipos e subtipos, cada um dos quais com propriedades e indicação específicos. Além disso, não posso me furtar a indigitar dois grandes grupos, os quais podem ser considerados, ao menos numa análise superficial, como os geradores de todos os demais. As fantasias mais lembradas e enaltecidas são aquelas que aspiram ao grandioso, ao sublime, que buscam abarcar a totalidade da vida, granjeando-lhe um sentido heroico e altissonante. Em geral, as fantasias desse grupo são indicadas por palavras terminadas em "ismo", sufixo que combina bastante bem com suas pretensões holísticas e que lhes confere uma pujança ainda maior. Mas não nos enganemos: a despeito das veleidades grandiloquentes, tais fantasias não são mais necessárias do que as do outro grupo. Estas são menos ambiciosas, menos jactanciosas, não aspiram à totalidade nem à verdade; restringem-se às atividades mais

comezinhas do dia a dia, com o objetivo precípuo de despi-las de sua crueza inerente e de vesti-las com roupas mais coloridas e brejeiras. Em outras palavras: pretendem tornar menos penosas e fastidiosas as inumeráveis repetições, que constituem o massacrante cotidiano de cada um de nós.

Não é difícil entender por que esses dois grandes tipos se equivalem em importância: enquanto o primeiro se destina ao traçado da rota a percorrer, o segundo se presta a amenizar o desconforto dos inevitáveis solavancos do caminho. Um não tem razão de ser sem o outro. Pensemos por um momento: o que seria do homem devotado ao Socialismo se este não pudesse, ainda que eventualmente, se refestelar em sua confortável poltrona, copo de uísque à mão, a trautear canções heterodoxas, não canônicas (isto é, "não vermelhas")? E o que dizer dos sacerdotes do templo do Capitalismo Financeiro, sempre prestos em depositar oferendas (carne humana) no altar do deus Dinheiro? Como viveriam tranquilos se não acreditassem realmente em suas qualidades extraordinárias, únicas responsáveis pelos carros esportivos de que dispõem, pela mansão na qual vivem e pelos objetos de luxo que elegantemente a adornam? Como lidariam com sua consciência (partindo-se do pressuposto de que têm uma) se não tivessem a convicção inabalável de que um dia serão entronizados entre os grandes benfeitores da humanidade, entre aqueles que, guiados pelos mais elevados sentimentos humanitários, abriram mão de seus próprios interesses apenas para conceder, generosamente, emprego e renda a milhares de trabalhadores esfaimados?

Ilustração de André Lourenço

Sem as fantasias, o simples ato de acordar seria um tormento. A troco de quê empreenderíamos o enorme esforço de abrir os olhos? Apenas para ter de fechá-los em seguida? As fantasias nos dão um norte, um ou vários motivos para levantarmos e seguirmos firmes adiante. E, não bastassem todos os seus méritos intrínsecos, são profundamente democráticas: das inumeráveis opções disponíveis, basta esticarmos a mão e apanhar as que estiverem ao alcance. Melhor ainda: não somos forçados a carregá-las para o resto da vida. Se o fardo se tornar demasiado pesado, basta dele nos livrarmos, jogarmos em um monturo qualquer, irmos novamente ao mercado das fantasias e escolhermos outra, mais compatível com nossas exigências de momento. O único pré-requisito essencial para conferir às fantasias todo o seu potencial benfazejo é não levá-las, demasiado, a sério. Podemos até restringir nossa convivência com aqueles que compartilham de nosso núcleo fantasioso, mas não devemos, sob hipótese alguma, lançar mão de um suposto, fictício e espúrio direito de conversão, de imposição de fantasias, uma violência arbitrária e despropositada, ainda que empreendida em nome de um bem maior, pretensamente desconhecido pelos não aderentes.

Diante de tantas e tão grandes vantagens, é imperioso seguir o exemplo da escritora Virginia Woolf e tecer loas a todos os criadores de fantasias e ilusões, os únicos seres humanos realmente insubstituíveis. Um grande viva às ilusões! Um tonitruante viva àqueles que se incumbem de nos distrair das agruras inevitáveis do cotidiano!

Sobre o autor

Marcus Vinicius Farbelow, 44 anos, casado e pai de um adolescente de 17 anos, formou-se em Ciências Sociais pela USP há vinte anos. Atualmente é servidor público federal lotado em Rio Claro, interior de São Paulo, e gosta muito de escrever, embora nunca tenha publicado nada.

Prazeres que te aterram

CARLOS ALBERTO SAPATA CARUBELLI

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V.7, N.1, 2023)

Prazeres que te aterram

Carlos Alberto Sapata Carubelli

Vem lá de cima
te enche os miolos
carrega teus carmas
frio cala frio
que te deixa na cama
jogado em pelos e babas

Aquilo que te aterra
chega de mansinho
não pede licença, por favor
sem perceber, já entrou
te deixa sozinho, você consigo
os percevejos não contam
já estavam antes daquilo chegar

Aquilo que te aterra
não vem de longe
sempre esteve aqui, aí
cancro que consome
cada esquina dos teus sentimentos.

Você xinga a caixa do mercado

deseja a morte do vira-lata da esquina

desliga o telefone

Aquilo que te aterra

mói relações, ligações e conexões

gatos e cachorros já partiram

as pulgas estão de malas prontas

não aturam tua pele azeda e sangue amargo

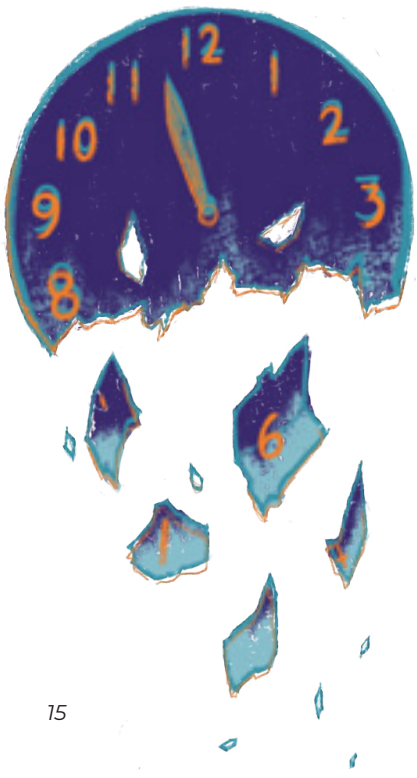
Aquilo que te aterra

não diz quando vai embora

alojou-se como ostra na pedra

é pedra dura, fria e com limo

limo que não sai com banho alongado



Você resiste

lava o rosto

come o pão embolorado jogado na pia

o bom dia ao quitandeiro sai como pedra no rim

o limo custa te abandonar

O batimento cai para cem
as plantas murchas ganham água
os animais voltam magros para casa
com comida no pote, decidem ficar

Respiração esmorece
meses, semanas, dias, horas, segundos
tempo acalma o cancro
água clareia o limo.
Continuará aqui, aí
até que novamente retorne para
aquilo que te aterra.

Sobre o autor

Administrador na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC - Brasil), mestre em Administração pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC - Brasil), e doutorando em Administração e Políticas Públicas pela Universidad Nacional de Córdoba (UNC – Argentina).

(Re)Descobrir prazeres: brincar, jogar e se exercitar!

RAFAEL GUIMARÃES BOTELHO

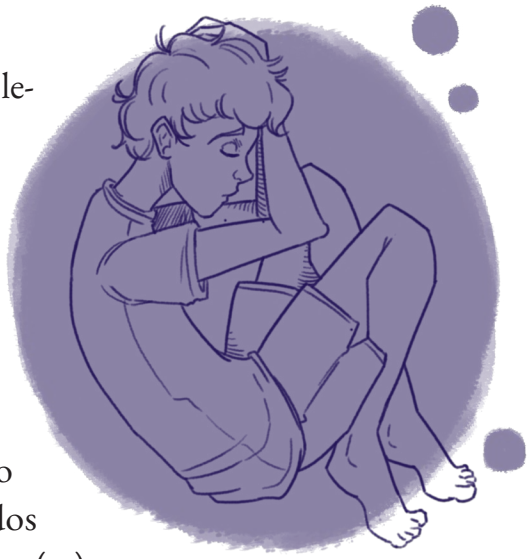
intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

(Re)Descobrir prazeres: brincar, jogar e se exercitar!

Rafael Guimarães Botelho

Iniciando a conversa



É magnífico constatar que décadas de vida levam muitas pessoas a aprender uma importante lição: sempre se pode (re)descobrir prazeres antigos e latentes, não importam a idade e nem a condição financeira. O seu rol de prazeres pode ser reencontrado – ou quiçá encontrado – de acordo com as mudanças, as vacuidades e, principalmente, as necessidades. E foi por meio de uma necessidade, os problemas gerados pela pandemia de COVID-19, que as pessoas (re) lembraram de algo prazeroso: que brincar, jogar ou se exercitar, sozinho ou acompanhado, pode trazer felicidade à vida!

O prazer olvidado

Mas o que significa "prazer"? O dicionário Houaiss da língua portuguesa (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2009, p. 1536)[1] apresenta uma acepção que dialoga com a mensagem deste escrito: como substantivo masculino, prazer pode ser definido como uma "[...] sensação ou emoção agradável, ligada à satisfação de uma vontade, uma necessidade, do exercício harmonioso das atividades vitais etc.; alegria, contentamento, júbilo, satisfação [...]". De forma mais concisa, "[...] diversão, distração, divertimento" (p. 1536). E a palavra "necessidade" é chave e volta a aparecer.

Uma "necessidade" é o combustível que gera uma reação nas pessoas, podendo ser uma relevante aliada para a busca de um antigo ou de um novo prazer. Pense o seguinte: no biênio 2020/2021, período catastrófico para

1 HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. reimpr. com alterações. Rio de Janeiro: Objetiva: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2009. Impresso e em CD-ROM.

Ilustrações de Natalia Helena

a humanidade, foi necessário se reinventar e encontrar algum "tipo" de prazer em um momento triste, de desalento, de centenas de mortes diárias, de isolamento e distanciamento social. Muitas pessoas precisaram (re)encontrar um prazer para não entrar em um quadro de depressão. Foi neste cenário caótico que uma "simples" atividade, esquecida (ou preterida) há décadas, pôde proporcionar um "pequeno prazer". Brincar, jogar ou se exercitar é um tipo de prazer que, em tempo algum, poderia ser olvidado ou ignorado. Você consegue lembrar como foi difícil viver isolado em casa? Ficar estagnado, em um apartamento, sem poder se exercitar ou jogar na rua, caminhar ou correr na beira da praia, com os seus amigos e amigas?

Reflexão final

Nesse sentido, fica um importante questionamento: por que foi preciso existir uma pandemia para as pessoas (re)descobrirem e, também, darem mais importância ao prazer de brincar, jogar e se exercitar?

Sobre o autor

Rafael Guimarães Botelho é apaixonado pela leitura literária e adora livros infantis. Professor da Educação Básica, aventura-se em diferentes tipos de textos, apesar de considerar incipiente a sua escrita literária. Defensor da Arte e da Literatura, é formado em Educação Física. Atualmente, é pós-doutorando em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). É professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ).
O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil (processo nº 100172/2021-0).

intransitiva
revista

Traço livre

KARLOS SOUZA

SOBRE

Traço livre: Pintura digital, 2023

***Karlos Souza** é ilustrador e designer formado pelo SENAI. Atualmente, cursa Artes Visuais – Gravura na Escola de Belas Artes da UFRJ. Começou pela tentativa de desenho na pixação, passando pelo desenho em quadrinhos, até desenvolver o desenho publicitário. Busca sempre a arte urbana na linguagem do grafite. Hoje, está mais envolvido com trabalhos de criação de personagens, ilustração de livros e publicitária.*

Poema Goteira

WANESSA RODOVALHO
MELO OLIVEIRA

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V.7, N.1, 2023)

Poema Goteira

Wanessa Rodovalho Melo Oliveira

O
Cheiro
Da
Chuva
Molhando
A
Areia
É
O
Meu
Melhor
Cheiro.
Mas,
Pela
Janela
Do
Meu
Quarto
Eu
Só
Ouvia
O
Seu
Barulho
E
Enxergava

A
Parede
Cinza.
Quinze
Dias
Isolada
Por
Causa
Do
Distanciamento
Social,
O
Som
Da
Chuva
Caindo
No
Telhado
Era
O
Meu
Acalento
Para
Dormir
E
Desejar

Sarar.
Tive
Tempo
Para
Pensar
Em
Como
A
Vida
Requer
As
Coisas
Simples
Para
Serem
Prazerosas.
Assim,
Vi
Que
Muitas
Pessoas
Estavam
Em
Situação
Pior.
Dentro

De
Mim
Havia
Uma
Tempestade,
Mas,
O
Que
Realmente
Estava
Acontecendo
Comigo
Não
Era
Nada
Mais
Que
Uma
g
o
t
e
i
r
a
.....

Ilustrações de Maria Julia Ferreira

Sobre a autora

Doutoranda PPGL em Linguística da UNEMAT, desenvolve pesquisas sobre as crenças e as atitudes linguísticas na Tríplice Divisa entre os estados de MT, MS e GO – nos municípios: Alto Taquari, Costa Rica e Mineiros. Integrante do GEVALIN- GRUPO DE ESTUDO EM VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, da UEL. É professora efetiva da Rede Estadual de Ensino - SED/MS, amante das artes e das histórias em quadrinhos.

Gotejar

MARIA FERNANDA
BORGES DE CARVALHO

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

Gotejar

Maria Fernanda Borges de Carvalho

Chegar em casa é sempre um estresse para Marina.

Depois de bater a porta, a mulher põe a bolsa surrada na mesa. Ela tira os sapatos com solas pra lá de desgastadas e corre pra pegar outro balde — tem que substituir o que está quase transbordando da água que cai do teto da minúscula cozinha. A goteira virou sua companheira tem alguns meses e já passou da hora de dar um jeito nisso, porém a mulher nunca acha tempo — ou dinheiro. Também tem que fazer o jantar às pressas, porque já chega tarde em casa. Não tem tempo nem de sentar. Coloca o balde e o *ping, ping, ping* recomeça no fundo dele. Quando joga a água fora, ouve:

— Quem é?

— Cheguei, mãe. — Sua voz sai pesada sem querer. Assim que entra no quarto, Marina contempla a mãe. Vai fazer uma década desde que ela adoeceu precocemente. A princípio era suspeita de exaustão por excesso de trabalho; ela tinha dois empregos e se desdobrava para pagar as contas e ajudar o filho adulto que ainda dependia dela — um encosto, na humilde opinião de Marina. Começou a esquecer onde havia deixado as chaves. Depois, se já tinha pagado a conta de luz, qual era o nome da vizinha de anos.... Quando veio o diagnóstico, Marina não soube o que pensar, muito menos o que fazer.

— Como você tá? A Silvinha te deu o jantar antes de sair? — pergunta enquanto senta na cama próximo a ela.

— Hoje foi calmo. — Ela olha para a filha, mas Marina não tem certeza se a vê. — Mas, querida, você tem notícias do seu pai? Era pra ele já ter ligado, ele disse que ia avisar assim que fosse liberado do serviço...

Não, ele não vai ligar. Mas a filha não dirá isso à mãe. Seu pai falecera num acidente de trabalho tinha anos, um pouco antes da mulher adoecer.

Os olhos da mais velha expressam genuína preocupação e a mulher não consegue evitar sentir os olhos quentes. Ela pergunta dele quase todo dia. Não importa quantas vezes aconteça, ver sua mãe confusa e inválida é sempre terrivelmente deprimente.

— Não, mãe, mas já tá tarde. Vamos dormir e amanhã vemos isso, ok? Tá tudo bem.

Debater com ela é perda de tempo e mais faz mal do que bem, de qualquer forma.

A mãe estica os braços e acaricia o rosto da filha com as duas mãos.

— Fico tão feliz que você deslanchou na vida, meu amor.

— Obrigada. É tudo graças à senhora. — Pega as mãos da mãe e as beija.

Marina se levanta. Precisa tomar um banho urgente. O transporte público estava lhe sufocando até há poucos minutos. *Ping... Ping... Ping....* Antes, volta até a sala conjugada e abre a geladeira. Ótimo. Silvinha não deu o jantar para sua mãe. Tudo bem, ela resolve quando sair do banho.

Não lembra a última vez que tomou banho de água quente. Mas, sinceramente, nem sente tanta falta assim. Depois do choque inicial, basta alguns segundos e sua pele áspera se acostuma à chuva congelante. Já se sente sortuda de ter chuveiro em casa — esse é um privilégio para poucos dali.

Pega o sabonete em barra e esfrega em seus braços moídos de segurar nas barras dos ônibus e metrôs. Passa a mão ensaboada nas costas, de mal jeito. Aquelas costas doídas de tanto tempo sentada no caixa do supermercado. Ri de si mesma. Aquilo, para a mãe, era "deslanchar na vida". Não que possa reclamar. É melhor do que ser um viciado que depende da mamãe, como seu irmão.

Ilustrações de Stéphanie do Carmo

A mulher acarinha-se embaixo daquela água inebriante, numa tentativa de acalmar seu coração aflito. As contas estão chegando e os remédios da mãe são caros. Recebe um dinheiro do Governo, mas não chega. Enquanto deixa o cabelo crespo encharcar, permite-se ouvir a água que cai sem rodeios ao seu redor, de olhos fechados. Diferente do barulho ritmado a esmo das goteiras — uma tensão acumulada aos poucos que não mata, mas também não deixa viver —, o som da ducha é como música: um enorme cascatear que leva toda a sujeira e lava todo o cansaço. Um pequeno alento em meio ao caos que são seus dias.

De repente, ouve um vidro quebrando. Assusta-se e fica imóvel, os ouvidos atentos, a mão no peito. Nada ouve além da água. Fecha o registro. Grita se a mãe está bem, porém não tem resposta. Imagina que deve ter sido no vizinho. Abre o registro outra vez e termina de se lavar.

Assim que sai do chuveiro, ouve um murmurar estranho vindo do outro lado da porta. Voz de homem. Num choque, se dá conta de que a porta de sua casa é de vidro. Angustiada, se seca rapidamente e enrola o corpo na toalha. Sai do banheiro.

— QUE MERDA É ESSA, LEANDRO?

O irmão mais velho está desconectando os cabos da televisão de tubo da sala conjugada. A porta de vidro está quebrada e escancarada. A mulher olha para a mãe, que parece com medo, mas não fala nada.

— Larga essa televisão e sai da minha casa agora! — Marina segura forte a toalha com uma mão enquanto aponta para a porta com a outra. Então repara na bagunça na sua casa: gavetas, armários e até a geladeira estava aberta. Percebe que a quentinha da sua mãe foi comida; a embalagem de alumínio vazia em cima da pia denunciou o crime. Uma das únicas coisas que está em seu lugar é o balde. O bendito balde.

— Depois eu te devolvo, tá legal? — o homem diz, ainda com a boca suja de farofa. Está visivelmente alterado, mas Marina não sabe qual a droga da vez.

— Devolve merda nenhuma! — Corre para o quarto, abre a cômoda e põe um vestidinho qualquer. — Até a comida da mãe você pega?!

O homem segue tentando desconectar o emaranhado de fios. Marina pega o telefone e liga para o 190. Quando atendem, ela começa a denúncia. Leandro se assusta e corre dali sem dizer nada. Avisa à mulher na linha, que recomenda que ela troque a fechadura e invista em portões de ferro com cadeado. Desliga.

A casa está um caos e a mãe havia começado a chorar. A mulher vai até ela e a consola, dizendo que já passou e que está tudo bem.

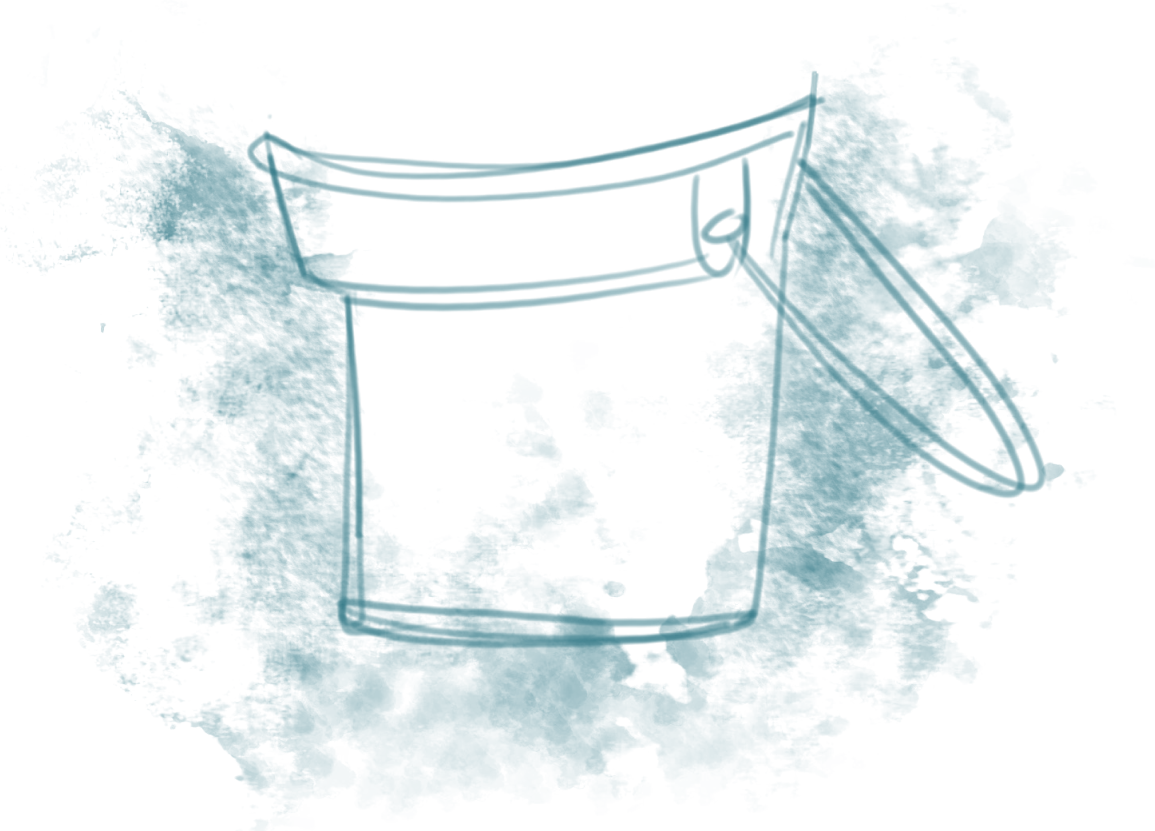
— Quem era?

— Leandro. Queria levar a tevê.

— Quem?

— Ninguém importante, mãe. Vou fazer o jantar, tá bem?

Pega umas batatas e começa a descascar. Só o que ela queria era uma noite de paz depois de um dia cheio. Mas acha que isso é pedir demais, pelo visto. Para piorar a situação, recomeça a chover e a goteira aumenta a intensidade do seu pingar. Simplesmente maravilhoso. Descasca cenouras, lava o peito de frango, prepara o arroz. Coloca para cozinhar. *Ping... Ping... Ping...*



Ilustrações de Stéphanie do Carmo

— Ai! Que merda! — dispara ao se queimar.

Abaixa o fogo. Decide que vai fumar um cigarro. Está parando de fumar, é verdade, mas, depois de hoje, ela merece. Não pode fumar dentro de casa, então vai em direção à porta... Ah. Está chovendo. E muito. A porta quebrada permite que o vento traga água para dentro da casa; Marina corre para pegar um pano de chão. Acende o cigarro e fica olhando o mundo cair. O pingar continua, frenético, e Marina sente vontade de chutar o balde, mas se segura. Não vai causar mais estresse para a mãe. Dá um trago. Alívio.

— Que se foda tudo.

Sobre a autora

Maria Fernanda é aluna de graduação de Letras Português – Literaturas na UFRJ. Ela sempre gostou de escrever, mas não sabia até pouco tempo o que fazer com isso. Decidiu que botar pra fora é sempre a melhor opção. Eis aqui uma tentativa.

Charlie e a grande inundação

C. SEAN MCGEE

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

Charlie e a grande inundação

C. Sean McGee

Era uma vez uma pequenina gota de chuva, que vivia em uma pequenina casa em uma pequenina cidade, dentro de uma pequenina nuvem; uma que flutuava relativamente alto no claro céu azul. Charlie era o seu nome e ele era a gota de chuva mais feliz naquela nuvem, quiçá até mesmo em todo aquele céu.

"Charlie, querido, é hora de acordar!"

Aquela era a coisa favorita de Charlie em todo o mundo – acordar. E ir para a escola – é claro. O quão fantástico era, portanto, que ele pudesse fazer ambos todos os dias!

"Viva! Um novo dia" gritou Charlie. "Uhuuu! Estar vivo é incrível".

Era como se, enquanto ele dormia todas as noites, alguém entrasse em seu quarto com um canudo e soprasse uma enorme bolha de alegria dentro dele, porque todas as manhãs, quando acordava, ele saltava ao redor de seu quarto, quase como se fosse um grande e velho balão. Acordar era fantástico, realmente era. Não havia sentimento melhor, exceto claro, ir para a escola!

Veja bem, na escola, Charlie podia encontrar seus melhores amigos. Todos eram gotas de chuva, assim como ele. Alguns deles eram grandes gotas de chuva e alguns eram pequenas gotas de chuva, porém como Charlie, todos eram feitos de água, e era aquilo que importava. Ele tinha tantos amigos também – o suficiente para encher centenas de piscinas. Ele os amava e eles o amavam.

"Hoje é o grande dia, Charlie", disse a Mãe. "Está animado?"

Charlie quase havia se esquecido. Hoje era o grande dia. Ele havia pensado que era apenas um dia normal.

“Sua mãe está certa, você sabe”, disse o Pai. “É um grande dia hoje”.

Aquilo o fez parecer tão assustador, como se não houvesse maneira alguma de ser divertido.

“Eu já te contei sobre o seu tio?”

Charlie sentou-se e prestou atenção ao pai, exatamente como ele sempre fazia toda vez que escutava aquela história. “O orgulho da família”, seu pai o chamava. Uma história que ele contava centenas de vezes ao dia, todos os dias da semana. Era uma história que Charlie nunca se cansava de ouvir, assim como seu Pai nunca se cansava de contá-la.

“Ele era mais ou menos da sua idade, ele era: Tio Cliff. Ele era o orgulho nos olhos de meu pai também. De todos, realmente. O orgulho de nossa família, ele era. E ainda é”.

Sua Mãe repousou a mão no ombro de seu Pai e secou uma lágrima, e não era de tristeza.

“A gota de chuva mais corajosa da nuvem”, disse o Pai. “Você sabe do que ele era feito?”

Claro que ele sabia; da mesma coisa que era feito, todas as outras vezes que ele contava aquela história.

“Do quê, Pai?” questionou Charlie, pretendendo não fazer ideia.

“Coragem”, disse o Pai. “Ele era feito de coragem”.

“Coragem”, repetiu Charlie, com admiração, como se estivesse escutando aquilo pela primeira vez. “Uau”.

“Isso mesmo. Seu tio não choveu em qualquer lago ou poça d’água velha, não como qualquer outra gota de chuva. Não senhor”.

"O que ele fez pai?" questionou, já na borda de sua cadeira. "O que ele fez?"

"O seu tio Cliff apagou o grande incêndio", disse o Pai.

"Uau".

"Isso mesmo. Ele não esperou. Ele não hesitou. Ele não estava nem um pouco assustado. Ele simplesmente pulou dessa pequena nuvem e caiu exatamente no topo daquele inferno borbulhante. E você sabe o que ele fez?"

"O que pai?"

"Ele salvou o dia. Seu tio, Cliff. O orgulho da nossa família".

Charlie irradiava alegria. Ele amava escutar aquela história.

"Um dia nós estaremos contando uma história sobre você", disse a Mãe.

Ela beijou-o na bochecha e entregou seu lanche já embalado.

"Você acha?" indagou Charlie. "Você acha que eu poderia ser o orgulho da família também?"

"Eu sei disso", disse a Mãe.

Desde que nasceu, Charlie sabia que um dia chegaria o momento em que teria que deixar sua pequenina casa, deixar sua pequenina cidade, e por mais louco que pudesse parecer, deixar também a pequenina nuvem. Sim, isso mesmo! Eles esperavam que ele pulasse da nuvem!

Louco, não é mesmo?

Mas aquilo era apenas o que as gotas de chuva faziam. Era o que elas nasceram para fazer. Quando era chegado o momento, elas pulavam da sua nuvem com zilhões de outras gotas de chuva, em direção à Terra.

"Seja quem você está destinado a ser".

Aquele era o lema. Era o que todos diziam – sua professora, sua mãe, seu pai; todos.

Você pode ser alívio para um fazendeiro, talvez; um fazendeiro cujas plantações e gado estejam ressecados, sedentos e colocados à prova por uma longa e terrível seca; ou você pode ser um deleite para uma floresta, cujas copas das árvores chegam tão alto quanto as nuvens, enchendo córregos e rios que a serpenteiam, trazendo sustento para todas as grandes e pequenas criaturas que vivem por ali; ou você pode ser alegria para uma pequenina criança em um parque, brincando em uma grande e velha poça de lama. Você pode ser qualquer coisa.

"Seja quem você está destinado a ser".

Isso é tudo o que todos sempre disseram.

"Seja quem você sempre esteve destinado a ser. Seja quem você está destinado a ser".

Mas o problema era exatamente esse, pois veja bem; o pobre Charlie não sabia quem ele queria ser.

"E se eu não souber o que eu quero ser?" ele perguntou.

"Você saberá", disse a Pai, de modo críptico.

"Você irá descobrir", disse a Mãe, como se aquilo tornasse tudo melhor.

"E se eu não for alívio?" disse Charlie. "E se eu não for deleite?"

O pobre menino estava sobrecarregado com preocupações.

"E se eu não for Alegria?"

Aquele pensamento era absurdo. Aquilo era tudo o que lhe havia sido ensinado a ser. Era tudo o que ele poderia ser. No entanto, lá estava ele, pensando em si mesmo no futuro e imaginando um cenário muito pior.

"E se eu for uma inundação?" ele disse.

O pensamento por si só já era aterrorizante. Seu Pai, contudo, apenas sorriu.

"Você ficará bem, filho. Só permaneça na sua fila, fique junto com seus amigos e tudo sairá bem. Você vai ver. Não há motivo algum para se preocupar".

Ele fez tudo soar tão fácil.

"É melhor irmos", disse a Mãe. "Hoje é o grande dia e não queremos nos atrasar".

E era mesmo. Hoje era o dia em que Charlie iria pular da nuvem. Hoje era o dia em que ele iria descobrir a quem estava destinado a ser. Deveria ser o dia mais feliz na vida dele, também. Deveria, mas não era.

"Eu queria que fosse ontem", disse Charlie. "Eu realmente queria".

Veja bem, Charlie não queria crescer. Ele não queria mudar. Tudo já estava perfeito daquele modo. A escola era divertida. Jogar pega-pega no pátio da escola era tão bom. Por que ele não podia ser uma criança para sempre?

"Bem?" disse Mãe, com toda sua sabedoria. "Mesmo que fosse ontem, ainda assim continuaria a ser hoje".

Charlie não entendeu muito bem o que ela quis dizer, porém o ajudou a parar de se preocupar.

"Olhe", ela disse. "Lá estão todos os seus amigos".

Ali, à beira da nuvem, se encontravam zilhões de gotas de chuva, todas elas pulando de um lado pro outro, tentando espreitar por cima da borda; seu professor – o Sr. Gota – balançava os braços intensamente, tentando colocar todos em uma única fila.

"Charlie, venha conosco", disse um grupo.

"Charlie, venha conosco", disse outro.

Cada grupo formou uma fila ao longo da borda da nuvem, cada um com um lugar e propósito diferente. Alguns deles iriam levar chuva para

fazendeiros, aqueles cujo gado e plantações haviam sido ressecados por uma seca prolongada, enquanto outros iriam encher lagos e riachos, e saciariam a sede da mais bonita das flores e da mais alta das árvores. Alguns até fariam grandes poças, do tipo em que as crianças adoravam brincar, para que pudessem ficar todas enlameadas e se divertirem.

"Charlie, venha conosco", todos gritavam.

Todos eles estavam tão felizes, tão seguros de quem eles iriam ser.

"Eu não estou preparado", disse Charlie.

"Ninguém nunca está preparado", disse a Mãe. "Não importa o quanto planeje. Quando é chegada a hora, mesmo o mais corajoso – mesmo o mais preparado – deseja ter apenas mais um minuto".

"Mas e se eu não for como o Tio Cliff?"

Ele olhava para o seu Pai enquanto dizia. Tio Cliff era o orgulho da família. Ele era o orgulho de toda a cidade. Tudo que Charlie sempre quis, foi deixar seu pai orgulhoso.

"E se eu não trouxer alívio? E se eu não trouxer deleite? E se eu não trouxer alegria? E se eu chover no desfile de alguém? E se eu não deixá-los orgulhosos?"

"Você se preocupa demais. Você se sairá bem", disse Mãe. "Seu Pai ama você. Ele só quer ver você feliz. Nós dois queremos. É apenas uma escolha".

"E se eu cometer um erro?" questionou Charlie, soando mais que incerto; soando totalmente assustado. "E se eu escolher errado? E se eu não souber quem eu quero ser?"

Mãe sorriu e beijou-o na bochecha.

"Você é quem você é", ela disse. "E esse é quem você será para sempre".

Novamente, Charlie não fazia ideia do que ela queria dizer, porém de novo o ajudou a parar de se preocupar.

"Eu te amo, querido", ela gritou, enquanto ele seguia para se juntar com seus amigos.

Charlie não ousou olhar para trás, pois sabia que se olhasse, ele iria apenas chorar e desejar ir para casa. Ao invés disso, ele pretendeu ser tão bravo e corajoso quanto Tio Cliff.

"Eu queria que fosse ontem", ele disse para si mesmo.

"Dez segundos", gritou o Sr. Gota.

Ele havia passado a vida inteira preparando-os para este momento, o Sr. Gota; moldando-os nas gotas de chuva que eles eram, e nas gotas de chuva que logo se tornariam. Se ele estava orgulhoso, fez um grande trabalho escondendo esse sentimento. Seu rosto tinha o formato de uma pistola de largada e a sua voz, enquanto gritava a cada fila para se preparar e se posicionar, soava como o apito de um árbitro.

"Cinco segundos", ele gritou.

Charlie espreitou-se sobre a borda da nuvem. Abaixo dele, era possível ver centenas de outras nuvens, e nas bordas dessas nuvens, gotas de chuva como ele, todas alinhadas e não apenas prontas, mas ansiando pular – todas elas tão completamente seguras de quem eram e de quem queriam ser.

Todavia, tudo que Charlie queria era mais um minuto.

"Um segundo!"

Era tão distante dali. Tão, tão distante.

"Deixe-me orgulhoso", gritou Pai.

E foi isso que assustou Charlie e o fez tropeçar e cair da nuvem. Ele nem sequer estava na fila. Sr. Gota nem sequer havia gritado 'Pulem'. E no momento que ele o fez, Charlie já estava caindo – solitário.

"Eu queria que fosse ontem", berrou Charlie, enquanto ele caia do céu.

Era uma longa descida. De fato, era tão longa que, antes mesmo de chegar à metade do caminho, Charlie parou de gritar e de berrar e, em vez disso, voltou à sua preocupação silenciosa e pensativa.

"Não seja uma inundação", ele pensou. "Não seja uma inundação. Não seja uma inundação".

Ao redor dele, centenas de milhões de gotas de chuva – zilhões talvez – estavam chovendo do céu, todas elas amontoadas em seus respectivos grupos; Charlie, a única que estava solitária.

Um grupo cantarolava uma música enquanto chovia. Eles pareciam e soavam tão celebrativos.

"O que você vai ser?" gritou Charlie.

"Alegria" gritou uma das gotas de chuva em resposta.

Aquilo por si só tornou todas as gotas de chuva mais felizes.

"E você?" , perguntou a gota de chuva para Charlie.

Charlie não sabia. Tudo que ele desejava era não ser uma inundação.

A maioria dos grupos eram muito semelhantes, cantarolando canções em tom de celebração e repletos de alegria. A maioria, não todos. Havia alguns grupos encrenqueiros. Grupos que eram formados por gotas de chuva raivosas e rebeldes; gotas de chuva que não gostavam nem de alívio, nem de deleite, nem de alegria – gotas de chuva que, ao invés disso, se propunham a fazer exatamente o contrário.

"Ei moleque", gritou uma dessas gotas de chuva. "Nós vamos chover em um casamento", disse uma gota de chuva. "Vamos arruinar o dia deles. Vai ser maneiro. Quer vir?"

"Não, obrigada", gritou Charlie, educadamente.

"Quem perde é você", disse a gota de chuva rebelde.

Charlie apenas ficou aliviado por eles não o terem batido.

“Eu queria que fosse ontem”, ele repetiu.

Charlie podia ver o chão agora. Ainda estava muito distante, mas pela primeira vez ele podia ver a fazenda, a floresta e o parque. Ficavam tão próximos um do outro e, ainda assim, ele sentia-se tão distante de todos deles.

“Charlie!”

À sua direita, Charlie conseguia ver todos seus amigos amontoados, juntos.

“Venha conosco”, eles gritaram.

“Eu não posso”, disse Charlie, em resposta.

Ele também não conseguia. Ele estava muito distante e por que ele era apenas uma gota de chuva solitária, o vento o estava distanciando de seus amigos; cada vez mais distante, da fazenda, da floresta ou do parque. Levava-o em direção ao rio, um lugar onde nenhuma gota de chuva gostaria de ir.

“Você não pode ir para o rio”, gritaram seus amigos.

“Eu sei”, gritou Charlie, em resposta. “Mas é para onde o vento está me levando; não há nada que eu possa fazer. Eu queria que fosse ontem”, ele gritou. “Eu queria estar com vocês”.

O vento já o havia levado – estava tão distante. Não havia possibilidade de ele conseguir retornar para eles. Não havia nada que pudesse fazer.

“Nós te amamos, Charlie”, gritaram seus amigos.

Entretanto, Charlie não podia ouvi-los. Ele estava caindo mais rápido agora. E abaixo dele, em vez de uma fazenda, uma floresta ou um parque infantil, havia um rio em fúria, que soava tão ruidoso e feroz e desastroso quanto parecia – apenas uma torrente de destruição incontrolável. Consternado pelo barulho e com medo de olhar para baixo, o pobre Charlie fechou os olhos.

"Eu sinto muito, Pai", ele disse. "Eu sinto muito, Mãe. Eu queria ter sido melhor. Eu queria ter sido como o Tio Cliff. Eu realmente queria que fosse ontem".

E, em seguida, ele se chocou contra o rio.

A torrente se enfureceu. Ela rodopiou e redemoinhou, girando Charlie em círculos, em piruetas e cambalhotas, cuspindo-o no ar mil vezes, apenas para sugá-lo de volta em seguida. Ele estava atordoado, delirante e desesperado para escapar. Mas não havia escapatória. Naquele momento, ele era o rio, tanto quanto ele era si mesmo.

"Olá", disse uma gota de chuva.

O nome dela era Stacey.

"Eu sou a Stacey", ela disse.

Ela estava tão serena, considerando o quanto as coisas estavam complicadas.

"Qual é o seu nome?" ela disse.

"Eu sou o Charlie", disse Charlie.

Ele, contudo, não estava.

"Isso não é muito divertido?" disse Stacey.

Essa era uma daquelas perguntas, todavia, que não era uma pergunta.

"Eu queria que fosse ontem", gritou Charlie.

"Você não está se divertindo?" ela indagou. "Você não gosta de corredeiras?"

Era uma pergunta justa. Charlie era uma gota de chuva, e nada deixava gotas de chuva mais felizes do que pular, saltar e rodopiar. Era a coisa mais divertida no mundo para se fazer. E toda gota de chuva amava se divertir. Céus, isso era tudo que Charlie fazia na escola todos os dias, e era tudo o que

ele fazia quando chegava em casa e brincava sozinho – pulando e saltando e rodopiando.

E ainda assim, aqui estava ele, em um rio furioso com um bilhão de zilhões de gotas de chuva, todas elas fazendo a única coisa que ele amava mais do que qualquer outra coisa – pular, saltar e rodopiar – e o pobre e velho Charlie estava taciturno.

"Eu estou preocupado", ele disse.

Assim ele soava também.

"Preocupado? Sobre o quê?"

"Sobre o que nós nos tornaremos", disse Charlie.

Stacey sorriu.

"Você é engraçado", ela disse. "Eu gosto de você".

O rosto de Charlie, no entanto, tinha o formato de um ponto de interrogação.

"Oh, você está falando sério?" disse Stacey. "Eu pensei que estivesse brincando".

Ela parecia mesmo um pouco confusa.

"É tudo no que consigo pensar", disse Charlie.

"Então, apenas pense alguma outra coisa", disse Stacey. "Ou melhor ainda, não pense em nada!"

E em seguida, ela fez uma série de cambalhotas.

"Você não está preocupada?" questionou Charlie.

Stacey segurou as mãos de Charlie e o girou tão rápido quanto possível. E eles rodaram e rodaram e rodaram cada vez mais rápido. Logo eles estavam girando tão rápido que tudo se transformou em um borrão. Eles não conseguiam ver nada. Eles não conseguiam escutar nada. E quando os dois estavam rápidos o suficiente, eles não conseguiam nem pensar.

"Isso é magnífico", gritou Charlie.

Por um segundo, era como se ele houvesse retornado para a nuvem, brincando com seus melhores amigos. Ele sentiu-se como uma criança novamente – alegre, espirituoso, e livre. A única coisa que importava era o agora, e agora ele estava tendo a maior diversão que ele já teve em toda sua vida.

"Eu te amo, Charlie", gritou Stacey, soltando suas mãos.

Charlie continuou rodando e rodando e rodando, sorrindo o tempo inteiro. Ele nem sequer notou o rio se dividindo em dois. Ele nem sequer notou Stacey flutuando para um lado e ele para o outro.

"Eu te amo, Stacey", ele gritou, entendendo-se para segurar as mãos delas.

"Quem é Stacey?"

Não eram as mãos de Stacey que ele estava segurando.

"Quem é você?" disse Charlie.

"Eu sou o Jeff", disse Jeff.

"Jeff? Onde está Stacey?"

"Quem é Stacey?"

"Ela é uma gota de chuva. Ela é a minha melhor amiga".

"Sério? Eu sou uma gota de chuva. Nós deveríamos ser melhores amigos também".

Ele estava certo. Não havia motivo para eles não serem. Afinal, ambos eram gotas de chuva, e ambos amavam pular e saltar e rodopiar mais do que qualquer coisa.

"Melhores amigos para sempre!" gritou Jeff.

"Melhores amigos para sempre!" gritou Charlie, em resposta.

Logo não eram apenas Charlie e Jeff, havia pelo menos meio zilhão de gotas de chuva de mãos dadas, todos pulando e saltando e rodopiando. E todos eles estavam gritando ao mesmo tempo.

"Melhores amigos para sempre!"

Eles estavam se divertindo tanto, que Charlie havia esquecido completamente de se preocupar, o que era algo que ele sempre fazia. Era importante se preocupar. Significava que se importava com o futuro, porque estava pensando sobre todas as coisas que poderiam dar errado. E aqui estava ele, no meio de um furioso rio, um que poderia facilmente tornar-se uma inundação, e ele não estava nem um pouco preocupado.

"Estou tendo o momento da minha vida", ele gritou.

Os zilhões de outras gotas de chuva todas concordaram. E o mesmo aconteceu com os outros zilhões que se juntaram a eles ao redor da curva do rio. Havia tantas gotas de chuva agora que o rio estava cheio, tanto que transbordou sobre as margens, sobre a terra que o rodeava.

"Ah não", pensou Charlie. "Eu sou uma inundação. Eu vou trazer ruína e sofrimento ao mundo. Eu vou trazer vergonha para minha mãe e meu pai".

Charlie começou a chorar. Entretanto, quanto mais ele chorava, mais cheio o rio de tornava. E quanto mais cheio o rio, mais a pequenina gota de chuva chorava.

"Eu quero ir para casa", ele gritava. "Eu queria que fosse ontem".

Dessa vez, o rio não se derrubou apenas sobre as margens; ele inundou toda a terra. Empurrados pela borda, Jeff e as outras gotas de chuva gritaram de alegria: "Nós te amamos, Charlie".

A pobre e pequenina gota de chuva não escutou, contudo. O rio se enfureceu e rugiu tão alto que até seus próprios gritos não puderam ser mais ouvidos. Charlie transbordou, empurrado por uma correnteza grandiosa, sobre a terra, quase arrancando cada árvore, chicoteando o solo como grãos de areia em um vento ciclônico.

Cheio de vergonha e culpa, Charlie segurou a respiração a cada segundo do caminho. Ele fechou seus olhos também, não querendo presenciar qual tipo de terror e devastação que esperavam por ele. Quando ele finalmente os abriu, não era miséria que o esperava. Não eram morte e destruição inimagináveis. Não eram caos, devastação e ruína. Não. Era alegria.

Eram alegria, deleite e alívio.

"Papai", chamou uma pequenina menina, juntando suas mãos para enchê-las com água suficiente para molhar seu pai. "É um milagre".

Ilustração de Vanessa Marques

Tinha sido um ano particularmente seco e nem a menina nem seu pai haviam pensado que haveria chuva suficiente nesta estação para encher o rio o suficiente para que uma inundação pudesse chegar a sua pequena fazenda e saciar a sede de suas plantações queimadas pelo sol. Ambos estavam tão preocupados, que nem a menina nem seu pai haviam visto um ao outro sorrir durante esse período. Tamanho foi o feitiço da miséria que a seca havia trazido que até mesmo suas lágrimas estavam secas. Ou assim seria se não fosse pelas lágrimas que escorriam pela face da pequenina menina – e pela de seu pai também – que eram tanto lágrimas de felicidade. quanto eram de alívio.

"Você está certa, minha filha", disse seu pai. "Os deuses nos abençoaram com chuvas generosas e uma inundação abundante. Que deleite poder ver tanta água. O suficiente para todas as nossas plantações. O suficiente para as plantações de todos. De fato, é um milagre. Os deuses estão sorrindo. Os deuses são bondosos".

E então, a pequenina menina segurou uma única gota de chuva em suas mãos: Charlie. Ela mirou-o como se ele fosse o mais grandioso presente em todo o mundo. E ele mirou-a de maneira muito semelhante. A pequenina menina sorriu para ele, e Charlie sorriu em resposta. Toda a sua vida, ele havia passado se preocupando sobre quem ele iria se tornar, e agora, ao fim de sua jornada, tudo estava tão evidentemente claro.

"Eu fui eu o tempo todo".

Sobre o autor

Escritor existencialista. 23 livros publicados. Professor existencialista de inglês no Brasil (Araraquara). Irlandês e Australiano. Ex-músico na Austrália (*Hypercenter*).

intransitiva
revista

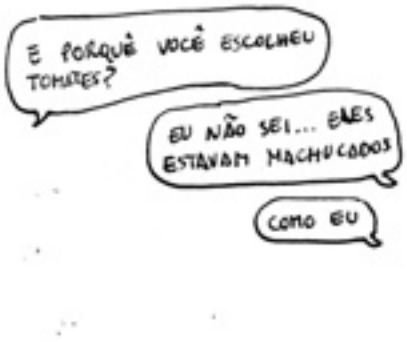
Por que você escolheu tomates?

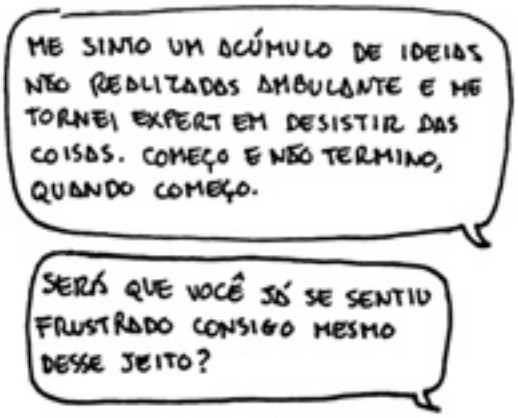
REVELYN VELOSO

SOBRE

Por que você escolheu tomates?: nanquim sobre papel e intervenção digital, 2019-20??

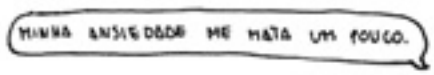
***Revelyn Veloso** é uma mulher em processo de construção da própria identidade, não só como pessoa, mas também como artista. Bacharel em Pintura pela EBA/UFRJ, a recém formada tece uma narrativa dentro de sua linha de pesquisa entre o consumo voltado para as redes sociais, a racialidade, a beleza, e a busca por amor próprio. Seu trabalho é constituído majoritariamente por retratos feitos a óleo e textos críticos complementares às suas pinturas. Nestas, a artista traz mulheres que admira e com as quais se identifica, buscando reconhecer-se em suas composições. Ela acredita que sua arte é um reflexo de si.*

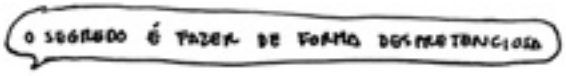

E PORQUÊ VOCÊ ESCOLHEU TOMATES?
EU NÃO SEI... ELES ESTAVAM MACHUCADOS
COMO EU

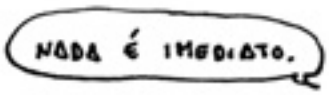

ME SINTO UM ACÚMULO DE IDEIAS NÃO REALIZADAS AMBULANTE E ME TORNEI EXPERT EM DESISTIR DAS COISAS. COMEÇO E NÃO TERMINO, QUANDO COMEÇO.
SERÁ QUE VOCÊ JÁ SE SENTIU FRUSTRADO CONSIGO MESMO DESSE JEITO?

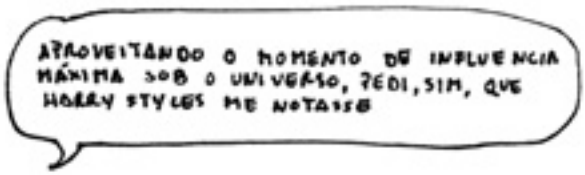
LEMBRO DE UM TEMPO ONDE EU PODIA JURAR SABER ABSOLUTAMENTE TUDO SOBRE VOCÊ.
ENGRAÇADO
HOJE EU DIGO QUE NÃO SEI QUASE NADA SOBRE MIM, QUEM DIRÁ SOBRE OS OUTROS

AS VEZES A GENTE SÓ QUER UM TRAKINAS DE LIMÃO


MINHA ANSIEDADE ME MATA UM POUCO.


O SEGREDO É FAZER DE FORMA DESPRETENCIOSA


NADA É IMEDIATO.


APROVEITANDO O MOMENTO DE INFLUENCIA MÁXIMA SOB O UNIVERSO, PEDI, SIM, QUE HARRY STYLES ME NOTASSE

Fórmulas secretas

BÁRBARA COSTA RIBEIRO

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

Fórmulas secretas

Bárbara Costa Ribeiro

Se estamos distantes, procuro secretas formas de estar contigo. Os artifícios não podem ser óbvios – se me empenho em artimanhas, muito mais te mereço. Não posso imaginar ruas, avenidas comuns, Augusta, Haddock Lobo... Tenho de pensar comigo mesma: "Aonde irias...?". Abro uma aba no navegador. Procuro então, no Google, a temperatura atual na Coreia. Em Seul, 12 graus, manhã de sexta. Aqui, chove um pouco, mas fracamente. E você, gostaria de passear em Seul? Lá, onde você estaria, se sonhasse, eu poderia estar também... De repente, somos nós dois, a muitos quilômetros, percorrendo uma cidade estranha, braços dados sob um guarda-chuva transparente.

A fórmula funciona. Estou com você de maneira secreta, você, ao alcance de minha mão. Mas há, também, os dias de pouca fé...

Nos dias de fé abalada, tenho de investir muito mais na loucura. Tento imaginar todos os lugares pelos quais você já passou, na vida, e pelos quais, talvez, eu tenha passado também, por um arranjo singular do destino, antes ou depois, mas nunca ao mesmo tempo. Já nos conhecíamos? Não nos conhecíamos? Google Maps. Digito as coordenadas. Um endereço qualquer. Clico em cima do lugar, para ter a vista real da rua. Movo o cursor pela estrada: é como se um daqueles rostos embaçados na calçada fosse o seu. E agora eu passo. Abri uma fenda no tempo para estar contigo.

Sei que existiriam formas muito mais simples de estarmos juntos. Verdade. Mas o amor não é prático e nenhuma delas recria o assombro. Não quero estar junto, apenas; quero tramar.

Por exemplo, imaginemos. Neste momento, duas pessoas se beijam, em algum lugar. Eu imagino. Não podemos ser eu e você. Tem de ser sempre um alguém um tanto mais livre, o outro um tanto mais simples, os dois um tanto mais zen. Esse beijo alheio, imaginado, me faz suspirar. Finjo que os invejo, penso no que não posso ter: você está tão longe... Por contraste, passo a tramar as formas – muito mais tristes, muito mais complicadas, muito mais melancólicas – de eu e você estarmos juntos. Finjo até que sofro muito. Eu sou Capuleto, você Montéquio! Eu não posso ir aí, você não vem. A cidade inundou, o teu avião caiu, a vovó me negou a herança, só podemos nos ter em segredo... Vou tramando.

Penso não na tua boca, no território entre o nariz e o lábio, porque todas essas coisas estão dadas desde o princípio, a quem quiser. Penso, feito uma estrada muito sinuosa, nas outras coisas, as que ninguém mais quis, no espaço por trás dos teus olhos sinceros e tristes, ou na asa partida da xícara, naquele dia, nos teus cílios molhados, na forma tua distraída de pensar no que diria a mim em seguida, magoado com o toró. Penso na tua pessoa séria e arrasada, porque choveu demais, no contorno azul que às vezes as veias fazem pelos túneis das tuas mãos. Penso nos túneis que atravessam os montes, na borda dourada do teu relógio de pulso e na xícara sonolenta, manuseada por ti, inconsciente de sua própria sorte. Penso nas meias às vezes furadas, dentro dos sapatos, guardando dedos ansiosos e limpos. Penso na graça singela de estar ao teu lado, mantendo o segredo, sem que você saiba que, dentro de mim, tudo vibra muito e estou sempre a pensar em nós. Nunca me distraio. Lembro que amanhã e ainda muitas vezes estaremos na Coreia, e que é uma sorte eu ter te encontrado, e sempre te ter, com o cursor do meu mouse, quando tudo o que você faz, neste momento, é brincar distraidamente com o miolo do pão... Sem imaginar.

Sem imaginar a amante excelente que sou, em segredo. Fervorosa, apaixonada, cheia de muitos trambiques. Sorrio comigo, e digo, para disfarçar – como seria bom jogar tênis (só para usar as minissaias charmosas), aprender um novo alfabeto, parar de opinar sobre livros que não lemos, dirigir carros no

deserto, você me oferece um copo d'água, eu digo que ontem já tomei. Ouço a tua risada. Você nem imagina que, na realidade, aqui por dentro, estou te amando muito. Não estou pensando no deserto, não quero dirigir carros, posso usar minissaias quando quiser. Estou pensando, sim, na curva superior do teu lábio, formando a letra "z", nas veias azuis da mão, na xícara predileta demais, no dedo e na asa, na sorte que a xícara tem e eu não... Mas não digo nada. Quero conservar o mistério do amor desenfreado no cursor do mouse, viver o seu prazer em segredo, fingir que não morro quando encontro, aparentemente distraída, um beijo teu esquecido na palma quieta da minha mão.

Sobre a autora

Graduou-se em Letras-Português, pela Universidade Federal do Ceará (UFC), em 2016. Concluiu Mestrado na área de Literatura Comparada, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFC, em 2018. Atualmente, encontra-se no curso de Doutorado do mesmo Programa, tendo concluído período de Doutorado-sanduíche na Universidade de Oxford (Reino Unido, 2022), com bolsa CAPES (PDSE).

Eu e eu mesma.

ISAURA SILVA

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

Eu e eu mesma.

Isaura Silva

Você seguraria minha mão, às quatro da tarde de uma quarta-feira?

Eu me pergunto.

E numa quinta?

Você sentiria o cheiro do mar comigo e ouviria o som das ondas quebrando?

Eu me pergunto.

Você brincaria com os sinais das minhas costas numa manhã fria de agosto?

Eu me pergunto.

Você trocaria *vazios* por mim?

Eu me pergunto.

Você me ouviria falar sobre as coisas que amo?

Você.

Você deixaria de ter cheiro de primavera se eu te inalasse por muito tempo?

E o café?

Você deixaria de ter o gosto do meu café favorito se eu te provasse por muito tempo?

Eu me pergunto.

Eu me pergunto?

Eu me pergunto.

Sobre a autora

Atualmente com 24 anos, Isaura Silva é uma artista de muitas vertentes. Graduanda de Pintura pela Escola de Belas Artes da UFRJ, ela desenvolve trabalhos artísticos visuais e textuais, tanto tradicionais quanto digitais com foco no sentimentalismo e no universo feminino. Através da arte ela dá vida às narrativas sensíveis que percorrem seu mundo interior, assim transbordando paixões e se aventurando no que ama.

intransitiva
revista

Borboleta. Faço minhas asas.

PRISCILA GOMES

SOBRE

Borboleta. Faço minhas asas.: Técnica mista (fotografia digital, colagem analógica e digital), 2021

***Priscila Gomes é** licenciada em História, pela Universidade Federal do Ceará, e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É fotógrafa participante do projeto "Sol para mulheres", um grupo composto por 60 mulheres fotógrafas cearenses, e integrante do grupo de estudos livre e laboratório de criação de visual "Imagem é Pensamento". Em 2021, foi uma das escolhidas para compor o Painel da Fotografia Cearense Contemporânea.*

Todas as Luzes que Habitam no Céu

— ANA LUISA SANTOS DA CRUZ —

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (v. 7, n. 1, 2023)

Todas as Luzes que Habitam no Céu

Ana Luisa Santos da Cruz

É árduo descrever a ocorrência de estrelas num céu banhado pelo luar. Para além das centelhas de luzes que vemos ao longe, tratam-se de nuvens de gás interestelar. Quase não consigo imaginar o breu de uma noite fantasma, despida desses pontinhos brilhantes, por mais distantes que estejam. Contemplá-los é parte essencial da vida: são os alicerces que, luminosos, nos libertam de nossas rotinas de papel. Talvez seja por isso que tanto apreciamos a Lua: ela representa a porção tranquila da vida, em que redescobrimos a paz na fuga de nossas abstrações existenciais. É como um caminho a ser contemplado antes de trilhado.

Ilustração de Julie França

Às vezes me pergunto qual parcela de tudo que vivemos é tão significativa quanto admirar a beleza celeste. Aqui, acesa pelo luar, vislumbro o verdadeiro sentido da vida. Talvez não seja sobre seguir em frente, afinal. Talvez se trate de desacelerar em meio a esse ciclo contínuo: interromper o ócio cotidiano para simplesmente enxergar ali em cima a luz que tanto buscamos ao redor. E se não tivermos sobre nós uma noite estrelada, fantasiamos o brilho eterno em uma noite sem estrelas, para que sejamos todas as luzes que habitam o céu - porquanto o amor perdurar, seguiremos infinitos. Dele, emana o calor que nos ilumina, pois "cada qual sabe amar a seu modo; o modo, pouco importa; o essencial é que saiba amar".[1]

[1] Referência à obra *Ressurreição*, de Machado de Assis (1872).

Quiçá, o ato de amar não se ligue a alguém e, porventura, possamos amar a saudade de momentos que se passaram, pois nela se eterniza a lembrança; quiçá amemos nossos amores platônicos. Ao final, é tudo sobre saber brilhar. Não haverá sombras que nos ofusquem se formos uns aos outros as luzes de que carecemos, e jamais pereceremos no vazio se nos guiarmos pelo brilho que vem de dentro: o mais singelo berço estelar. Sonhadora, fiz à Lua um pedido e ela o realizou - confidente de minhas promessas transcendentais. Observando a imensidão celeste, aqui e agora, as luzes vindas de lá de cima representam tudo isso. São a parte essencial que podemos ver. Todo o resto é invisível aos olhos. [2]

[2] Referência à obra *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry (1943).

Sobre a autora

Ninha acredita na beleza de um mundo permeado pela mágica dos livros de fantasia. Sinestésica, imprime em seus textos a paixão pelo faz-de-conta, a liberdade cor-de-mel da descoberta e a busca por significados. Aventura-se em meio à intensidade de emoções, ávida por uma boa história: assim, tenta entender um pouco mais do mundo e de si mesma. Acredita que escrever é desempenhar a mais absoluta vivência e, portanto, eterniza-se nas palavras.

Ventiladores, exaustores e hélices

RAPHAEL MORONE

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

Ventiladores, exaustores e hélices

Raphael Morone

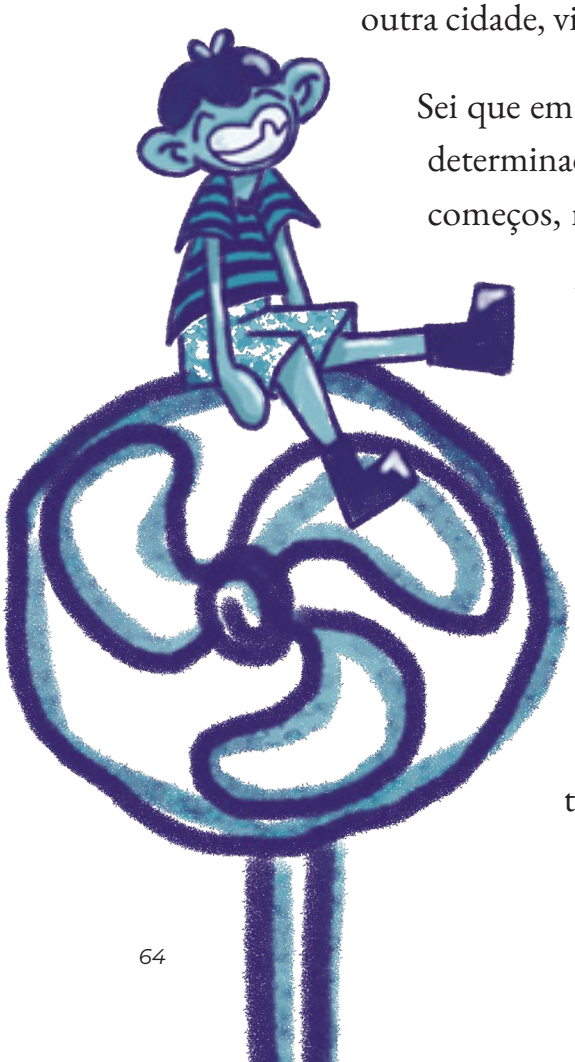
Lembro, quando criança, como era observar o mundo que habitava. Era mesmo um mundo, porque, na minha perspectiva de criança, quase tudo era maior do que eu e me causava uma sensação estranha, que na época não tinha ideia do que poderia ser, mas que hoje penso que seria como os insetos do jardim quando viam o jardim de casa, que para eles eram grandes territórios longínquos uns dos outros, conectados de forma intermitente por pontes, escadarias, ruas e avenidas feitas de partes de plantas e da própria terra seca nas bordas do canteiro. Isso, aliás, mudava de estação para estação, novas rotas surgiam ou deixavam de existir de acordo com o tempo e, por vezes, a própria ação humana dos membros da minha família afetava essa dinâmica.

Nas brincadeiras que fazia, o chão do quintal era o lugar onde tudo acontecia. Sentado no piso quente com alguns brinquedos, o que era grande se tornava ainda maior, como a palmeira plantada em um dos canteiros, e parecia tocar o céu. Me recordo do seu tronco largo, cascudo e amarronzado, com um tracejado circular que subia até o frondoso topo de folhas compridas verdes e brilhantes que, em dias ensolarados, ganhava tons de esmeralda, refletindo o cerúleo de um céu limpo de verão.

Mas não eram apenas os canteiros e a grande palmeira que minha visão do mundo de cima dava pé. Logo após o muro rente a um dos canteiros, havia a casa do vizinho, uma casa de madeira pintada de amarelo com detalhes verdes em que via apenas três coisas, coisas que marcariam toda a minha infância e se tornaram um dos meus primeiros arrebatamentos: hélices, telhados e antenas. Quero me ater às hélices, no caso, as hélices do exaustor daquela casa. Aquele exaustor era feito de material metálico e, se não me falha a memória, pintado de verde, mas estava mais escuro, pela falta de luz e a corrosão, assim como as hélices, que nunca tinha visto girar até então. Fiquei por momentos

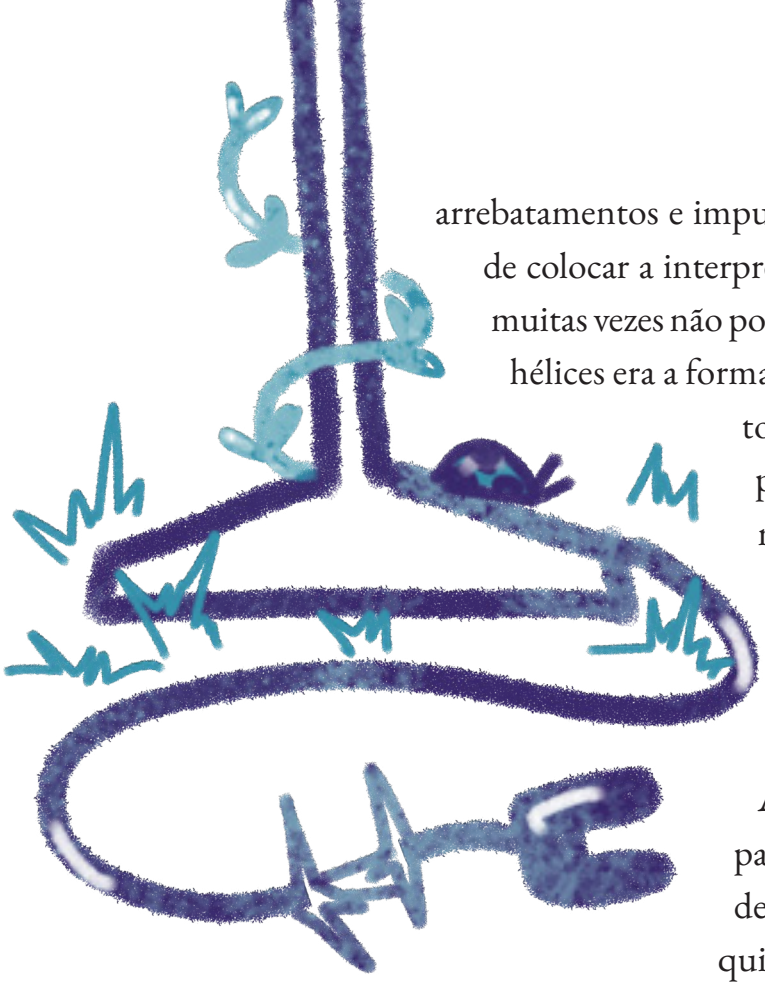
olhando, curioso, fascinado, tentando entender aquilo e, novamente, alguns outros sentimentos que não tinha ideia do que eram. Aquilo me marcou, e marcou de forma tão intensa, que hoje penso que foi ali que meu instinto de artista nasceu.

Sentia que precisava pôr isso para fora de alguma forma, mas que, de novo, o eu criança não tinha como estruturar o pensamento, a não ser no desejo de procurar outras hélices e exaustores pela casa e pelos lugares que passava pela cidade. Enchia meus familiares de perguntas, aprendi que exaustores e ventiladores tinham um funcionamento semelhante, perguntei da escuridão do exaustor do vizinho, descobri o ferrugem, a pintura desbotada, o porquê da falta de luz no local, e aos poucos, essas coisas começavam a entrar na cabeça. Comecei a desenhar ventiladores, exaustores e hélices, fiquei o verão inteiro dedicado a desenhar e pintá-los, pedia para o meu avô me levar em lugares que haviam alguns desses para ver, ficava vários minutos ali, admirando-os. Em um dos passeios com meu avô, pegamos um barco para uma cidade vizinha e vi hélices nos barcos e nos navios que passavam o canal do estuário, vi exaustores num dos armazéns que ficava próximo a parada de barcos na outra cidade, vi ventiladores na vendinha do bairro.



Sei que em todas as pessoas reside uma força, algo que te leva a determinado desejo, e que é nesse território que nascem nossos começos, nossos intentos. Na minha trajetória como artista, passei a perceber que esse arrebatamento que senti na infância com os ventiladores, exaustores, hélices e um tanto de outras coisas era essa força que nos empurra, que leva essa curiosidade inicial a algo mais profundo, e é a partir dela que me movo para criar um poema, desenhos ou uma série de pinturas. Hoje, lembrando dessa história, percebo que sempre fui um observador para o que passa desapercebido, para os vestígios e para essas inscrições do tempo na paisagem. A arte, nesse sentido, me permitiu quando pequeno transformar esses

Ilustrações de Mariana Campos Souza



arrebatamentos e impulsos em algo, sentia uma necessidade grande de colocar a interpretação do mundo grande que habitava e que muitas vezes não podia tocar. Desenhar ventiladores, exaustores e hélices era a forma que entendo que encontrei na infância para tocar o que não tinha acesso. Hoje, sou movido por essa mesma criança, que busca tocar um mundo que continua distante: do exaustor que nunca girou, do tempo que passou e enferrujou, dos vestígios deixados por alguém, do ventos que nunca senti daquele ventilador, da hélice da velha embarcação. A arte, para mim, funciona como um meio para acessar mundos distantes, como as partes de plantas e gravetos dos insetos do jardim do quintal de minha casa.

Sobre o autor

Raphael Morone cresceu observando embarcações de diferentes bandeiras passando pelo canal do porto, no bairro onde nasceu, a Ponta da Praia, em Santos - SP. É artista visual desde 2008, tendo, nessa trajetória, trabalhos como educador em museu, ilustrações para capa de livro e disco, participação em coletâneas literárias e lançando seu primeiro livro, *Pãozin de Cará: entre o porto e as montanhas*, pela Margem Edições, em 2021. Atualmente, vive entre Belo Horizonte e Santos, e se debruça na pintura, na série intitulada "Clubes de Bairro". Pode ser encontrado em seu Instagram @raphaelmorone.

intransitiva
revista

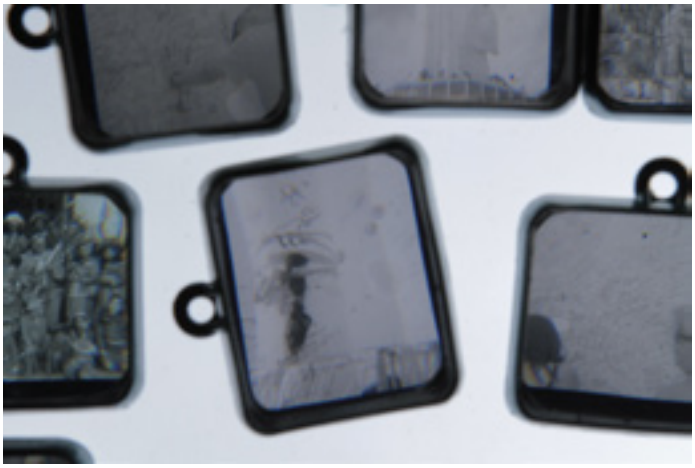
Íntimas Memórias

TIAGO PEDRO DE ARAÚJO PEREIRA

SOBRE

Íntimas Memórias: Filme 35mm, revelado pelo autor, de forma positiva, preto e branco. Uma imagem colorida, do arquivo dos avós do autor, monóculos postos em uma mesa de luz, 2023

***Tiago Pedro de Araújo Pereira é** mestrando em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Filósofo, pela Universidade Federal do Ceará. Cineasta na renomada Escola de Cinema e Televisão de San Antonio de Los Baños (EICTV), na especialidade Documentário, tendo, nesse período, masterclasses com Ford Coppola, Brian de Palma, Abbas Kerostami, Herner Herzog, Naomi Kawase, Cao Guimarães, além de uma conferência com Mojica (ex-presidente do Uruguai). Sua tese A Primeira Foto estreou no Festival Internacional É Tudo Verdade, ganhando o prêmio de aquisição Canal TV Brasil.*



piedade

FABIANNA PELLEGRINO

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

piedade

Fabianna Pellegrino

a menina diabética da rua

não podia correr conosco

em dia de cosme e damião

pairava do lado errado das grades

enquanto as outras crianças

voavam de flor em flor

no fim todas vinham em enxame

como se num dia de visitação

com seus sacos de maria-mole

e de ilícitos doces de abóbora

aproveitando do carcereiro a menor desatenção

para contrabandear aquelas sobras da infância

Ilustrações de Camila Rosa

Sobre a autora

Fabianna Pellegrino nasceu no Rio de Janeiro. É formada em letras pela UERJ, onde participou do Programa de Formação de Tradutores Literários (FORTRALIT) e do Núcleo Interdisciplinar de Tradução e Estudos de Literaturas Francófonas (NITEFRAN). É professora e tradutora de francês. Publicou alguns poemas em revistas literárias, como a *Revista Uso* e a *Revista Torquato*. Acha muito estranho falar de si na terceira pessoa.

Semenarca

GABRIEL HENRIQUE
GALVÃO PASSETTI

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

Semenarca

Gabriel Henrique Galvão Passetti

dois meninos

brincam de cavalinho

um outro menino os observa

arre cavalo bruto chuack chuack

os pés nas costela do cuiudo

o menino que

de pau duro

semenarca

semenarca

semenarca

Ilustração de André Lourenço

Sobre o autor

Gabriel Henrique Galvão Passetti é licenciado em Letras (Português – Francês) e mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), Campus de São José do Rio Preto. Atualmente, é pesquisador doutorando junto ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) do IBILCE. É membro do Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF), cadastrado no CNPq desde 2002. Fascinado pelas potencialidades do signo linguístico, em boas horas, deixa a análise e a descrição da língua portuguesa de lado para, com ela, brincar.

Simulado

CLARA DRUMMOND DE ANDRADE MAGALHÃES

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

Simulado

Clara Drummond de Andrade Magalhães

Bateu o sino da escola do lado

Da senhora, a vozinha

Da irmã da prima do Carlo

Da igreja da professora

Da filha da Marina

A minha vizinha! De quem minha casa fica ao lado

E também ao lado da escola.

As crianças na escola

Nos corredores

Nas salas

Nas carteiras

Nas cadeiras

Gritam tão alto que acorda

A minha alma na minha casa

No meu bloco

No meu apartamento

Na minha quina

Na minha mesa.

E vive um morto pensamento: "É hora do recreio!"

Com os meus cadernos
Com os meus livros
Com a minha sintaxe
Com a gradessíssima horária
Com a faculdade
Me sinto tão acompanhada quanto só
E, só, me faltava isso:
Sei agora nem metade
Do que eu sabia antes, naquele pré-hospício

Ah, e que tempo ruim que era!
Ah, e que memória destrutiva
Reconstruíra agora com todo o esmero
As crianças pacientes com a sua gritaria.

Eu mal pude me preparar pra queda
E já tive bem que me levantar,
Tocara o sino: porta da escola aberta
E as crianças a gritar,
Com seus pulmões cheios de vento
Com seus olhos cheios de céu,
E eu com nostálgico desalento
Com guarda-chuva em uma mão

E na outra com a sombrinha

Implorando ao mundo que guarde um tanto de sol

Para as tristemente felizes crianças

Da nossa nostálgica escola vizinha.

Que doce-ácrido relembrar...

Toca-me os corações.

Toca da escola o sino.

Sobre a autora

Aluna do curso de Letras: Português-Russo na UFRJ, nasceu e cresceu em Minas Gerais e mudou-se para o Rio de Janeiro com dezoito anos.

Magnitudes do Encontro

JOÃO MEDEIROS

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (v. 7, n. 1, 2023)

Magnitudes do Encontro

João Medeiros

Mesmo com os empecilhos da vida
Percebia em mim aquela energia
Nada importava
Apenas a magia

Ela chegou
Com sua camisa colorida
Parecia uma criança
Indo experimentar sorvete de morango pela primeira vez
Andando somente pelos quadrados pretos do piso
Para depois seguirmos

Dois bobos andando
Um tropeçando
Outro cantarolando
Por fim
Aquele tombo

Quanto mais escurecia
Mais ela sentia
E é assim
Que tudo se contagia

Saímos pulando os degraus da estação

Ilustração de Mariana Cherulli

Sobre o autor

João Medeiros é ator, formado pelo Centro de Capacitação Profissional em Artes Cênicas, e estudante de Letras (Português-Espanhol), na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Carioca de 25 anos, sempre teve desejo e interesse em investigar a escrita a partir de elementos que o rodeiam, ou seja, diversas perspectivas sobre o espaço e a sociedade em que se insere. Mesclando elementos da natureza com sua sensibilidade artística, já pôde apontar infinitos temas e reflexões em seus textos.

Estou onde não me procuram

PAULO SÉRGIO RAPOSO

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V.7, N.1, 2023)

Estou onde não me procuram

Paulo Sérgio Raposo

Estou onde os barulhos se dispersam

Quando a música arrepia, quando há pausas e toca mais baixo

Estou e me reencontro no dedilhar sem palavras

Quando as vozes abrem espaço e se alternam entre uma frase e outra dita pelos [instrumentos

Pela composição, pela melodia que antes de ter o que dizer tem onde chegar

E chega, chega na pele, no corpo, na alma

Corpo, alma? Já se pertencem e são só uma e mesma coisa

Eu é que sou vários tentando me encontrar

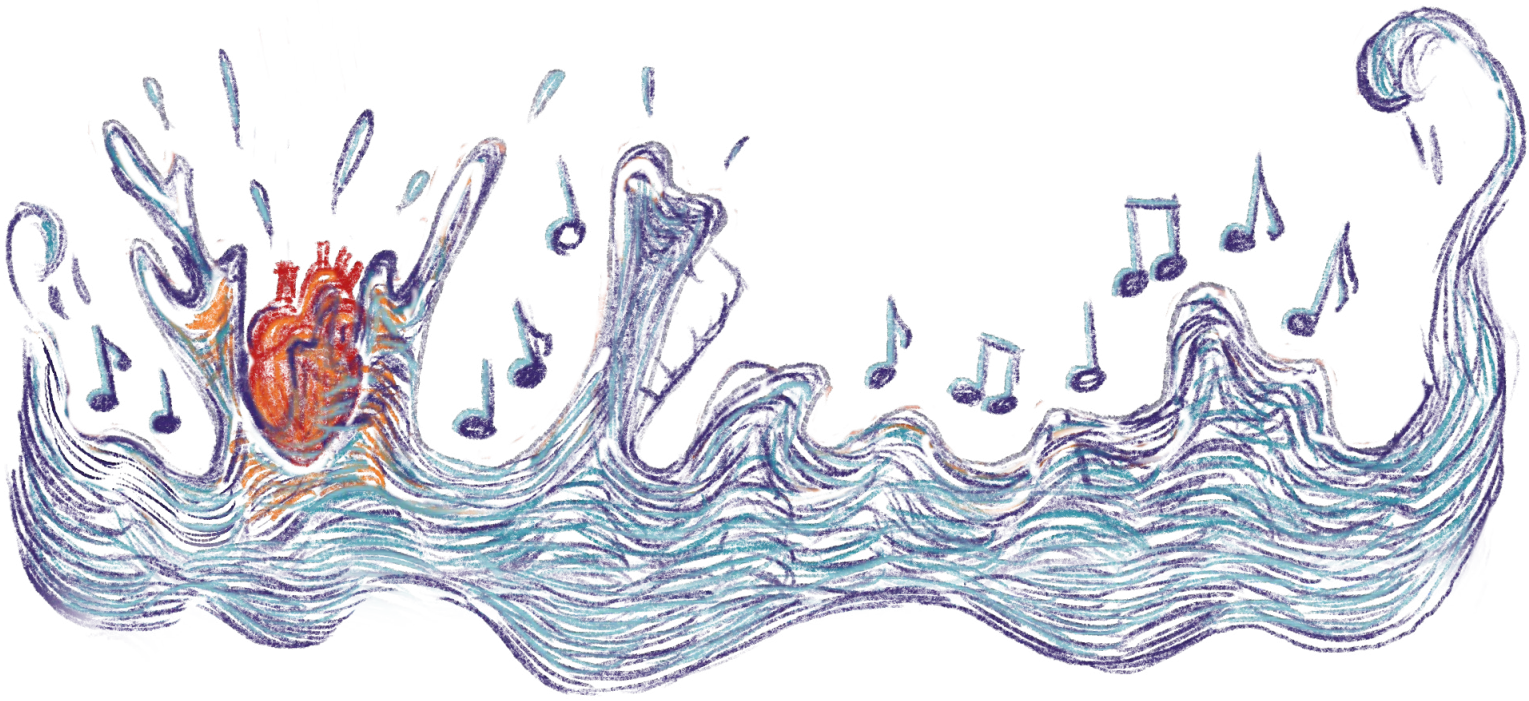


Ilustração de Juliana "rabiscaju" Gonçalves

Onde ninguém me procura

Onde sou apenas quem sempre fui sem fazer força

Onde me encontram sem planejar

Onde juntos conseguimos ser tudo

Eu, que fui achado, e você, que me encontrou procurando outra coisa.

Sobre o autor

Possui graduação em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2018) e mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2022). Atualmente, compõe o Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM/UFRN). E-mail: paulos.raposo@outlook.com.

Sem título

VERENA V. DUARTE

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (v. 7, n. 1, 2023)

Sem título

Verena V. Duarte

When time doesn't yield and words don't count, you reached out to me, saying you wanted to meet. And here I am, the next morning, on the pavement, watching the gulls fly south beyond the street light wiring. I turn to gulls 'cause they're the only kind of urban bird you can hold on to when looking for hope.

We've agreed on the early hours of the morning to prevent contamination. You know, static in people's talk, white noise, dishwashing and junk files... All that passes along, but doesn't compose a day. I guess we didn't want to spoil the energy, so we didn't let those have an influence in the moment. You said so yourself and every step I now take is a leap of faith at your arrival.

It's easy for me to believe when it comes to you. Feels like a natural response. "I'm a believer". Birds draw my name high above and Venus is the sole witness of my commitment to the path I follow towards our meeting.

Along the way, I cross with all the characters awaiting to disappear into the new world. The paperboy flying a bike, the construction worker wearing sandals tied in tasuki straps as if it was the Chinese reform, the teacher carrying a weighted messenger bag. No one cared to see me, but I saved a moment to mourn them, anyway.

I take the subway to a corner bathed by the sun, where I see you make the turn, while I stand at the front doors of this yet closed café. It rained a little, while we waited.

Finally, we managed to sit by the glass window and order. Everything falls into place except for the absence of your voice and the light coming from outside, refracting through the glass, as I watch your face go gray, purple, green and red again.

Since you found yourself unable to speak, we now share cinnamon drawings on the milk foam. And, of course, we can always count on music to mind the things left unsaid and cover all sorts of silence. So, we exchange tracks, somewhat reassembling to assistive care technology and when the hour goes late I return home seizing my last years of exclusive love pain.

Ilustração de Vanessa Marques

Sobre a autora

Verena V. Duarte é escritora de gaveta. Essa é sua primeira publicação. Estudante de Letras: Português-Russo na Universidade Federal do Rio de Janeiro, é também professora e analista de mídias digitais.

intransitiva
revista

Eros na língua

— ANNE COURTOIS —

SOBRE

Eros na língua: arquivo digital para impressão, 2017/2023

***Anne Courtois** iniciou seu trabalho artístico na França, nos anos 90. Radicada no Brasil desde 1995, a artista explora a plasticidade de objetos e palavras, interrogando de forma provocativa sua semântica corriqueira. Integrou a Cooperativa de Invenção da Casa das Rosas, em 2018, participando desde então de intervenções performativas e exposições no campo da "Poesia Expandida", assim como de feiras de publicações independentes. Atualmente, doutorando no IA Unesp, é Mestre em Poéticas da Visualidade (2022) e Pós-graduada em Arteterapia (2021) pela mesma instituição. Possui um Master em Expressão tridimensional (1990), pelo Instituto de Artes Visuais (ENSAD), na França.*

PUBLICAMANTE

E

eroticamante, erroneamante, erraticamante,
eruditamante, escabrosamante, escancaramante,
escarradamante, escassamante, escatologicamante,
esclarecidamante, escondidamante, escrupulosamante,
escultoricamante, esfericamante,
esforçadamante, espaçosamante, espantosamante,
esparradamante, espamodicamante, especificamante,
esperadamante, esperançosamante, espertamante,
espirituosamante, esplendidamante, espontaneamante,
esporadicamante, esportivamante, esquematicamante,
esquisitamante, esquizofreniticamante,
estapafurdiariamante,estaticamante, estenograficamante,
estilosamante, estranhamante, estrategicamante,
estremecidamante, estremerecidamante, estridulosamante,
estritamante, estrondosamante,estudiosamante,
estupendamante, estupidamante, eternamante...

Detalhes Eternos

DANILO LUCENA CHAGAS

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V.7, N.1, 2023)

Detalhes Eternos

Danilo Lucena Chagas

Só uma Chuva, mas com encontro tão preciso;

Só uma Mensagem, mas com ausência tão presente;

Só uma Visita, mas com olhares transcendentes;

Só alguns Minutos, mas com horas de espera.

Só uma Noite, mas tão clara quanto um dia;

Só um Sonho, mas com morte tão aguda;

Só uma Saudade, mas que passará como um vento;

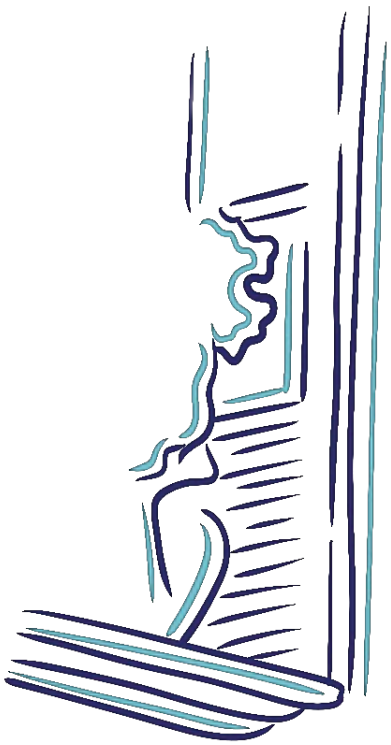
Só uma Canção, mas com letra tão profunda.

Sei que são muitos "Só" em um poema;

Talvez a não existência dos "Mas" os anulariam;

Mesmo assim, nenhum deles sairiam do meu grande arquivo;

Ô Baby, vejo que não precisavas do meu "I love You".



Mas desde Camões até Caetano ele é confuso;

Não importa o número de “mas” que o tenha;

Sempre guardará consigo os “Só” em memória;

Não te demores em ir, Baby, Baby, eu sei que é assim.

Ilustração de Juliana “rabiscaju” Gonçalves

Sobre o autor

Estudante do curso de Letras da UFRPE e autor de vários poemas em antologias e revistas brasileiras. Escreveu obras com os seguintes títulos: *A serena abelha*, *Toque*, *Sonho tombante*, etc.

2ª ORDEM

BRUNA MACHADO DA ROCHA

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V.7, N.1, 2023)

2ª ORDEM

Bruna Machado da Rocha

Agora estou presa à doce memória

Paladando até a língua que te deseja

Saboreando a gostosa lembrança de te ter

De ser sua da noite ao amanhecer

De dividir meus rios aos teus vales

Sendo a tua deusa particular.

Ilustração de Marina Hauer

Suprida de fluxos fixos em meu corpo

A partir das nossas porosidades mais possíveis

Camuflando-nos nas fronteiras corporais

A chegar a algo que não se toca

Sequer possível ver

Mas não menos sensorial

Não menos real.

Surda estou aos sons espaciais

Pois tu dominas mais que os sentidos

Toma conta da minha energia mais potencial

Das minhas sombras interiores.

E se eu me negar à visão

Pincelo este papel sem muita precisão

Mas com a certeza de que comigo estás.

Sobre a autora

Poetisa e professora de Geografia.

10 de agosto

ELISABETH ALVES

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

10 de agosto

Elisabeth Alves

A quem se destinam os poemas que escrevo?

A quem se destinam as canções que ouço?

As lágrimas que escorrem de meus olhos às noites?

Os sorrisos que surgem entre meus lábios às tardes?

Tudo é sobre você, meu amor.

Em quem, primeiro, penso ao acordar

E, por último, ao dormir.

Seu corpo é reflexo do meu:

Abraço que me aprisiona e me conforta,

Beijos que me envenenam e me curam.

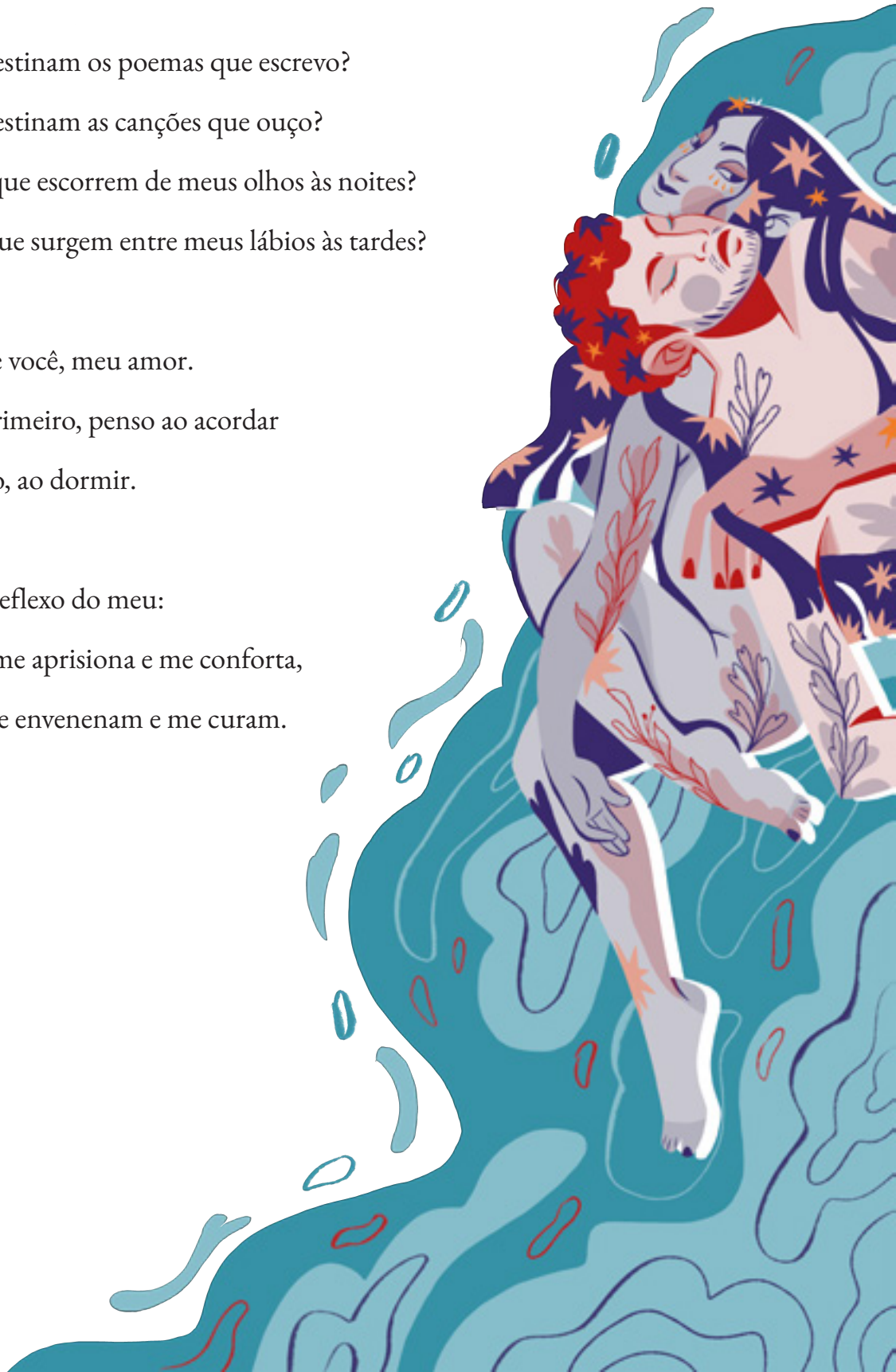


Ilustração de Marina Hauer

Amo você pelo que nos aproxima

E pelo que nos afasta.

Pelo que nos liberta

E pelo que nos limita.

Desejo você...

Como quem tem sede deseja a água,

Como quem tem fome deseja o alimento.

Ruína da minha existência,

Razão da minha sobrevivência.

Meu doce perigo,

Meu pequeno prazer.

Sobre a autora

Elisabeth Alves (RJ, 1999) é mestranda em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Na graduação, também pela UFRJ, cursou Licenciatura em Letras: Português - Latim. Alves é pesquisadora inquieta, leitora voraz, professora apaixonada e escritora ainda tímida. Acredita na união da cultura e da educação enquanto caminho para as transformações sociais. Por entender que há muito a ser dito e feito, decidiu apropriar-se de suas palavras finalmente.

intransitiva
revista

as coisas não são as mesmas depois de receber uma carta

MARIA JULIA OURIQUE

SOBRE

as coisas não são as mesmas depois de receber uma carta: Colagem analógica e digital, 2023

***Maria Julia Ourique** desenvolve suas pesquisas no campo de artes visuais e design gráfico, com foco em poesia, literatura e a materialidade do livro. Busca refletir essas inquietações em seus trabalhos, sejam eles em suportes físicos ou digitais. Atualmente, pesquisa sobre a materialidade do livro e a produção de publicação editorial independente. De vez em quando, mergulha em poesias, desabafos infra-ordinários e imagens fragmentadas.*

Hoje não teremos flores

RAFAEL S. AZEVEDO

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

Hoje não teremos flores

Rafael S. Azevedo

Há dias que não florescemos
e a flor encrua dentro
da casca, da semente
Não germina
e aperta no peito
que não rasga não expande

Onde outrora raízes, só veias
bombeiam suor café cansaço
O sangue Ele bebeu
os sonhos, no jantar, comeu

Após oito horas não há
tinta, não há pena
mal há desejo

Apenas o vaso do peito
vazio
e flores que cá deviam estar.

Ilustração de Juliana Wolff

Sobre o autor

Nasceu em São Paulo, mas mora em Sergipe há 15 anos, onde graduou-se em Letras pela Universidade Federal de Sergipe e fez seu mestrado em Estudos Literários. Pesquisador e amante de poesia e literatura erótica. É professor em tempo integral na rede particular e poeta nas horas vagas.

Manhã de Abril

TALITA OLIVEIRA

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

Manhã de Abril

Talita Oliveira

Parecia verão mas era outono
dias limpos límpidos
grama verde beijada pelo orvalho da manhã
o sol repousava sob nossas peles pálidas
o vento perene mas constante fazia voar seu chapéu

Ilustração de Enzo Esberard

as flores amarelas desabrochavam como o astro Rei por de trás das nuvens
[após a tormenta
encostada ao tronco de uma árvore frondosa te admirava
sua risada contagiava embebia e conferia vida a essas memórias

contemplando a Natureza dos teus dias
pensava nos que foram
nos que virão
passado presente futuro
todos te admiram
também querem te ver crescer
assim como eles celebro o puro e simples prazer da sua existência no
[tempo-espaço chamado
agora-meu coração.

Sobre a autora

Assim como Guimarães Rosa, quase que nada sabe, mas desconfia de muita coisa. Entretanto, nesse caminho, formou-se em Letras e, atualmente, cursa a especialização em Literaturas Portuguesa e Africanas pela UFRJ. É professora, pesquisadora e produtora de conteúdo pedagógico. Ama desenhar palavras e às vezes as compartilha com o mundo!

intransitiva
revista

Diário de bordo

FLORA VIANNA LEAL E SILVA

SOBRE

Diário de bordo: Fotomontagem, 2023

***Flora Vianna** é formada em Comunicação Visual Design pela UFRJ e trabalha como designer, atualmente na área de impressos. No tempo livre, desenvolve projetos pessoais, utilizando principalmente colagens/fotomontagens.*

1
LINHA
PARE
OLHE
ESCUTE
PARE

Cantiga do Êxodo

ADALTRO JOSÉ ARAUJO SILVA

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

Cantiga do Êxodo

Adaltro José Araujo Silva

Minha terra tem catingueiras

Onde canta o Carcará

As fibras que aqui se produzem

São negociadas aqui e acolá

Nosso céu tem mais histórias

Nossas roças têm mais espinhos

Num êxodo geográfico e de coração

Cismamos em permanecer sozinhos

Sertão Valente

Aqui o que se planta dá

E olha só, minha terra também tem jerema

E também tem sabiá

Ilustrações de Yasmin Coelho

Minha terra tem tambores
Que o Samba de Roda e Reisado vem apresentar
Tem também o ouro verde (sisal)
Que com ele aprendemos a lidar
Minha terra também tem macaxeira
Mas, é aipim que comemos por cá

Não permita Deus que eu morra
Sem "antes de tudo ser um forte"
Que eu entenda as relações do norte
E ademais, sem o alforje, volte
Para avistar também as faveleiras
Onde canta o Carcará
E que os morros do Rio de Janeiro insistiram em apelidar.

Sobre o autor

Biólogo, Mestre em Ensino de Astronomia (UEFS) e Doutorando em Ensino de Ciências (PPGEFHC/UFBA), professor de Biologia do Colégio Estadual Wilson Lins, pesquisador da área de Conhecimentos Tradicionais e Ensino de Ciências, Fundador e coordenador do Clube de Ciências Equilibrium, membro ativo do grupo de pesquisa Laboratório de Metodologia e Pesquisa Mista em Ensino de Ciências (Lampmec). Mas, antes de tudo, filho, pai, marido, negro, corintiano, leonino e um eterno apaixonado por leitura. Assim, é esse sujeito, multifacetado, porém, antes e, contudo, sempre um forte.

Inhumas

CESAR AUGUSTO
DE OLIVEIRA CASELLA

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

Inhumas

Cesar Augusto de Oliveira Casella

Em abril
arrebol
depois das chuvas
aparece
o açúcar das frutas
rubras, cheias
folhas verdes
(flores
ainda
não)
um dia de sol
um dia
sem plumas

Ilustrações de Nathany Rosa

Sobre o autor

Cesar Augusto de Oliveira Casella é professor de Letras na Universidade Estadual de Goiás (UEG/Campus Cora Coralina) e cursa doutorado em Estudos de Literatura na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGL/UERJ). Para além dos textos acadêmicos do âmbito profissional, publicados em diferentes revistas e livros especializados, escreve prosa e poesia também como forma de apreender a escrita literária na prática.

O prazer que é estar debaixo de uma árvore

IURI DA SILVA GOMES

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

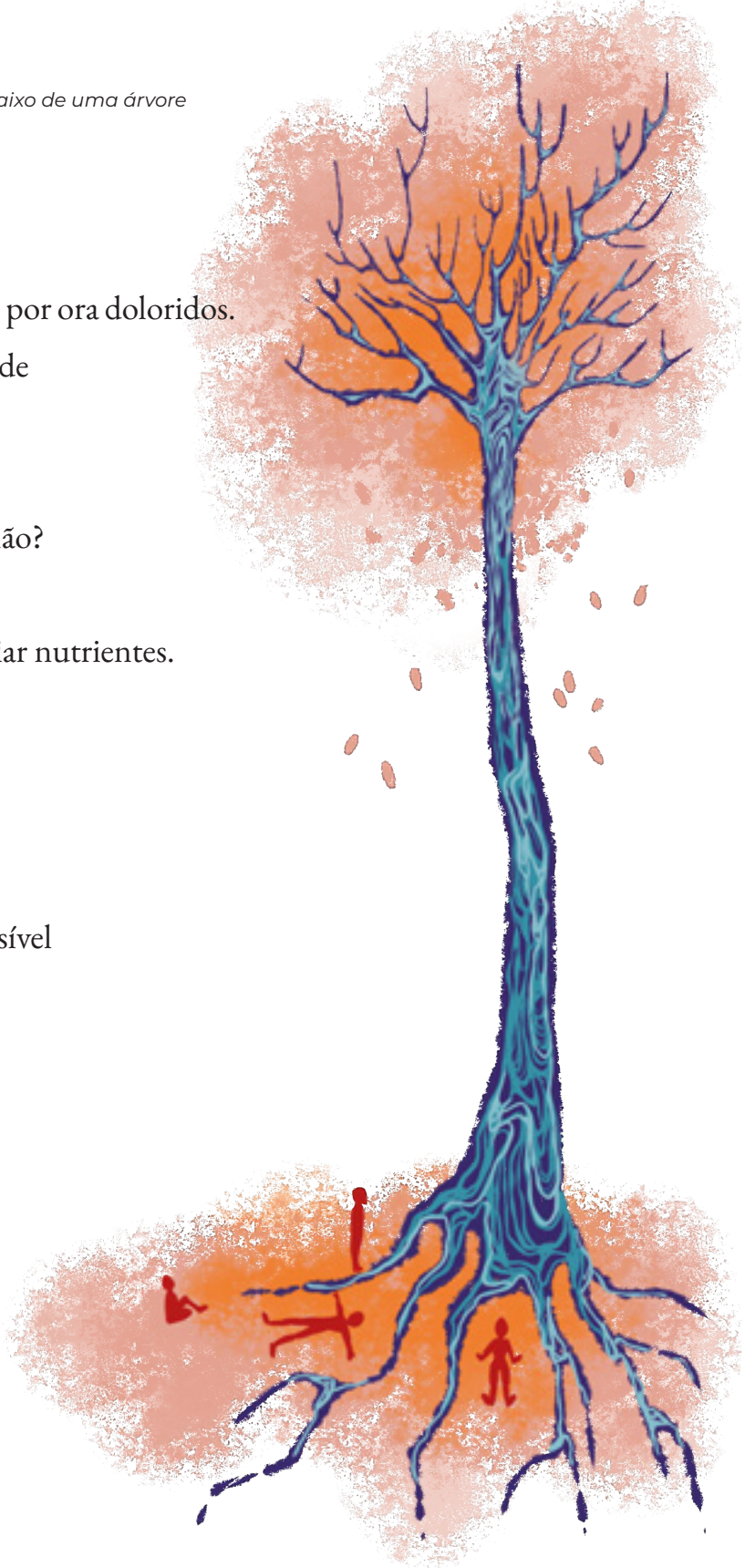
O prazer que é estar debaixo de uma árvore

Iuri da Silva Gomes

Tudo para.
Deite-se e veja o céu estilhaçado,
em pequenos pedaços de azul.
Deite-se sobre as folhas que ela não quer mais.
Então, torne a respirar, já que o mundo, às vezes, te impede.
Agora, levante-se e gire em torno dela,
gire como se estivesse a brincar de ciranda.
Largue dessa mania de falar que isso é coisa de criança.
Cresça.
Participe da gira do mundo e mundogire-se.
Entre na gira das árvores e árvoregire-se.
Não, não pense demais sobre os significados das coisas.
Apenas fique debaixo da árvore.
Tudo para e gira ao mesmo tempo – isso não é belo?
Não, não pense demais sobre os significados das coisas,
eu insisto.
Debaixo das árvores tem história, a minha, a sua,
e a de tantas outras gentes que ela já acolheu.
Sem contar as histórias dos bichos...
Ela acolhe muito e é pouco acolhida.
Agora, olhe o tronco.
Pare e olhe o tronco.
As camadas que o perfazem são os caminhos
que a árvore já caminhou.
Sim, ela caminha, e sempre para o alto.

Ilustrações de Nathany Rosa

Olhou bem o tronco?
Notou que ele chora?
Pois é, até os caminhos da árvore são por ora doloridos.
E nem por isso ela deixa de ficar verde
ou colorida quando tem que ficar,
e fica sem reclamar.
Notou o galho que ela lançou ao chão?
Ele estava doente.
Sabendo disso, ela parou de lhe enviar nutrientes.
“E a raiz?”.
É a raiz quem manda.
“Que complexo”.
Você não viu nada.
De um troco cortado ao meio é possível
que nasça uma outra árvore.
Agora, afaste-se.
Vai.
Mais.
Mais um pouco.
Um pouco mais.
Viu?
Viu como você é pequeno?



Sobre o autor

Mestrando em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

Um paraíso chamado cafuné

CINTHIA FREITAS DE SOUZA

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (v. 7, n. 1, 2023)

Um paraíso chamado cafuné

Cinthia Freitas de Souza

Ah, cafuné... O que é "cafuné"? Para o dicionário Houaiss, é um substantivo masculino que significa "carícia na cabeça". Segundo o Aurélio, é o "ato de coçar levemente a cabeça de alguém", sendo um termo originário do quimbundo, língua africana, embora não haja consenso sobre sua procedência. No dicionário Michaelis online, por exemplo, consta que sua etimologia é desconhecida.

Já para mim, "cafuné" significa acolher, cuidar e curar.

Quando o cafuné vem num domingo preguiçoso, então, é a união perfeita! Deitados no sofá, seus dedos deslizam gentil e lentamente pelo meu couro cabeludo e bagunçam meu cabelo. Passam sem rumo e sem pressa pela minha superfície capilar num inebriante e demorado vaivém que não deveria nunca acabar.

Meu corpo apenas sente o deleite do movimento dos seus dedos que vão da nuca até o alto da cabeça, como alguém que lava cuidadosamente o meu cabelo com shampoo. A cabeça pesada e dolorida por causa do excesso

Ilustração de Stéphanie do Carmo

de compromissos e responsabilidades da semana finalmente se entrega, voluntariamente e sem qualquer resistência, ao toque anestésico do outro, que se dispõe a me abrigar.

Meus olhos, piscando pausadamente, permanecem mais tempo fechados que abertos, até que não se abrem por fim. Os pensamentos também diminuem de intensidade e de repente e simplesmente nada mais importa.

Continua... É o que sussurro ao perceber, num estado de entorpecimento entre dormindo e acordada, que seus dedos começam a se cansar e os movimentos a parar.

Escuto um risinho leve e carinhoso, e o cafuné volta a me anestesiar. Percebo então que não preciso morrer para chegar ao paraíso. Cafuné é, indubitavelmente, minha epifania.

Sobre a autora

Cinthia Freitas de Souza é mineira, graduada em Letras/Português e mestra em Letras/Estudos Literários, ambos pela Universidade Estadual de Montes Claros (MG). Atualmente é professora efetiva de português e literatura na Educação Básica em Minas Gerais. Além disso, é revisora de textos acadêmicos e professora de português para estrangeiros na plataforma *Preply*. Sempre em constante aprendizagem, gosta de ler ficção e não ficção para aprender mais sobre o mundo e sobre si mesma.

O indescritível alcance de um abraço

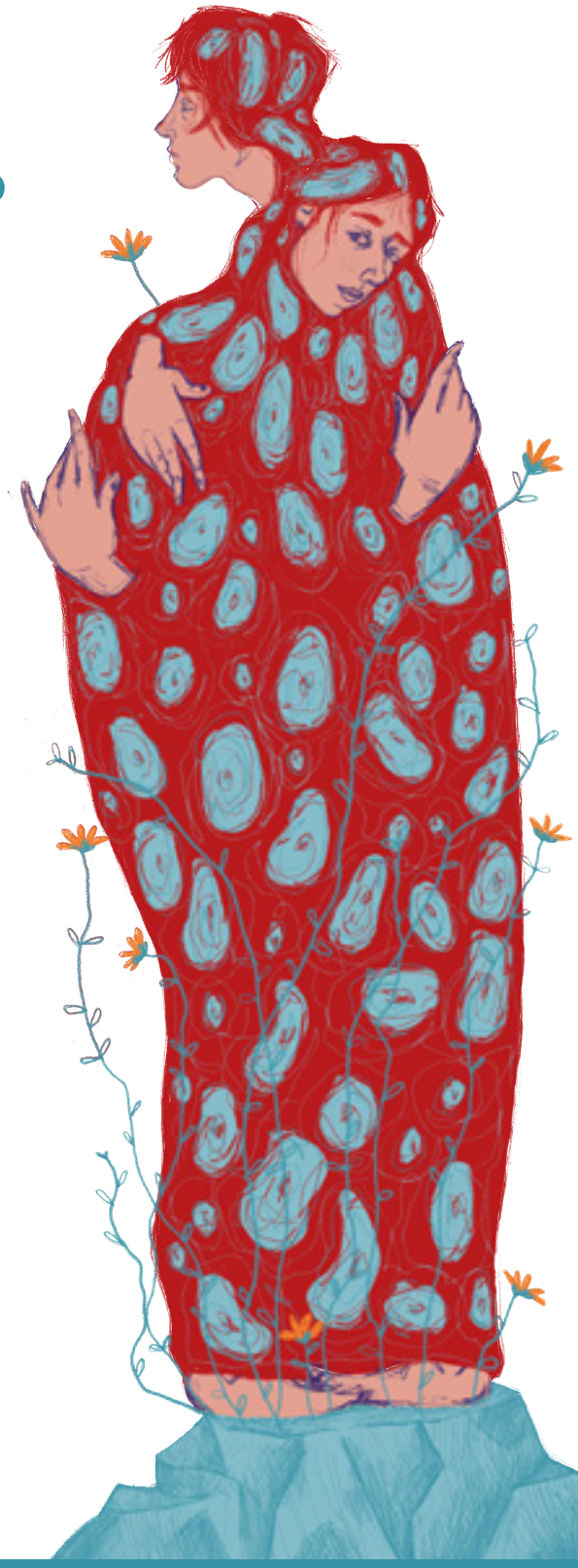
ÉRICA REBOUÇAS

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (v. 7, n. 1, 2023)

O indescritível alcance de um abraço

Érica Rebouças



Na perda
Na aflição
Na tristeza
Onde há decepção.

Na risada
Na reconciliação
Na leveza
Onde há renovação.

De um alguém que se foi
De um romance que ficou
Muito além é a sensação
De quando toca o coração.

O abraço forma
Um amor que se encaixa
Um laço que envolve
Dois em um só.

Ilustração de Raíssa Vítola

Sobre a autora

Érica Rebouças é carioca, doutoranda em Linguística. Possui artigos publicados na área de linguística, especificamente, realiza pesquisas na área de bilinguismo e aquisição de L2. A autora se considera uma poeta por amor. Além disso, nas horas vagas se dedica à escrita de poemas e objetiva, no futuro, publicar seu primeiro livro de poemas.

intransitiva
revista

Ascende

RITA BALDUINO

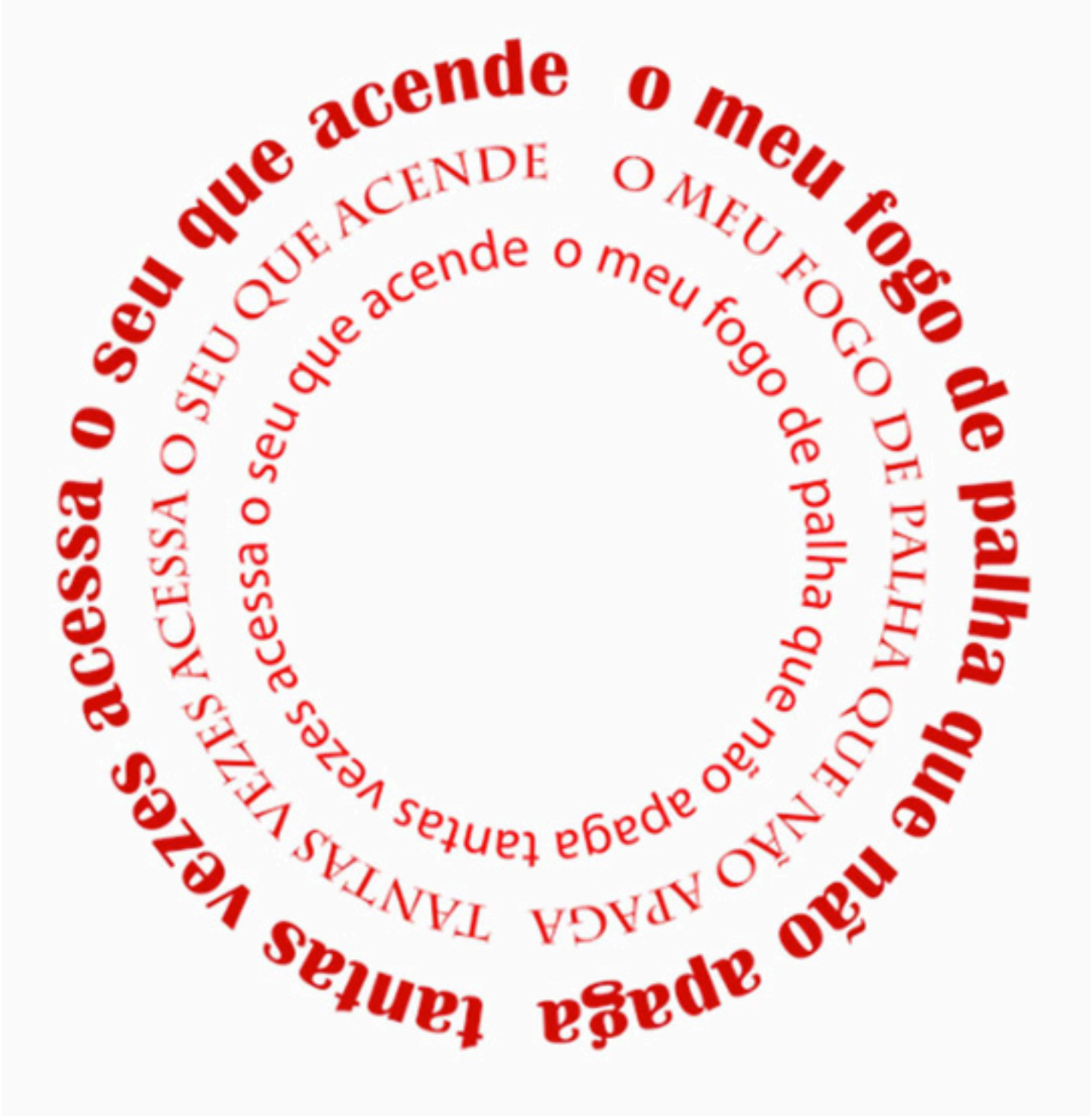
SOBRE

Ascende: Fotopoema, 2020

***Rita Balduino** é psicoterapeuta, artista e poeta visual nascida na cidade de São Paulo, onde vive e trabalha. É mestra em Poéticas da Visualidade pelo Instituto de Artes da Unesp e pesquisadora das relações entre imagens, espaços e palavras no campo da Poesia Expandida. Já realizou exposições individuais na Capital e no interior de São Paulo e participou de várias exposições coletivas no Brasil e no exterior. É autora do livro O feito afaga o gesto, lançado pela Editora Patuá, e alguns de seus poemas visuais foram publicados na Revista Gente de Palavra, de Porto Alegre, na Revista CTRL+Verso e na Circuladô, do Centro de Estudos Haroldo de Campos.*

ascend

acme


o seu que acende o meu fogo de palha que não apaga tantas vezes acessa
O SEU QUE ACENDE O MEU FOGO DE PALHA QUE NÃO APAGA TANTAS VEZES ACESSA
o seu que acende o meu fogo de palha que não apaga tantas vezes acessa

Como fogo e pólvora

THATIANE SANTOS DE OLIVEIRA

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

Como fogo e pólvora

Thatiane Santos de Oliveira

Entre as paredes frias e o silêncio sufocante,

Entre cigarros acesos e refrigerantes,

Entre os pensamentos suicidas e a solidão constante,

Eu encontro pequenos prazeres que me fazem sofrer.

Como Romeu e Julieta nos entregamos

Ao amor cego e ao desejo constante,

Sempre cientes de que o fim está próximo,

Mas incapazes de resistir à sua doce dor,

Nós morremos naquele adeus que nunca aconteceu pela luz neon que nos
[queimava a espera de uma mensagem que nunca mandávamos,

A paixão ardente e ao desejo constante,

As risadas e ao silêncio momentâneo,

Como uma bruxa na fogueira,

Queimei e tudo se perdeu pelo caminho.

Você me consumiu como o fogo ao encontro da pólvora,

Quente como o inferno, e o coração frio como o inverno,

Indiferença,

Na cidade maravilhosa, onde os invisíveis gritam e as sombras dançam,

Eu encontro a minha dose de alegria,

Em pequenos prazeres que me fazem sangrar.

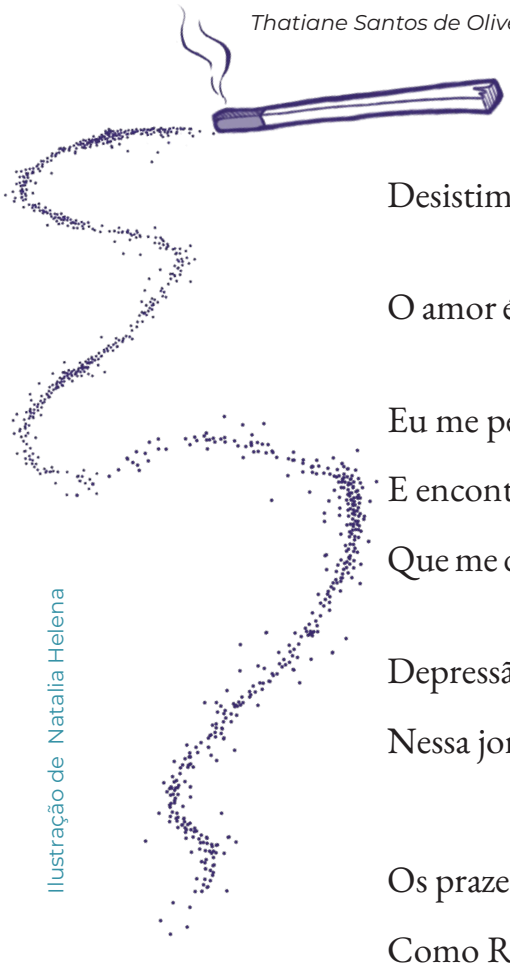


Ilustração de Natalia Helena

Desistimos de um amor tão intenso, verdadeiro, que a doce dor da ausência
[se mistura ao prazer e a dor,

O amor é um jogo perdido, um risco calculado, mas o prazer é tão doce, que
[nenhuma dor cura,

Eu me perco em pensamentos sombrios e confusos,

E encontro conforto em prazeres violentos,

Que me dão um pouco de alívio, mas também me fazem sangrar a cada ferida
[que abro em meu corpo,

Depressão, vida cinzenta e profana,

Nessa jornada sem fim, onde o amor e a dor se entrelaçam,

Os prazeres violentos são o meu destino,

Como Romeu e Julieta, sigo jogando esse jogo perdido,

Cada ação traz uma consequência, mas não posso parar de jogar nessa vida,

Então eu me permito esses prazeres violentos,

Esses momentos intensos de amor e dor.

Sobre a autora

Graduanda em Letras: Português-Espanhol pela UFRJ.

Jantar da Dona de Casa

MAICON MELITO DE SOUZA

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (v. 7, n. 1, 2023)

Jantar da Dona de Casa

Maicon Melito de Souza

Chamou todos para comerem,
separou o cardápio de cada um,
conforme as possibilidades,
sem privilegiar qualquer um.
Escutou comentários indelicados,
não deu bola para nenhum.
Esperou todos encherem seus pratos,
e quando foi dar fim ao seu jejum,
mexeu o braço em um espasmo,
pois, antes mesmo de pegar a carne,
perguntou um dos filhos, incauto:
— Alguém quer o último pedaço?
(...) Ela, com sorriso gentil, respondeu:
— Come, que eu aproveito pra lavar o prato...

Ilustração de Gabrielly Curi

Sobre o autor

Advogado, pesquisador, escritor... Especializando-se em direito tributário pela Faculdade de Direito de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FDRP/USP), com bolsa da Fundação para o Desenvolvimento do Ensino e da Pesquisa do Direito (FADEP). Bacharel em direito pela Faculdade de Direito de Franca (FDF).

Ser mãe é mergulhar no paraíso

MIRIAM LEVY

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

Ser mãe é mergulhar no paraíso

Miriam Levy

Ontem fui à cachu com minha amiga que a chama assim. Viajamos tensas com horários, refeições, xixi preso, deveres de casa. Só lembrava do que tinha esquecido, do que estava faltando. Fui ficando angustiada por ser interrompida sempre, por não acabar nenhum raciocínio. Ela disse que eu mesma a tinha ensinado a dar menos importância a isso. Agora parecia diferente, me sentia atordoada.

Na cachoeira, pareço outra pessoa. Não a que pensa muito antes de agir, que sofre por antecipação. Subo em pedras, mergulho de cabeça na água fria e só depois sinto tudo. Meu pai subia sozinho na parte alta e perigosa da cachoeira enquanto minha mãe ficava no raso conosco. Será que ela queria subir também? Estava acostumada a querer?

Depois que estive na parte que era exclusiva do meu pai em seu momento Tarzan, entendi o que ele sentia. Estávamos indo para a região serrana e paramos na cachoeira da minha infância, que fica na estrada. Mas naquele dia eu era a única que queria estar ali, meus filhos pequenos estavam com medo da água gelada. Eu apenas mergulhei. Ouvi minha filha pequena chorando ao longe sem que o pai conseguisse consolá-la, mas não voltei. Cheguei no alto, deitei onde o meu pai costumava ficar e deixei a força da correnteza agir sobre mim. Será que herdei o gosto ou apenas queria me sentir igual a ele? Fui chamada de volta pelo choro. Ao voltar a sentir frio, descobri que ela tinha visto um rabo de sereia quando pulei na água e achou que eu não voltaria mais. Talvez não tenha voltado igual mesmo.

Da última vez que fui à cachoeira com essa mesma amiga, estávamos sozinhas. Terminávamos os assuntos, ríamos ao observar que a queda d'água parecia vir em câmera lenta. Mas eu falava das crianças, lembrava delas. Vivia aquele famoso paradoxo materno: queria que estivessem lá e ao mesmo tempo não queria.

Ilustração de Juliana Wolff

Ontem éramos mães e filhos na cachu. As microtensões se desfizeram ao som da água que caía forte. O medo que não sinto transfiro para meus filhos disfarçado de cuidado. Minha caçula me perguntou se eu viraria sereia novamente e aceitei o convite. Depois de receber a queda d'água em toda a sua potência, voltei para o raso e fiquei com as crianças para a sessão de massagem da minha amiga. Embaixo do véu da Oxum, podíamos ser apenas nós mesmas.

Ela desceu o rio com a filha dela e a minha, que é igualmente curiosa e exploradora. Fui atrás com meu filho, orgulhosa pelo medo não paralisá-lo. Rita nos alertava dos perigos que encontrava e eu pegava emprestado o filtro criativo do José. Ao ver que dei um pulo incerto, me pediu para não fazer arte. Acabei desequilibrando e ao invés do pânico ao notar que o chão faltou, lembrei de colocar as mãos em apoio. Vamos desaprendendo a cair à medida que crescemos.

Nenhum dos três quis entrar na água forte, mas viram duas mães fazendo o que lhes dava prazer. Me senti menos fragmentada, não quero ser eu mesma só quando estou longe deles. Uma mãe que faz o que gosta não deveria ser confundida com um ser mitológico.

Acordei dolorida, mas com a satisfação de ter aprendido algo importante. Que os deveres (maternos ou de casa) não podem nos definir por completo. Ali, naquela cachoeira, o tempo estava suspenso e pudemos nos complementar em nossas faltas e alternar as potências. Que eu não esqueça que os curativos que costumo levar para os machucados deles também servem para cuidar dos meus. E que mostrar como se reerguer é bem mais importante que evitar a queda.

Sobre a autora

Ela é cria da UFRJ, formada em Letras (Português - Francês) e mestre em literaturas africanas de língua francesa. Atua no CAp UFRJ desde 2014 como professora de francês, orientadora de estágio e pesquisadora em formação docente, ensino descolonial e de línguas estrangeiras. Miriam coordena o coletivo feminista de docentes e técnicas, onde descobre a importância de ler mulheres e debater com elas. Redescobriu sua escrita durante a pandemia e espera não se perder dela nunca mais.

Um pouco de paz

GISELE DE SOUZA GONÇALVES

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

Um pouco de paz

Gisele de Souza Gonçalves

A paz do nosso ser tem seus momentos sublimes mesmo em situações de caos. Posso explicar melhor. Eles são poucos se comparados às demandas e aos sentimentos que eles geram durante o dia a dia, porém são intensos e inesquecíveis, ficam caladinhos por algum tempo, mas, de repente, a gente os lembra por algum motivo, e a memória fica com aquele espaço de paz. É como se tudo ao redor ficasse congelado e o Universo permitisse que você revivesse o sentimento que trouxe a paz para dentro de você, ou o alívio, a segurança, aquele sentimento que representa a paz no contexto em que você esteve.

Para não deixar de cumprir o que prometi – o "posso explicar melhor" – vou narrar brevemente uma situação de paz, a qual me levou a uma sensação de prazer:

Em meio ao trabalho de parto, com dores que eu nunca havia sentido antes e sequer imaginei que fossem possíveis, recebo a informação: "Está coroando!". Naquele caos – entre dores e contrações, vômitos e fadiga, medo da minha vulnerabilidade – eu não entendi, mas a enfermeira me explicou que a cabeça da minha filha estava aparecendo. Alívio? Não ainda. Afinal, eu nem imaginava qual seria a sensação que teria daquele instante até que ela estivesse nos meus braços, pois tantas coisas poderiam acontecer naquele momento, e nos seguintes.

E eis que ela saiu sem chorar. Embora eu pensasse que seria comum eu me desesperar, não foi assim. Ela saiu do meu corpo e a médica a colocou deitada sobre mim. Eu a senti viva, quente, em silêncio. Que paz, que prazer em saber que as dores se foram, que as contrações também, e que, sobretudo, minha filha estava ali toda cheia de vida para construir sua caminhada. Respirei fundo. É bom não sentir dor, é bom estar segura de que as coisas ficaram bem, que no futuro eu não sei, mas naquele momento eu sabia: estava tudo bem com ela e comigo para que eu pudesse cuidá-la. Paz e prazer por ter conseguido viver aquele momento que acabou tão bem.

E a rotina, na noite seguinte, começa com tudo diferente. Caos: bebê, amamentação, visitas, cansaço, sono, fome, sede, chorinho. Ela dorme (paz

e prazer). Tão bom poder dormir depois de uma canseira de puerpério. Ah! Dormir é, sim, um prazer, daqueles que nem todos são beneficiados.

Entre esses pequenos prazeres, os quais me enchem de paz, há produções tão minhas, tão reservadas e complexas que eu quase me convenço de que o futuro não é algo de que eu precise mesmo me preocupar tanto, e por meio de uma reflexão dessa eu até esqueço que sofro de ansiedade social. Então eu sinto um alívio tão profundo, porque, sem o desespero de me preocupar tanto com o amanhã, a vida fica tão mais leve: outro pequeno prazer.

Foram as lembranças que me trouxeram paz, foram as análises tão íntimas que me fizeram sentir prazer por existir e trouxeram o desejo – até que eu seja novamente interrompida por um fato alheio do meu cotidiano – de poder aprender a viver cada momento melhor. Estou tentando aprender isso, praticar esse pensamento e desfrutar melhor dos pequenos prazeres que a vida dá. Pensando bem, não são tão poucos, é que, geralmente, estamos ocupadas demais com preocupações desnecessárias para perceber que são estes pequenos prazeres que nos enchem a vida de sentido.

Ilustração de Juliana Wolff

Sobre a autora

Mulher, mãe, pesquisadora, doutora, professora entre outras que sou. Chegando aos 40 anos, cada vez mais, com pressa de ser menos acelerada para apreciar a vida e seus prazeres. Cheia de incertezas e contradições, entre as poucas certezas que tenho, uma é a de que a escrita liberta e outra é que a leitura faz esperançar.

alumbramento

IOLLY AIRES

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

alumbramento

Iolly Aires

põe reparo na serenidade do idoso

sentado no meio fio, ao entardecer

já não tem pelo que sofrer ou ansiar

já não lhe podem retirar ou acrescentar nada

como quem ainda não nasceu

Ilustração de Flávia Adriano

Sobre a autora

Iolly Aires, Planaltina-DF. Estudante de Letras e revisora de textos. Possui textos publicados nas revistas: *LiteraLivre*, *Cultural Traços*, *Toma Aí Um Poema*, *La Loba*, *Paranhana Literário*, *Marítimas*, *Tamarina*, *Sepé*, *Subtextos* e *intransitiva*. Fotografa o patrimônio histórico de Planaltina-DF. Colunista no site *Valkirias*. @poesia.insubmissa

O Instante

TAYNÁ BAUER

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

O Instante

Tayná Bauer

Lembro-me de quando o olhar ainda era de uma criança; outros olhos, outros tempos. Olho para aqueles olhos pequenos, ainda inocentes e vejo-me, naquele olhar, encarando a noite, acariciando a curiosidade, segurando o peso do medo que não me deixava penetrar na escuridão. Era uma noite colossal, que não esperava pelo dia. Estava cheia, exatamente como o dia. As árvores, os pássaros, as folhas, a terra: tudo estava lá, sendo engolido pelo véu umbroso da noite. Meus olhos de criança se direcionavam para tudo, mas só enxergavam o vazio. Eu sabia do breu do meu quarto, que se prolongava até o corredor...Entretanto, era a primeira vez que olhava para as profundezas opacas daquele lugar aberto, naquele exato momento, no qual o escuro se esforçava para se entranhar cada vez mais. Era possível a escuridão escurecer mais?

O medo sabia que existia um limite na troca de olhares que acontecia entre mim e a noite. Mas era um momento condenado pela curiosidade da primeira vez em contato com aquele vazio abissal. Conversávamos, eu e a noite, com nossos olhos se entrelaçando suavemente. Parada, estática, inerte, encarava o oco espaço, onde tudo havia. Assim como a noite robustecia as trevas, meus olhos se espremiam para se concentrar num ponto que culminava em tudo. A troca exigia que eu me embrenhasse no véu, e eu só ansiava me alimentar das sombras agravadas pela falta do luar. Meus olhos me puxavam, empurravam-me, puxavam-me, empurravam-me. Nossos olhos se mastigavam.

A noite sabia, eu sabia. Pela primeira vez, eu sabia que estava apertando as mãos daquela escuridão. Os olhos se lançavam enquanto meu corpo esquentava, estremecia, arrepiava. Aquele cenário tão conhecido e desconhecido me tocava. A noite me encarava, eu a encarava. Estávamos condenadas, emaranhadas. Tudo o que eu queria era mais um segundo de olhares. Tudo o que a noite

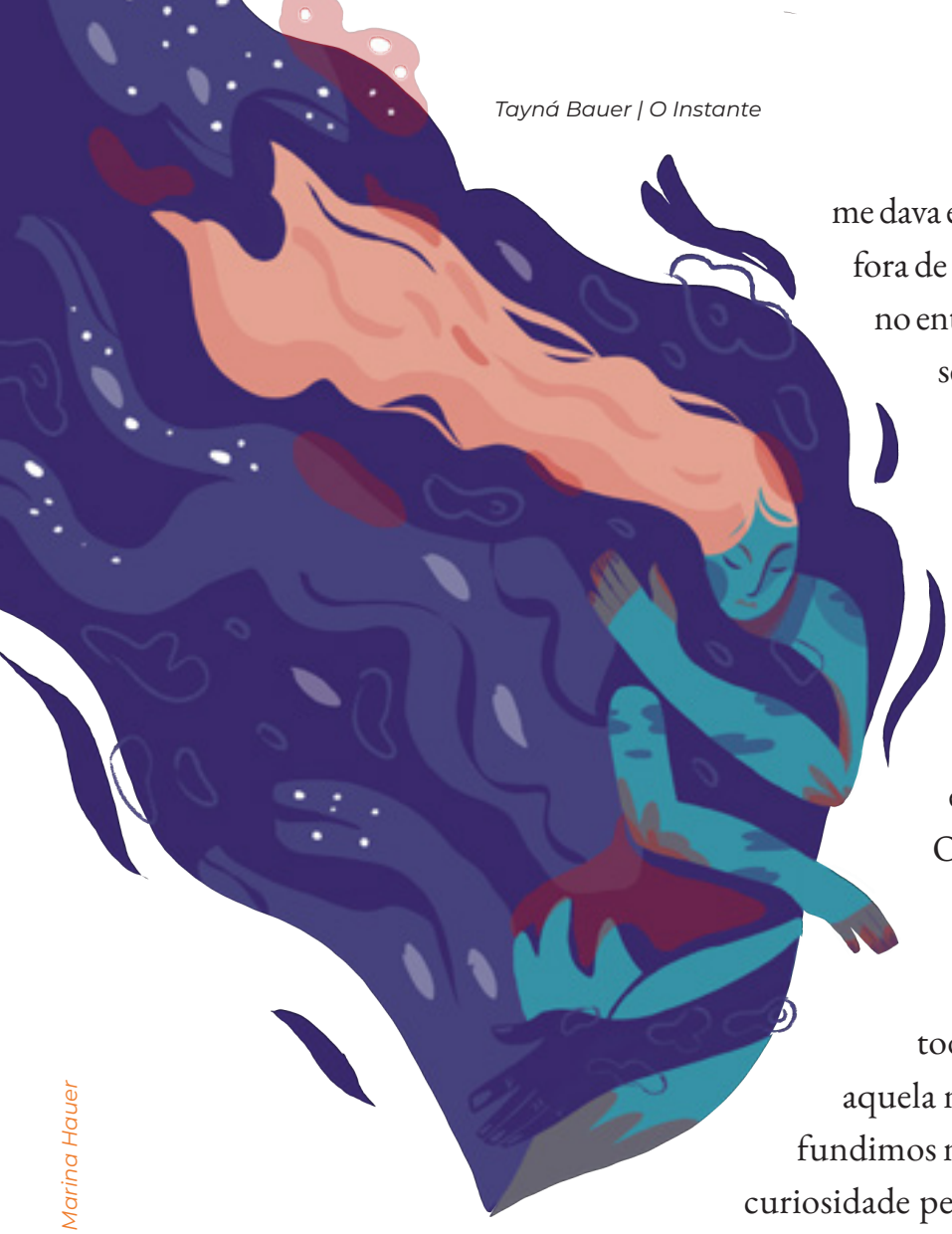


Ilustração de Marina Hauer

me dava era um manto obscuro e secreto, que fora de mim, me adentrava. O medo tácito, no entanto, gritou. O limite se mostrou. O segundo eu já não tinha mais. Meus olhos me viram nas trevas. Eu estava lá, olhava-me. A noite me tinha e eu corria ao encontro dos meus olhos. Foi um espanto, um toque ácido na minha pele, um soco no meu coração. Quando me vi no vazio da noite, desviei o olhar e corri para longe. Longe de mim. O medo nos atropelou.

Hoje nos encontramos no quarto, nos corredores, nos becos, em todos os lugares. Aquele momento, aquela noite agarrou-me, eu a agarrei: nos fundimos num segundo de intensa e deliciosa curiosidade pelo desconhecido. Eu conheci a escuridão, ela me conheceu, eu me conheci. Hoje, quando a encontro, nossos olhares se encaram com desejo: tudo o que vejo é aquela noite, tudo o que sinto é o instante que antecedeu o medo.

Sobre a autora

Tayná Bauer é graduanda de Letras na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Possui como foco a pesquisa acadêmica na área de Teoria Literária e, além de textos literários, produz pinturas em aquarela. Seu e-mail para contato é tayna.bauer10@gmail.com.

intransitiva
revista

Existo

ANDRÉ OLIVEIRA

SOBRE

Existo: Nanquim sobre papel, 2017

***André Oliveira** é um artista mineiro radicado no Espírito Santo, onde é professor de Arte da Rede Estadual. Mestre em Letras (Estudos Literários) e graduado em Artes Visuais, ambos pela Universidade Estadual de Montes Claros. Pesquisa histórias em quadrinhos e livros ilustrados, além de realizar trabalhos como ilustrador e designer. Seu foco de interesse está nos processos de criação, na experimentação de materiais e traços para construção de suas obras.*

Nossos Corpos Movediços

LUIZZA MILCZANOWSKI

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V.7, N.1, 2023)

Nossos Corpos Movediços

Luizza Milczanowski

Uma mulher com um peixe dentro de um vidro de olho transparente.

Um olho transparente.

Uma mulher sem graça com um peixe dentro de um espaço minúsculo.

Um peixe em um espaço minúsculo, sem chance de respirar ou nadar ou escapar.

Uma imagem sem graça de uma pessoa sem graça – quem pinta a unha de verde musgo? – com um olho enorme por trás de um vidro com um peixe aprisionado.

Insosso. Vazio. Meus olhos estão perdidos para outras partes, para minha mesa, para as canetas espalhadas, para o caderno pontilhado aberto, esquecido. A mesa desse outro verde muito mais verde que a unha da mulher sem graça. Tangerinas que amadurecem em um instante e no outro já estão podres. O mamão que escurece e míngua, fruta em decomposição. Talvez uma pintura renascentista de uma fruteira me dissesse mais do que a mulher com o peixe dentro de um vidro transparente. Ela me diz: prisão. Ela me diz: desrespeito. Ela me diz: talvez seja uma boa ideia manter um peixe dentro de um recipiente minúsculo para bater uma fotografia. Talvez alguém tenha dito: artístico.

Tudo bem, chega, interrompe. Você é uma pessoa muito, muito desagradável.

Mas eu continuo:

O café eu vejo primeiro pelas narinas. É o cheiro e o gosto imediato, a língua sedenta. Alô, alô, prepara um café para mim. Esqueço as frutas e o desgosto

da mulher com um peixe minúsculo para sentir o aroma do café – imagético. Grãos que se espalham nas mãos, no corpo, que tento sentir pelos poros, pelos dentes, pelo sobrolho.

Abro os olhos.

Translúcido, seu corpo por trás da névoa. Opaco, seu corpo sobre o lençol úmido. Nossos corpos movediços. Um desejo inteiro de afundar.

A casa está anundada, você diz.

Inundar, corrijo.

Sim, a casa inundada.

Besouros tortuosos, suas costas se abrem feito um grande dragão vermelho.

Me desculpe, murmuro. Me desculpe por dizer que a imagem era insensível.

Não, você está certa. Era uma imagem tenebrosa.

Suas asas de dragão se fecham sobre o tórax, contrai o peito.

Está com frio?

Vou me levantar, você diz.

Quero esticar o braço, mas meu corpo ainda é pólvora. Meu corpo ainda é cera. Afundar as mãos em adubo fundo. Mas eu não posso me levantar. Tenho apenas os delírios oníricos.

Seus sonhos são casca. Seus sonhos são sobre a podridão no canto da parede. Ardor. Langor. Repito palavras a esmo para que você me olhe.

Ilustração de Flávia Adriano

Mas você não olha mais.

Suas asas se contorcem dentro de um vestido bege. Bege cor de saco de batata. Sem forma. Ela não sabe o que realmente penso sobre suas roupas. Não se diz isso a nenhuma pessoa.

Vai trazer café?

Vou, você responde sem se voltar. Suas omoplatas de dragão escarlate na pele cor de cera contra a luz da janela. Lá fora, uma mariposa preta. Aqui dentro, uma mosca azul.

Me desculpe.

Ela nada diz. A boca se abre e estala feito um ovo que se rompe na frigideira.

Não, você tem razão.

A madeira estala em algum ponto lá em cima. Uma grande gota de chuva surpreende a mariposa no vidro da janela. Passos de um lado para o outro. E um grito agudo, contínuo, absoluto.

Os vizinhos, sussurro.

Sim, os vizinhos.

Jesus, o grito não para nunca.

Ela leva o dedo indicador até os lábios e aponta para cima.

Passos, dessa vez diferentes, pesados, se deslocam de um ponto para o outro. Uma bofetada encontra o rosto da vizinha. A seguir, o silêncio.

Olho para o teto, como se pudesse enxergar, por algum erro na realidade, o que acontece ali em cima. Depois me volto para você. Suas órbitas são grandes bolas aquosas.

Ilustração de Flávia Adriano

Um estrondo rompe o ar e a chuva cai, por fim, por inteiro, junto das lágrimas que se formam no rosto amarelado.

Quero me erguer, mas não posso. Ainda sou feita de muito pouco. Submersa.

Antes que ensaie palavra, ela me pede quietude. Termina de calçar as meias e limpa o rosto com as costas das mãos.

Você vai voltar?

Não demoro, você diz. Nunca demoro a voltar.

Sobre a autora

Autora de *O Diálogo* (Ed. Penalux), Luizza Milczanowski nasceu no Rio de Janeiro. Escreve poesia e prosa, mais associada a gêneros híbridos ou experimentais. Participou de Coletâneas como a do Prêmio Off Flip de Literatura 2021; da antologia *Entre Janelas, vol. II* (2020) da Oribê, dentre outras. Colaborou, ainda, com diferentes revistas literárias como a *Revista Philos, intransitiva, Subversa, Inversos, LiteraLivre, Valkirias, Ventania, RelevO* e *Mormaço*. Também escreve ensaios, principalmente sobre a obra de Vladimir Nabokov. Atualmente é mestranda dentro da linha Sociedade, Direitos Humanos e Arte, no PPGD/UFRJ.

Poema na Garrafa

JOSÉ D'ASSUNÇÃO BARROS

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (v. 7, n. 1, 2023)

Poema na Garrafa

José D'Assunção Barros

Um mar acolhedor e calmo...
Saveiros dizendo sonetos,
Gaivotas batalhando
O peixe nosso de cada dia,
Jangadas...
(seriam navios?)

Ah ... e o Sol
No giro final da tarde!
Tão belo que nem sentimos
A luz que no corpo arde.

Olhando, cá do convés,
Sinto-me um Deus possante
(Como se fiscal eu fosse
Deste trecho de horizonte).
Escrevo em meu diário:
Tudo está em perfeito acordo
No projeto da Criação.
Se as gaivotas comem peixes,
Os peixes têm seu destino
E amam
seu próprio cardápio.

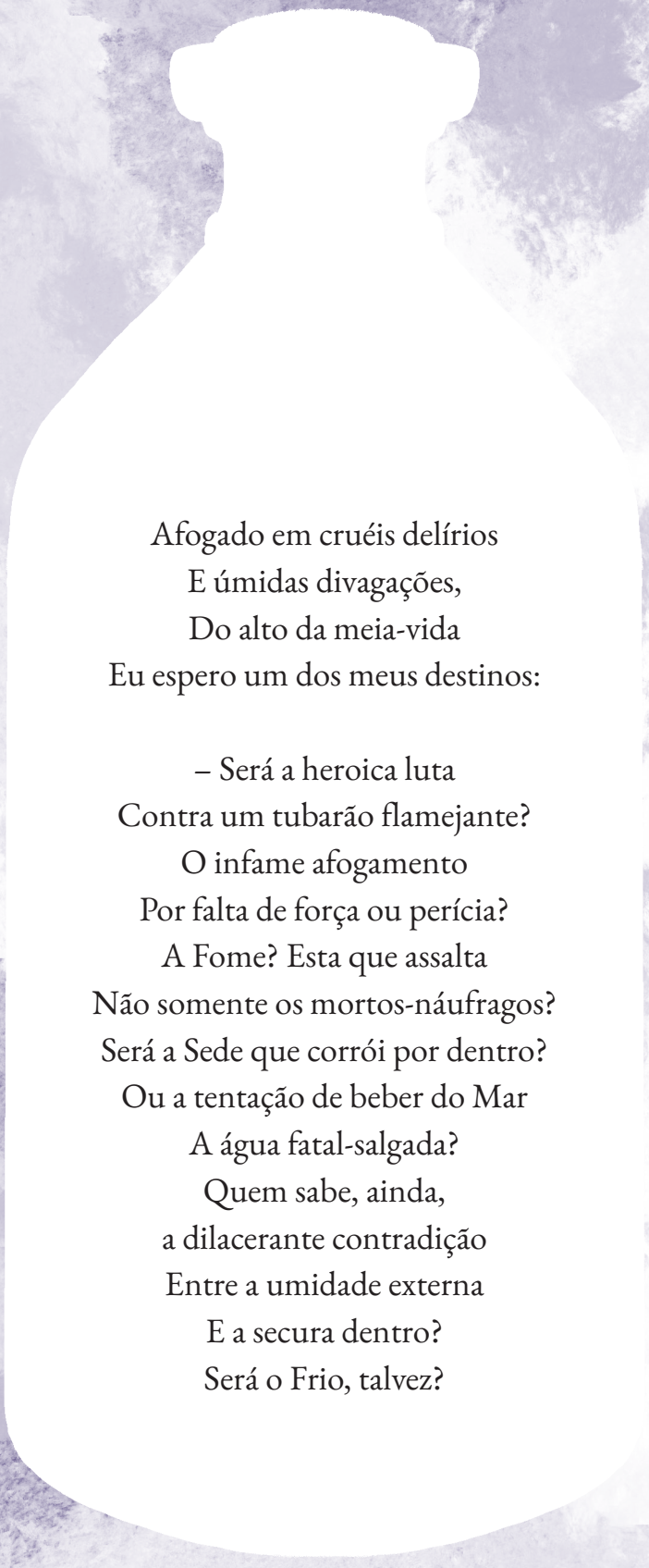
Os peixes: suas cores várias,
Seus tantos tamanhos tantos:
Finos, gordos, alongados;
Pulsantes, vibrantes, elásticos;
Portadores de moleza
Ou de eletricidade.
Formas? As mais diversas:
Estranhas, desconcertantes.
Seus formatos de peixe-gato,
Seus moldes de peixe-estrela,
Seu vigor de peixe-espada!
– Haverá um peixe-estrada?

Mas eis que então acontece,
No mais súbito repente!
Por decisão de um botão,
Ou de um pavio demente,
O espaço-tempo se quebra
Em um momento premente,
Traiçoeiro,
tão quanto inclemente.

O navio se vai,
Sugado por um torpedo.
Trezentas almas explodem,
Ou afundam
Na boca dos peixes-algo.

E ali estou eu,
(Agora, por fim, tu sabes),
Semimorto,
Sob a Morte e Sobre a Vida
Por enquanto, sobrevivente.

Mar – acolhedor e calmo –
? Quem diria que a menos de um palmo
Trava-se um sangrento combate?
? Quem diria que sob o sal
Submarinos estrebucham,
E os peixinhos, dizimados,
Passeiam já sem vida
E em forma de cadáver?



Afogado em cruéis delírios
E úmidas divagações,
Do alto da meia-vida
Eu espero um dos meus destinos:

– Será a heroica luta
Contra um tubarão flamejante?
O infame afogamento
Por falta de força ou perícia?
A Fome? Esta que assalta
Não somente os mortos-náufragos?
Será a Sede que corrói por dentro?
Ou a tentação de beber do Mar
A água fatal-salgada?
Quem sabe, ainda,
a dilacerante contradição
Entre a umidade externa
E a secura dentro?
Será o Frio, talvez?

Os destinos de náufrago não são tantos,
Embora haja ainda os pequenos sonhos
De ilhas e de resgates.

Há o sonho de flutuar
– lentamente derivar –
Como se estivesses em um cruzeiro
Do qual serias o próprio barco.
E quase aportar, por fim, na praia
Na qual irás morar.

Há o sonho que culmina
No instante crucial,
Aquele em que te afogas
E a respiração te abandona,
Acolhe-te a jangada
– Ela mesma já equipada
Com balão de gás benigno.
E tu viras autor de relato!
Escritor de best-seller,
Entre tantos e muitos prêmios,
Ganhas o Nobel dos Náufragos.

E há o delicioso sonho
De um copo de água pura
Com carinho ao calor da nuca.
Vêm ambos da mesma fonte:
As mãos da bela mulher
Que o acaso te trouxe no iate
(No Mundo Melhor dos Mundos,
Tu te casas então com ela,
E viras o herói local
De três ou quatro gerações).

De minha parte,
Já não havia tanta arte.

Por certo pudor
Não lhes falo do meu destino,
Nem o ponho nesta garrafa.
Que querias?
Num rasgo de matemática
Calcular as coordenadas
Deste mar em movimento?

Contento-me em informar,
Nestes riscos do que fui eu,
Simplesmente que fui
– Que existi!
Que vivi e que morro agora
Como tu morres um dia.

Minha última paisagem:
O Mar – acolhedor e calmo...

Ah! Que saudade
Do instante em que não se tinha
A mentira desvirtuada!
E o Mar era bravio...
Melhor, que saudade
Do tempo em que não havia
Nem mar, nem morte, nem vida.

Ilustrações de Gabrielly Curi

Sobre o autor

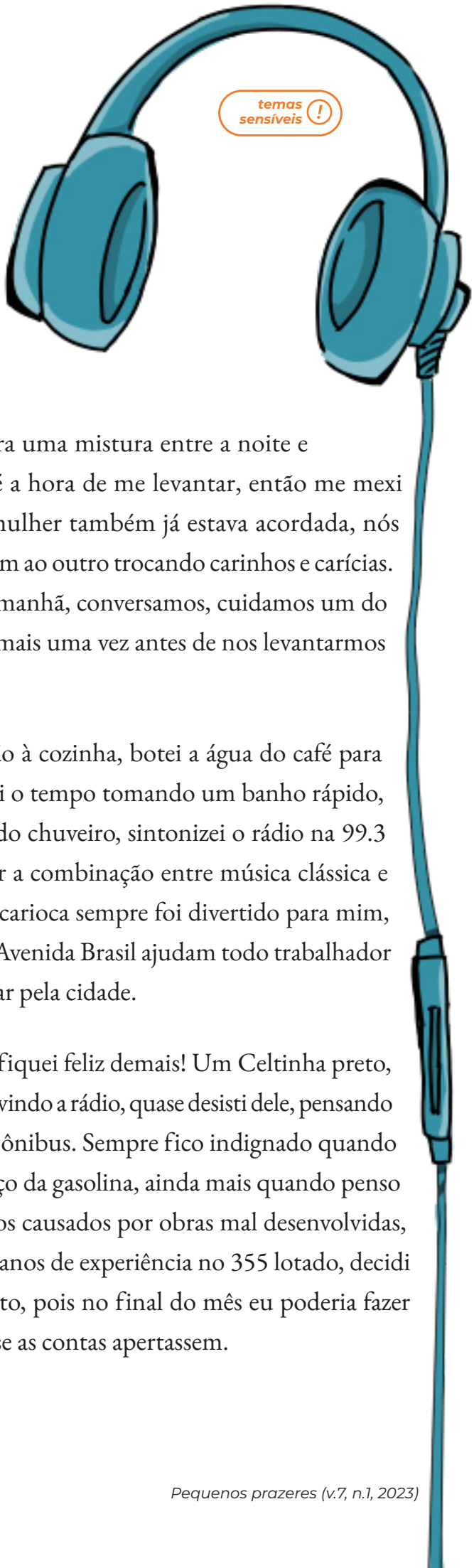
Professor-Associado de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ. Doutor em História pela UFF.

Hoje

JEFFERSON AUGUSTO
PEREIRA DOS REIS

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V.7, N.1, 2023)



Hoje

Jefferson Augusto
Pereira dos Reis

Quando acordei, o céu ainda era uma mistura entre a noite e a manhã, faltava um tempo até a hora de me levantar, então me mexi tentando descobrir se minha mulher também já estava acordada, nós sempre gostamos de encontrar um ao outro trocando carinhos e carícias. Nos encontramos de novo essa manhã, conversamos, cuidamos um do outro, fizemos e juramos amor mais uma vez antes de nos levantarmos para enfrentar o dia.

Fui automaticamente em direção à cozinha, botei a água do café para ferver em fogo baixo e aproveitei o tempo tomando um banho rápido, como sempre faço. A caminho do chuveiro, sintonizei o rádio na 99.3 mais uma vez porque aproveitar a combinação entre música clássica e as informações sobre o trânsito carioca sempre foi divertido para mim, além do quê, as notícias sobre a Avenida Brasil ajudam todo trabalhador a decidir como vai se movimentar pela cidade.

Esse ano compramos um carro, fiquei feliz demais! Um Celtinha preto, 2012, inteirão, coisa linda, mas ouvindo a rádio, quase desisti dele, pensando em voltar a ir para o trabalho de ônibus. Sempre fico indignado quando a alta da inflação aparece no preço da gasolina, ainda mais quando penso que gasto nesses engarrafamentos causados por obras mal desenvolvidas, mas quando lembrei dos tantos anos de experiência no 355 lotado, decidi dirigir, preferi garantir o conforto, pois no final do mês eu poderia fazer umas corridas com o aplicativo se as contas apertassem.

Quando vamos juntos para o trabalho, costumo ir dirigindo, pois a escola em que ela trabalha é mais perto da nossa casa, mas hoje resolvi gravar um vídeo nosso enquanto ela dirigia e fui no carona. Foi muito divertido porque ela não entendeu que minha intenção era essa e, sem perceber que eu havia ligado a câmera do celular, ligou o som do carro na maior altura e foi logo cantando com o Mano Brown: "É necessário sempre acreditar que o sonho é possível. Que o céu é o limite e você, truta, é imbatível...". Caramba! Quando me dei conta, eu também tinha começado a acompanhar a pedrada do Racionais e de repente tínhamos quase cinco minutos gravados, um desses vídeos épicos, capazes de contar toda uma história. Nos despedimos afetuosamente quando chegamos a São Cristóvão e assumi a direção.

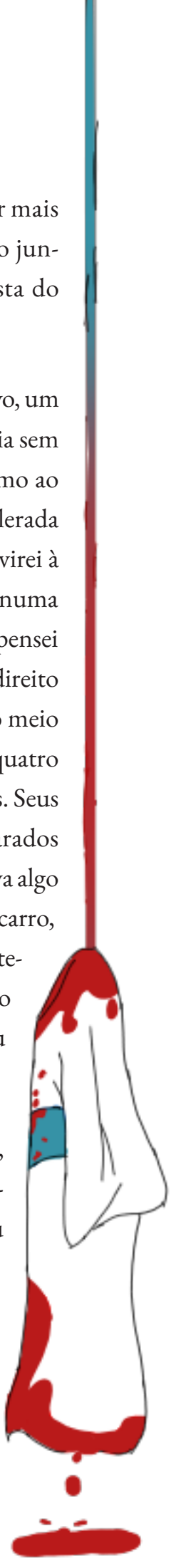
Trabalhar na rede pública sempre foi um sonho meu, mas a só prática evidencia o tamanho deste desafio, principalmente quando essas escolas se encontram em regiões de maior abandono político-social, como a escola em que comecei a dar aulas neste ano. A noite havia sido complicada na Maré e os alunos que compareceram estavam muito mais tensos que o normal. Nestes dias, todos os profissionais assumem uma espécie de pacto silencioso e mais do que nunca o espaço-escola extrapola o gesso das ementas e aprende-ensina acolhimento, sobretudo. É muito complexo, mas vivendo momentos como esses aprendi a encher o peito de orgulho por ter escolhido a educação.

Embora o sonho alimente o espírito, muitas vezes a prática esgota minhas forças. Eu descobri que hoje estava sendo um desses dias difíceis quando entrei no carro para ir embora, estava exausto. Lembro de ter pensado que se o dia não tivesse começado tão bem, teria sido mais difícil. Troquei algumas mensagens com minha mulher e propus repetirmos o jantar que havíamos feito na semana passada, que era bem prático e delicioso, ela topou e sugeriu um vinho que já vínhamos

adiando há alguns dias. Maravilha! Nessa hora voltei a me sentir mais disposto pensando sobre como eram boas as noites cozinhando juntos, dividindo as experiências do dia. Refiz mentalmente a lista do supermercado e segui para lá.

Quando voltava para casa, decidi passar por um caminho alternativo, um pouco maior, talvez até perigoso, mas ainda era cedo e a rota estaria sem engarrafamentos, com certeza. No final de uma rua longa, próximo ao Jacarezinho, uma moto vinha em sentido contrário e passou acelerada por mim, a um fio do retrovisor. Antes que eu pudesse xingá-lo, virei à esquerda, entendi imediatamente e parei o carro de uma só vez, numa freada brusca. Congelado pelo que via, fiquei totalmente travado, pensei em sair dali, mas minhas mãos estavam agarradas ao volante e o pé direito afundado no freio. Uma viatura estava logo adiante, enviesada no meio da rua e do lugar onde ela estava, vinham em posição de ataque quatro policiais com suas armas imponentes e seus coletes à prova de balas. Seus fuzis estavam apontados na direção dos garotos sem camisa, parados junto ao meio fio. Já estavam muito perto. Um dos garotos segurava algo quando levantou as mãos. Pareciam os meus alunos! Quis sair do carro, mas começaram a atirar. Lembro de ter gritado: "O que está acontecendo? São só garotos!". Tenho certeza de que vi dois deles caindo antes de ouvir um forte zunido e uma dor alucinante invadir meu peito, fazendo com que tudo ficasse preto...

Fiquei um tempo grogue, acordando e voltando a dormir, até perceber estar num quarto de hospital. Quando retomei a consciência, percebi que minha mulher estava ao meu lado e enquanto conversávamos, fui retomando cada parte do quebra cabeça que compôs o meu dia até agora. Descobri que um dos disparos atravessou o vidro da frente, acertou meu ombro



Ilustrações de Gabriela Bernardino

e eu desmaiei. Fiquei instantaneamente feliz por estar vivo, pela lembrança de cada um dos detalhes que preencheram meu dia de sentido, mas imediatamente após me sentir assim, me lembrei dos garotos caindo. Houve um "erro de interpretação por parte dos oficiais", eles disseram. Os instrumentos dos garotos foram confundidos com armas e apenas dois entre os cinco amigos sobreviveram. Eles voltavam do ensaio.

Vou voltar para casa amanhã, retomar os pequenos e íntimos hábitos que me ajudam a seguir e dão sentido aos meus dias, mas sei que irei me perguntar para sempre: onde moram os prazeres daqueles meninos e suas famílias? Como encontrar um sentido para estarem vivos, se com música nas mãos eles se tornaram alvos?

Sobre o autor

Jefferson é mineiro do interior, radicado no Rio de Janeiro há dez anos. Escreve as suas impressões sobre o viver desde a infância e fez do gosto pela escrita ponte para o curso de Letras da UFRJ. Manteve o hábito como parte de um caminho interno por um longo tempo, mas a passagem dos anos fez com que tomasse a decisão de tornar a prática da escrita uma válvula de escape da sua leitura do mundo e do grito silencioso que movimenta o espírito dos inconformados.

¿Quem disse que não vale a pena?

LUIZ FERNANDO DE OLIVEIRA

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

¿Quem disse que não vale a pena?

Luiz Fernando de Oliveira

Pra quê sonhar?
A vida é tão desconhecida e mágica...

– Cazuza

Ele nunca pretendeu ir à Disney. Seus desejos de criança são menores, muito menores e menos chatos. De fato, ele sempre quis o que pôde querer. O ruído da montanha russa e dos demais brinquedos dos parques temáticos deve lembrar o dos carros nos viadutos – ¿por que ir ao encontro de estampidos que atrapalham seu já tão desconfortável sono? "Fico com o que não tenho", consolava-se. Mais ainda, alegrava-se.

¡Ser famoso, então! Isso ele jamais quis: deve dar um trabalhão da gota cuidar do cabelo, da pele, do corpo, da voz, das roupas; o investimento não compensa a pequenez do lucro. Gente famosa não vive, dedica-se à vida, como se ela fosse um bem material, faz dela um latifúndio que exige um trabalho exaustivo e que, ao fim, só gera alimento para uns gatos pingados e um dinheiro incapaz de impedir que a mesma terra os devore. Preferia o anonimato:

— Fico sem nome mesmo – ria-se.

Nos cartazes, ele via gente bonita e pensava: "Melhor não ser bonito, se a gente perde a beleza de pressa". Com efeito, todos os desejos são volúveis por natureza. Isso nem era preciso dizer, afinal, "desejo volúvel" é dessas redundâncias da mesma categoria como "círculo redondo", "água molhada", "rico mesquinho". E fitando os corpos emparedados, reforçava para si mesmo: "Minha mãe nunca foi bonita, eu acho, mesmo assim meu pai quis ficar com ela. Gente bonita tem todo mundo e não tem ninguém. Fico com minha feiura". ¿Acredita mesmo nisso?

Não, pensando melhor, ele não se achava feio: considerava-se... comum. Belezas comuns excitam até mais. Pessoas perfeitas de corpo e de rosto se parecem com bonecas, dão canseira nos olhos, envenenam os órgãos, deprimem a alma, desgostam as vontades, ampliam os ciúmes. ¡Quando se é muito bonito e a velhice vai roubando o viço e o lume de quem a tem, aos poucos tudo vira solidão! Os desdentados não devem sofrer, caso tenham tido dentes feios e podres e amarelos. À exuberância, o menino preferia o meio termo – ou o meio que é do meio para baixo.

¿O que acontece quando a mansão fica de herança para os filhos de quem morre? Tirar o morto do túmulo, ela não pode. E que mansões são túmulos: quentes como deve ser o inferno, úmidos como a roupa encharcada pelo suor dos que abrigam os marginais, cheios de lodo e baratas e vermes... "Melhor ter casa nada", refletia. "Na rua, sou livre pra ver o povo sempre querendo", prosseguia. Retiradas dele as probabilidades de se realizar como ser humano, ele preferia se bestializar. As feras devem ser menos infelizes que os anjos.

"Que nada, a vida é boa", dizia-se olhando a sua cara refletida nas vitrines – obviamente, do lado de fora, antes dos donos da loja o enxotarem. Sua mãe não tem anéis nos dedos, pois ela nunca ganhou um do homem que a embarrigou dele e de seus tantos irmãos. Essa velha de vinte e poucos anos, enrugada como os trapos que usa, maltratada pelo sol e pela poeira, tem unhas fortes, empretecidas pela lama das sarjetas, fortalecidas pelo cavoucar diário das latas de lixo. "Moça de anel, de esmalte e de creme na mão não tem calo no dedo, por isso sente tanta dor. Mãe de mão cheia de calo que é boa. Calo é pele seca, não dói". ¿Dói?

Falando em mãos, ele tem dedos de arrancar ranho do nariz. ¡Quantas crianças não os têm! Por isso sua vida é boa. Crianças ricas e sem dedos, aleijadas de parto ou de acidente, não sabem o quão prazeroso é arrancar aquelas quase-bolinhas úmidas e disformes das fossas nasais, deslizá-las entre o dedão e o indicador, o médio, o anelar, o mindinho, remodelá-las retirando delas a viscosidade até deixá-las secas – "¡agora são bolas de verdade!" –, a fim de colecioná-las nos arrimos das pontes até que uma lagartixa as devore. "Quero só esse pouquinho de vida".

Um dia, vendo uma turba voltar da escola, ele pensou: "¿Camiseta branquinha, calção, saia, calça passada" – ele que nunca viu ferro de passar, nem sabão de lavar – "e mochila e merendeira, tudo isso pra quê? Escola deve ser chata pra caralho" – sim, ele pode falar de caralhos, mesmo sendo criança, o que as crianças finas não podem. ¡Que liberdade, a sua!

Ele pensa muito em comida, mesmo com o prato vazio. ¿Aliás, que prato? *Pensar* em comer não é a melhor expressão: as razões de seu estômago são barulhentas, tonteiam o corpo, embaralham as vistas. Sentado na calçada de um boteco, um analista dizia na televisão, com ar professoral e autoridade de quem come todos os dias, que nos abastecemos de doenças a cada mordida:

— Vegetais com agrotóxicos – ¡upa, agroquímicos! – fazem mal para o aparelho digestivo, frutas matam mais cedo devido aos fertilizantes, carne envelhece o corpo mais rápido, a água está contaminada, os produtos industrializados são carcinogênicos – o menino não sabia que diabo é isso, mas concluiu que devia ser algo ruim –, conservantes dissolvem o fígado...

¡Que alívio! Com tanta comida cancerígena, melhor mesmo é não ter o que comer. "¿Pra que comer, se a gente pode pensar na comida sem ficar gordo e sem câncer? Ouvi falar que câncer é um troço que dói tipo a desgraça" – E assim se passavam seus dias, movidos a felicidades diminutas, plenificados com a sensação de que não se sofre por aquilo que não se pode ter ou ser. É menos triste a vida de quem nunca foi alegre. Por isso, era contente com o nada que possuía, com a escassez e a miséria, com o não-ser que ele era, até que a morte o levasse...

... por falar em morte, ela veio, e veio que veio bonita – digo, com sua beleza comum. Morte bonita é coisa de rei, rainha, gente famosa, papa, pessoas que, geladas, devem ansiar pelo fim dos longos rituais para descansarem no mais sublime esquecimento. Foi num dia de sol, lá na Rua dos Providos, dia de farta luz.

Ele andava descalço pelo asfalto quente; nunca teve chinelo, sandália, tênis, sapato, bota nem botina. "¡Que gostoso ter essa crosta na sola do pé que nem chão quente faz doer! Piso na bosta de cachorro e vejo nada". Uma

Mercedes conversível avançou o sinal e o atropelou em cima da faixa de pedestres. O motorista fugiu sem prestar socorro, e, todo ferido, o sem-nada disse a si mesmo:

— Coisa ruim é ser esse moço que me pegou. Gastou dinheiro no carrão que agora deu uma amassada, porque meu corpo é duro e a batida foi forte. Quebrou o farol. Meu sangue ficou nele. Ainda bem que eu não tenho carro. Tenho pena dele agora. Deve reclamar demais. Vai ter que lavar o carro. Vai ter que esconder da polícia, inventar desculpa, dizer que não viu, que passou na hora certa sim, que eu que errei. Mas ele não vai preso, se fosse, assim ele comia todo dia. Os pessoal fala que preso é vagabundo que gosta de comida fácil – a cadeia deve ser boa, viu? Gente que é livre sempre diz que a cadeia é boa. Gente que mora em casa sempre elogia a vida de quem vive de rua, fala que a gente não paga imposto... Eu sei lá o que é imposto...

Ilustração de Yasmin Coelho

Gente chegou perto, fingindo pena, movida pelo fascínio que o sangue desperta. Eles terão sobre o que falar no almoço de domingo. O sangue derramado fritava no asfalto, a baba que escorria da boca convulsiva chegava a borbulhar em contato com o granito na beira da calçada. ¡Que delícia sentir o corpo, ainda que por meio de uma dor insuportável! Embora suportar seja para quem tem alguma coisa: ele podia simplesmente não suportar. Morreu ali, sem que ninguém sofresse por ele. Ainda bem, apenas sofrem aqueles que tiveram momentos de felicidade como comparativos.

Recolhido, foi para o *Cemitério dos Nunca Foram*. Embrulharam-no em um saco de pano grosseiro e o jogaram numa cova sem número e sem plaquinha – tanto melhor: assim, ninguém terá o desprazer de ter que ir visitá-lo fingindo piedade a

cada dia 02 de novembro. Enquanto a terra cobria, prazerosamente, aquele fardo, alguma consciência ainda presente naquele corpo pensou:

— ¡Eu nunca chorei na vida, como isso é bom!

E tudo mais foi abandono e indiferença.

As pessoas ao redor do cemitério prosseguiam com suas vidas, corriam atrás de seus sonhos imensos e planejavam um futuro, sem saber que apenas o presente existe, aguardando a realização de todos os seus sonhos enquanto a cerveja quente exalava seu cheiro ruim nos copos dos bares.

O dia estava azul como poucas vezes se vira.

Sobre o autor

Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), campus Nepomuceno, e da Universidade Federal de Lavras (UFLA), Doutor em Educação Pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Mestre em Educação pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). É pesquisador, autor de textos acadêmicos e de um livro de crônicas e um de poesia, já publicados. Co-autor em antologias literárias.

Todo Dia

[estar vivo nesse mundo é coisa seríssima]

GABRIELA PACHECO DE ARAUJO

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

Todo Dia

[estar vivo nesse mundo é coisa seríssima]

Gabriela Pacheco de Araujo

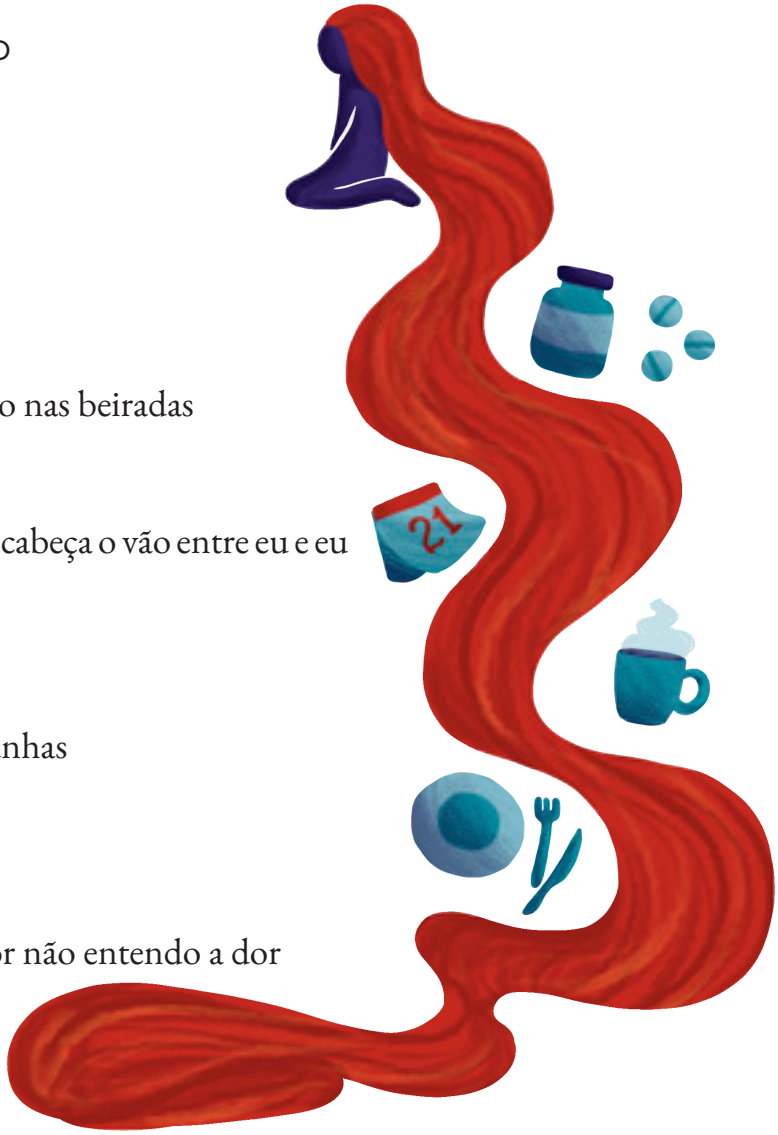


Ilustração de Camila Rosa

acordar quando possível

fazer os cabelos crescerem

escapar de samsara

lavar toda a louça da casa passar pano nas beiradas

me fingir

assistir no silêncio dentro da própria cabeça o vão entre eu e eu

tirar o pó

alimentar o basilisco

crescer cabelo crescer ossos crescer unhas

20g de escitalopram

mesmo depois de conviver com a dor não entendo a dor

e ainda assim

hoje a manhã tão fresca

viver de novo e de novo de novo e de novo

Sobre a autora

Gabriela Pacheco de Araujo (Rio de Janeiro, 1999) é poeta e pintora. Estudante de Letras, se formou em Linguagem e Cultura na Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio (TUFS • 東京外国語大学). Hoje vive entre Rio de Janeiro e Niterói.

intransitiva
revista

Folhas destacáveis

LUCAS MUNIZ REIS
("SEM CABEÇA")

SOBRE

Folhas destacáveis: História em quadrinhos abstrata com colagem analógica, 2022

***Lucas Muniz** é mestrando no Programa de Pós Graduação em Design da EBA/UFRJ, onde busca investigar as poéticas da linguagem dos quadrinhos. Assina como "Sem Cabeça", publicando HQs e ilustrações no Instagram e de forma independente, além de participar de feiras e publicações coletivas. Procura, sobretudo, experimentar possibilidades de criação, leitura e formato das histórias em quadrinhos, dando ênfase à improvisação, ao acaso e aos desvios que ocorrem ao longo do trabalho. O pseudônimo reflete também sua maneira de criar, assim como os conceitos e personagens que permeiam suas criações.*

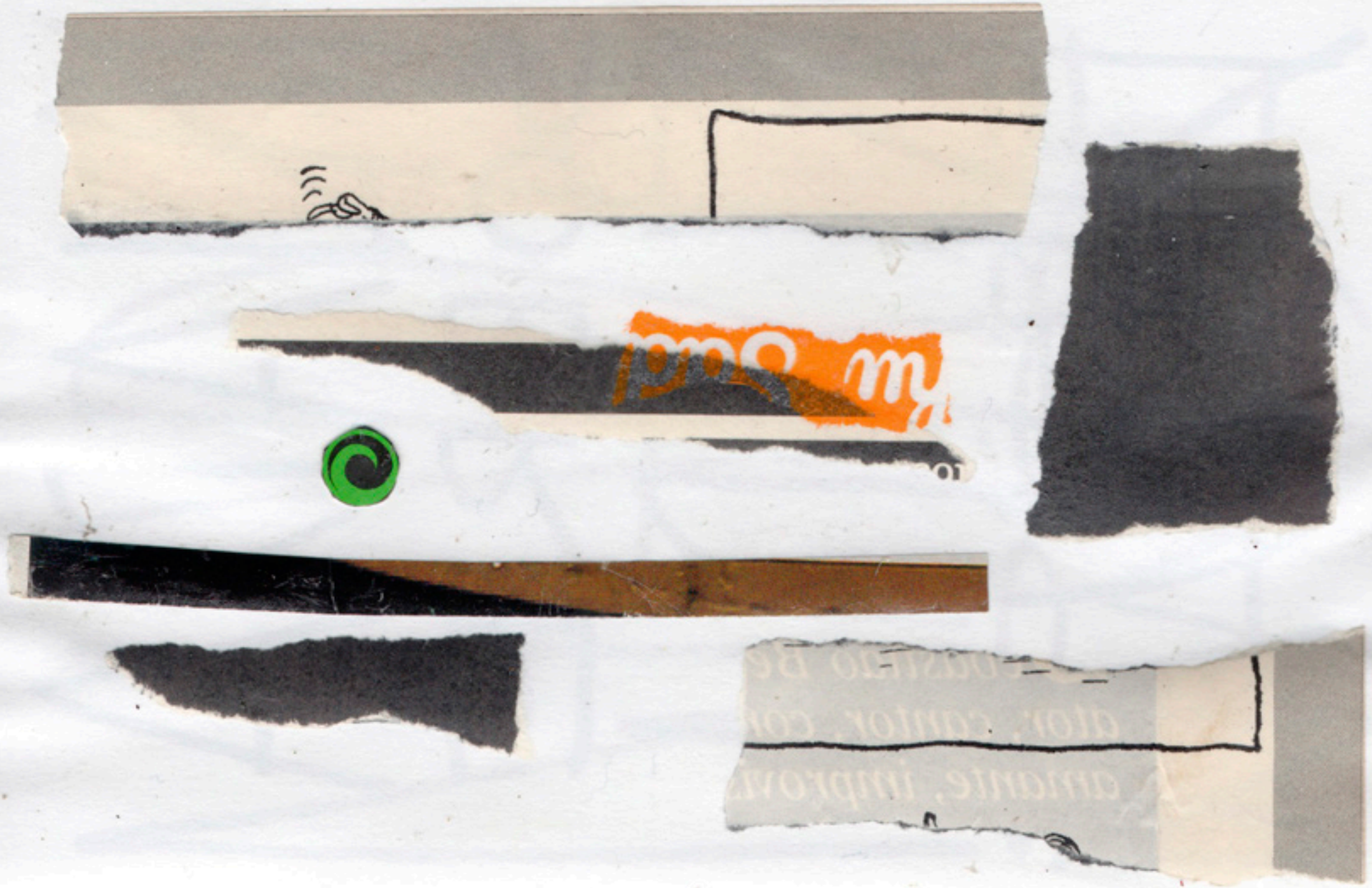
RA FOLHA - POR FAVOR REMOVA
ART SHEET - PLEASE REMOVE
PRIMEIRA FOLHA - POR FAVOR REMOVA
START SHEET - PLEASE REMOVE
FOLHAS DESTACÁVEIS
A O SEU DIA-A
CICLADO NATUR
e os estragos
forças da natureza podem ca

LET'S
BURN
IT ALL!
ZOMO

1238 3412

25mm
Retire
uma tip
Dobre em sanfona nos
picotes e enrole o restante
Enrole o papel por
fora da tip

PARECE QUE MEUS PENSAMENTOS
SE TORNAM CADA VEZ MAIS
COLAGENS DE IDEIAS, MEMÓRIAS,
PENSAMENTOS ...
E RECORTES
QUE TENTO
memórias
EMÓRIAS
Começamos tudo de novo
De trás para diante
Do meio para o fim
Paulatinamente compondo as entrelinhas
E descobrindo o que não foi dito
Por mim ou sequer pelo outro
NOVOS
DESIGN
ESCAPAR
Toke e Crie®
A Arte
É QUE
TODA ESSA
DEMAIS



Besourinho verde

DANIEL CARDOSO ALVES

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V.7, N.1, 2023)

Besourinho verde

Daniel Cardoso Alves

E eis que lanço o olhar para o teclado e avisto um inseto
Não qualquer inseto
Eu acho que era um filhote de esperança ...

Tinha a estrutura padrão da sua espécie
Uma cor verde que me fisgava
Pequenino, parecia ser tão frágil
O caminhante besourinho

E como se quisesse me dizer algo
Ele parou na tecla S
Precisamente entre as teclas S e D
Fixei o olhar para ele e elas. Mudo, devaneei:
Ele quer me falar sobre saudade ...
S e D lembram essa palavra

Não!
Ele veio me desejar sucesso
Parou ao lado da letra D, inicial do meu nome
E sucesso começa com a letra S
Ora, não é coincidência pousar entre essas duas letras
Ele quer me dizer alguma coisa boa
Cogitei

É loucura!
Insetos não pensam, não falam ...
E esperanças?
Melhor: e filhotinho de esperança?
Novamente devaneei

Dizem que ver esperança é bom presságio
Melhor então é ver filhotinhos de esperança
Eles não são comuns de serem vistos
Ainda mais descansando sobre teclas
Que queres me dizer, pequena esperança?

Ilustração de Vanessa Marques

Se foi acaso ou loucura não me importa
Posso estar devaneando
Só sei que hoje a esperança pousara aqui em casa
Bem no meu teclado
E em dia ensolarado

Ela veio sozinha
De bom grado
Em pujança
Mandou seu filho
E como esperança de Lispector
Despertou em mim coisas do Sagrado

Queria passar, passear
Cansou
Aproveitou o abrigo
E simplesmente nas teclas descansou
Falou-me, afagou-me e partiu
Voou ...

Foi e não titubeou
Lançou-se sem olhar para trás
Nem me disse adeus
Sua missão já tinha cumprido
Encheu-me de paz.

Sobre o autor

Geógrafo, pedagogo, filósofo e poeta. Professor universitário da área de filosofia e educação, pesquisador e doutor em Educação. Dedica-se a produções que buscam relacionar ciência e arte.

intransitiva
revista

Autorretrato (fev. 2023)

BEATRIZ KESTERING TRAMONTIN

SOBRE

Autorretrato (fev. 2023): Vídeo, 2023

Beatriz Kestering Tramontin** é cineasta, poeta e pesquisadora. No cinema, atua em pesquisa, direção, roteiro e produção. Mestra em Ciências da Linguagem (PPGCL-Unisul), tendo como foco de pesquisa o cinema de Agnès Varda, e graduada em Cinema e Audiovisual (Unisul). Na poesia, é autora de* Territórios Vazantes ***(Caiaponte, 2020) *e* Caixa de Poemas ***(EdiUnesc, 2014).***

Assista em: https://youtube.com/shorts/bIXnF9-AZak

Mortos Mitos

ALESSANDRA FIGUEIRÓ THORNTON

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V.7, N.1, 2023)

Mortos Mitos

Alessandra Figueiró Thornton

Quantas belas Medusas eu encontrei?

O número de pedras que me tornei.

E de tantos Midas que dispensei,

De todo ouro que já toquei!

Quisera fossem os Olimpos que penetrei;

Paisagens lindas, celestes que me deixei...

Ou,

Os Abismos de Hades onde chorei?

De Hercúleos homens me apaixonei,

E parte deles eu conquistei...

A outra parte eu dominei;

E numa parte deles, eu me incendiei!

Se eles pensam o mesmo, eu não sei!

Quimeras e muitos mitos eu já criei,

E alegrias normais eu sacrifiquei,

Penélope e Ulisses imaginei,

Eu, ele e um tear, que desmanchei.

E...

Ilustração de Mariana Cherulli

De todo fantástico mundo que eu sonhei,

Restaram apenas ruínas, que derrubei!

O real, cru e cruel eu enxerguei:

E quis ser como a vida que sepultei,

E vi que é belo também, o que matei!

Ao nascer de novo, pro novo que retornei,

Sem mito ou lenda, é o que terei,

Insano, verdadeiro, ou fora da lei!

Não há Hidra ou herói que adorarei...

Sobre a autora

Professora de língua portuguesa e inglesa, revisora, tradutora, poetisa, pedagoga e psicopedagoga, mestre em Educação.

A mulher no mercado

MONICA CHERULLI

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (v. 7, n. 1, 2023)

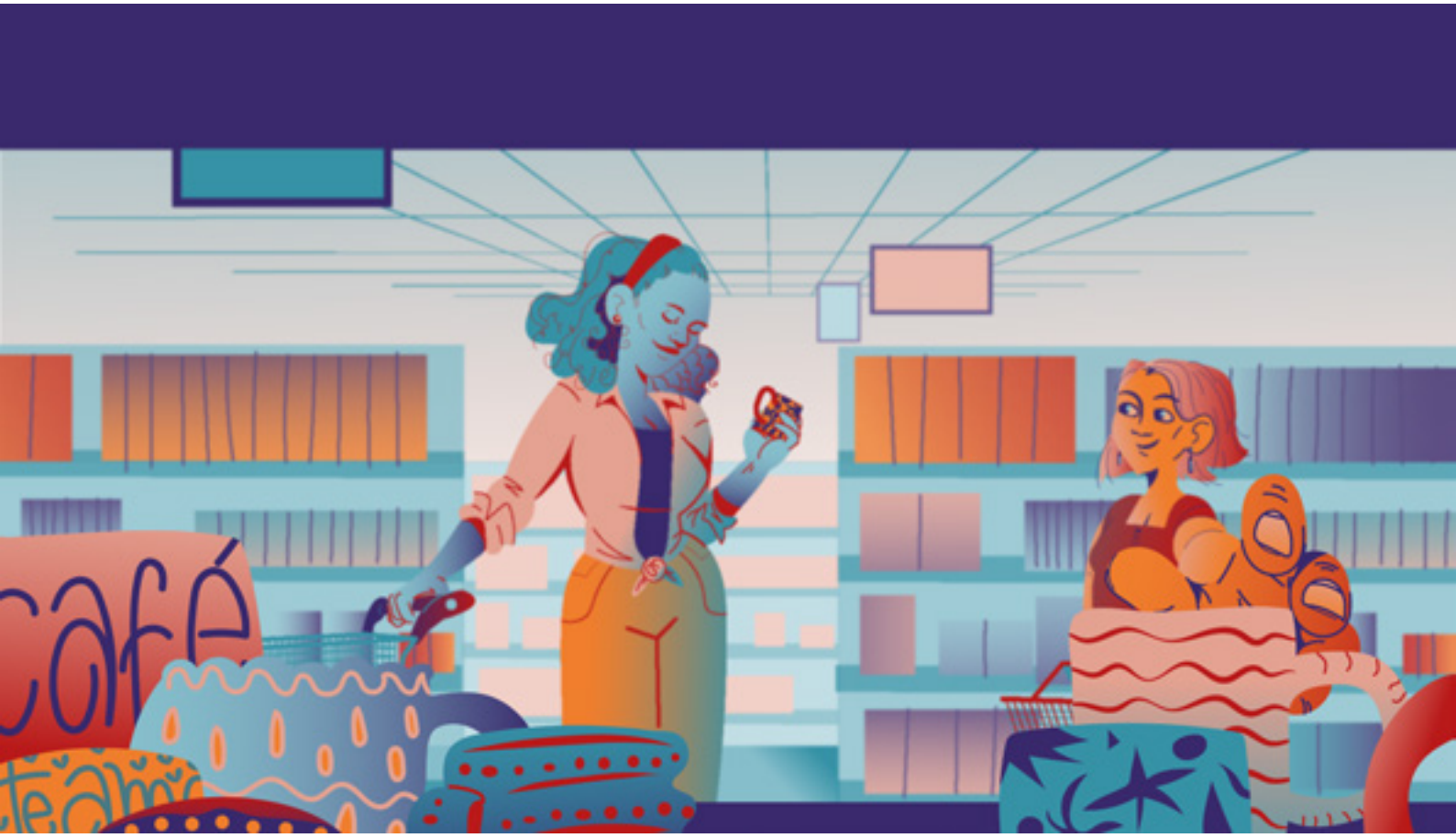
A mulher no mercado

Monica Cherulli

Num sábado de manhã, meio chuvoso, ia levando distraidamente meu carrinho pelos corredores do supermercado quando uma cena me fez parar

Uma mulher alta, por volta de seus 40 e tantos anos, gordinha, escolhia empolgadamente canecas de louça em promoção.

Retirava uma da prateleira, girava nas mãos, sorria e devolvia, pegando outra em seguida. Não se decidia. Queria levar todas. E ria de si mesma a cada nova indecisão.



Não sei por que, aquela cena me cativou tanto que parei ali, observando uma estranha com os olhos brilhantes, brincando com canecas coloridas.

Fiquei encantada pelos gestos dela, não conseguia parar de acompanhá-la com meus olhos, curiosos, envolvidos.

E assim, me vi sorrindo também e desandei a opinar:

— Pegue essa azul. Os pratos também estão em promoção, você já viu?

E sorrimos uma pra outra, compartilhando aquela tolice toda. Velhas desconhecidas estranhas, ali, no meio do corredor do mercado.

Eu já me esquecia do meu carrinho, das minhas compras, do horário e pegava também pratos, canecas, xícaras... escolhendo, recolhendo, devolvendo.

E a estranha, cada vez mais empolgada, dizia que nunca mais conseguiria sair daquele corredor. Eu ria. Ou sorria, não sei. Alguma coisa no meu coração ficou tão leve naquele momento, que eu simplesmente me recusava a sair dali.

No final, pegamos duas pequenas xícaras de café. Nós duas indecisas entre o azul ou o dourado. Relutante, cheguei a colocar a azul no carrinho. Pensei: é mais neutro, vai ficar bem com qualquer outra coisa.

Ah... mas não era dia de coisas perfeitas. E sempre detestei perfeição. E disse em voz alta, comentando com a minha companheira de indecisões:

— Quero o dourado, quero cor, quero luz!

E ela, como toda boa companheira, riu e disse:

— É isso! Também quero colorido. Meu ano foi muito bom, colorido, amoroso. Vou levar o dourado pra mim e o azul pro meu namorado. Eu sempre levo um presente pra ele.

Foi nesse momento, então, que eu entendi o que me prendeu a ela o tempo todo naquele corredor do supermercado.

Aquele brilho no olhar.

Aquele sorriso leve e caloroso.

Aquela felicidade boba.

Era só amor...

Ilustração de Vanessa Marques

Sobre a autora

Gosta de escrever desde criança e adora ler. Fez Comunicação Social, Administração de Empresas e alguns períodos de Pedagogia. Trabalhou em uma multinacional com capacitação de pessoas e numa universidade com educação a distância. Hoje está aposentada e faz balé e flamenco. Gosta de ouvir as histórias das pessoas e juntar todas num arquivo imaginário em sua cabeça, para poder usar algum dia, em algum conto. Escreve para organizar seus sentimentos, para entender a vida e as coisas que não consegue mudar.

Agora eu sei por que o pássaro canta na gaiola

ITAMARA DOS SANTOS ALONSO

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

Agora eu sei por que o pássaro canta na gaiola

Itamara dos Santos Alonso

Esses dias, peguei-me admirando-me. Entendendo-me. Respeitando-me. Coisas tão inúteis para o discurso dominante capitalista. Ainda assim, encontrei-me na rua sorridente. Meus fones alegravam os meus receosos ouvidos com enunciados rítmicos. Vi-me brilhar sob a luz do dia, a pele negra, que me disseram negra, que me desejaram negra, que me acusaram negra, suave como a seda da touca que guardava os meus fios à noite.

Não estranhei a mim mesma, não odiei, não critiquei. Apenas me observei andando na rua como se o mundo não fosse um moinho prestes a mastigar meus sonhos tão mesquinhos. Apesar dessa cantiga profética, nunca antes tinha avistado tanta energia à minha volta. Questiono-me se sempre foi assim. Se eu pudesse dar um nome, seria algo como a fé ou o axé. Se tivesse forma, seria exatamente do tamanho do meu cabelo, redondo, alto, onipotente, metido e crespo.

Há uma frase que eu não entendia muito bem. É o título do livro da minha escritora preferida, Maya Angelou, e chama-se "Eu sei por que o pássaro canta na gaiola". Li muito nova, perdida nas estradas sinuosas da trajetória, não entendia! Mas olhando-me, bem ali, vejo que expandi o meu sol, que agora está brilhando intensamente. Não mais o sol da manhã, aquele ainda tocado pelos dedos frios das nuvens. Tornei-me o sol do meio-dia, queimando de dentro para fora. Sem nenhuma relação com Ícaro! Até então, questionava-me: O pássaro era uma metáfora a que? O que seria a gaiola? Eram tantas possibilidades! No tempo certo, percebi que pensava academicamente.

Anos depois, mais paciente e concentrada, compreendi com os meus mais velhos que não tem como entender o mundo pensando pelo método cartesiano! A chave virou, encontrei o meu sul.

Presenciando-me sorrindo do modo como estou vendo-me agora, posso afirmar que eu sei o que Maya Angelou quis dizer com isso. Anos e anos depois, eu finalmente sei! Mesmo que ela nunca tenha decifrado ao longo das páginas de seu livro, porque a alusão não era intermediada pelas palavras e essas, por mais maleáveis que pareçam, não transferem a substância que a alma sente.

Não sou poeta, não sei fingir bem, mas aprendi a amar em um mundo que me quer bruta, apática.

Ilustração de Julie França

Vi-me ali em pleno entendimento do porquê o pássaro precisa cantar na gaiola. Do porquê eu preciso continuar a sorrir, a amar e a escutar os encantos dos meus fones. Tarde rompi com as correntes da academia literária e mais do que senti, vivi o canto dos pássaros. Aquela menina, que era eu, ria com os olhos marejados. Aquela mulher de jeans surrados, blusa maior que o corpo magro, cabelos não requisitados e enxeridos, vagava a circular como se soubesse a direção e o objetivo.

O motivo do pássaro cantar é o mesmo da minha existência. Quando Maya Angelou presenteou-me com a sua escrita, ela contou-me, num sussurro frágil que quase não pude escutar pelas interferências sonoras da opressão sistêmica, que a sorte não é nossa amiga. Mas alguém, em algum lugar nos

tempos, soprou a melodia da música que nos fazia murmurar no ritmo, sem identificar completamente as letras e chamavam-nos àquele espaço atemporal de felicidade dentro do caos. Existia alegria dentro da tristeza.

Saber o porquê o pássaro canta na gaiola é o meu (des)prazer.

Engraçado, a mulher, que ainda era eu, parou em seus passos, os olhos, até então distraídos, miraram-me repentinamente atentos e ufanos. Havia reconhecimento neles. Havia melancolia. Havia amor. Havia certeza.

Sorrio simpática e ela respondeu à expressão num timbre estrepitoso. Era definitivo. Ela também sabia o segredo que fazia o pássaro cantar na gaiola. Ela entendeu que o pensar é um ato coronário, que quando sentimos muito é exatamente o momento em que estamos raciocinando o mundo em um eterno virar de ampulhetas.

Numa despedida comedida, torço para encontrá-la no futuro.

Eu quero lembrar, mesmo quando esta vida efêmera e curiosa colorir o meu cabelo de ancião, o porquê eu estou aqui e desejo continuar entendendo o canto dos pássaros.

Sobre a autora

Graduanda em Letras: Português-Literaturas.

Maracumbô Aleluia

LUANA MESQUITA DE ARAÚJO
—
LUANA D'NOCHÊ NAVÊZUARINA

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V.7, N.1, 2023)

Maracumbô Aleluia

Luana Mesquita de Araújo - Luana d'Nochê Navêzuarina

Em memória de Toy Vodunnon Aluizio d' Lissá

Ao estrondo dos tambores, cabaças e fervores no lume da vela,

rompendo a Aleluia, eu os vi salvar...

A Roda era frondosa — do mais sereno branco — Àlá funfun vem
[chegando...

rompendo a aleluia, eu os vi salvar...

Todos num aguardo sôfrego — uns descalços, outros sóbrios —,
[mas com sorriso n'alma, na reza cantada à espera do Orisá, Vodun, Caboclo.

A flanquear...

Na colheita,

no sumo encanto!

Rompendo Aleluia, eu me vi aquilombar!

Ilustração de David "Haki" dos Santos

Sobre a autora

Mulher de terreiro, afro-amazônida, negra, periférica. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Serviço Social - PPGSS/UFPA. Bacharela em Serviço Social pela UFPA. Professora de Língua Portuguesa e Literatura, graduada em Licenciatura Plena em Letras - Língua Portuguesa pela UEPA. Pós-graduanda em Leitura e Produção de textos pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gêneros, Famílias e Gerações em contextos amazônicos do Curso de Serviço Social da UFPA - GEP-INTERFACES. Coordenou e construiu o Projeto Negritarte - Juventudes Periféricas e de terreiros insurgentes. Idealizadora do Projeto Aquilombar: memórias e ancestralidade (primeira versão), direcionado à Comunidade quilombola Rio Alto Itacuruçá em Abaetetuba-PA.

intransitiva
revista

Fluir o corpo

KAROLYNE SANTIAGO FARIAS

SOBRE

Fluir o corpo: Fotografia digital - sobreposição de camadas, 2023

***Karolyne Santiago Farias** é uma estudante da UFPE/CAA que está no 8° período da graduação em Design e é uma entusiasta do universo da fotografia. O interesse pela técnica foi desperto no início da Pandemia e tem se tornado cada vez mais presente na sua vida, estimulado por contato com disciplinas da Graduação que abordam temas como narrativas visuais e produção de ensaios fotográficos. Além disso, ministra oficinas de Cianotipia e realiza experimentos com fotografia alternativa no laboratório da universidade. Apesar de não possuir muita experiência na área, a plasticidade da fotografia é o que mais aguça seu interesse.*

Voar

HUGO FROTA

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

Voar

Hugo Frota

Sabe aquela vontade que dá
de voar
por cima de um lago,
encostando com os pés na água uma vez ou outra?
É impossível, mas por um momento você esquece.
Vira uma opção tão viável quanto qualquer outra.

Sinto-me assim quando você sorri comigo.
Digo, se eu te fiz sorrir...
há algo que eu não possa fazer?

Ilustração de Natalia Helena

Sobre o autor

Hugo Frota é um projetista de jogos que também escreve poemas quando está inspirado.

intransitiva
revista

Imensos

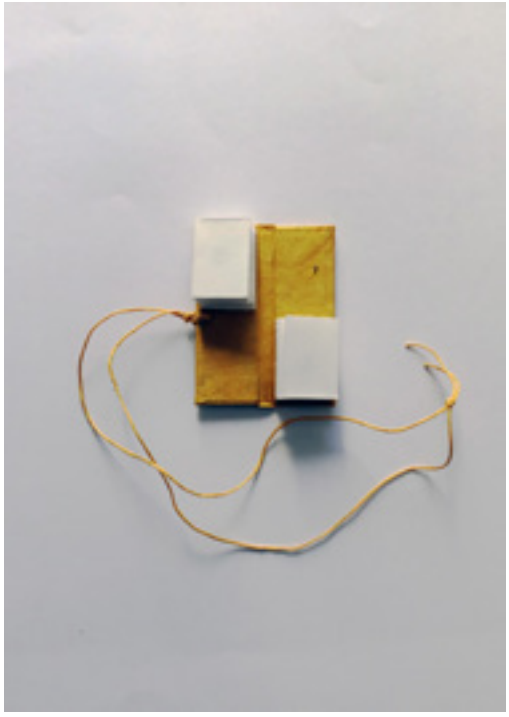
GABRIELA IRIGOYEN

SOBRE

Imensos: Papelão revestido com papel artesanal Lamali, carimbo sobre papel Canson 180gm2 e linha de algodão, 2023
Dimensões: 6 cm x 2 cm (fechado); 11 cm x 26 cm (estendido)

Gabriela Irigoyen *é artista visual e cria livros com uma abordagem artística e experimental. É mestranda do PPGD/EBA – UFRJ, na área de pesquisa Design e Cultura.*

Assista em: https://youtu.be/34UMhhRIsuA



prazeres
sim

pequenos
prazeres
são
imensos

Um livro

THALITA FERREIRA
MEIRELES BARBOSA

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (v. 7, n. 1, 2023)

Um livro

Thalita Ferreira Meireles Barbosa

Quantas palavras você lê por dia? Quantos livros você lê por semana? Não ouso perguntar por mês, afinal, acredito que a resposta, em sua maioria, pode não ser tão boa quanto o esperado. Ainda assim, é um bom início de conversa para refletirmos.

O que eu tenho em mente quanto a isso, é que as pessoas querem cada vez menos ler. Estão cada vez menos interessadas em gastarem suas preciosas horas de vida envolvidas com páginas recheadas de ideias, prazeres, imaginações, fantasias, posicionamentos, informações... enfim, universos inteiros descritos em uma coisa chamada "livro". Por que as pessoas são assim? Ou melhor: por que ou como chegaram a esse nível?

Talvez o meu descontentamento lhe pareça banal, meu caro leitor, afinal, você está aqui lendo e, por isso, ouso dizer que você não compõe esse grupo de desinteressados. A pergunta sobre o porquê o desinteresse alheio me traz tamanha frustração pode ser respondida em uma simples e curta resposta: eu sou um livro. Eis o motivo.

Já houve algum momento de sua existência em que você se perguntou o porquê de existir? Por que você está onde está, ou se faria diferença você estar ali ou não? Você já se questionou que falta a sua falta faria? É assim que me sinto agora. De repente, eu passei a olhar para mim mesmo como alguém que, dentre outras palavras, melhor seria descrito como: substituível. Sim, sinto que eu posso ser facilmente trocado por algum outro instrumento ou fonte que despeje histórias que antes só eu tinha, que apenas em mim estavam escritas.

O que me incomoda é o fato de não ser buscado, procurado, querido. Há tempos que ninguém é capaz de chegar até mim e embarcar na doce aventura de ler-me, de conhecer a história que carrego. Algumas vezes, confesso, fui tirado da estante. Contudo, sequer fui aberto.

Preciso dizer que isso me foi gerando certa resistência. Já não queria abrir as páginas de minha história a mais ninguém. Eu cheguei a um nível de exaustão, de cansaço, pois todas as vezes que me arrancavam da minha doce e confortável estante, surgia em mim a certeza de que enfim seria lido, mas tal alegria rapidamente era substituída pela dura realidade de ser esquecido. Por mais angustiante que fosse ficar parado naquela estante, ali era de certa forma o lugar mais seguro, onde não havia medo. Por um lado, havia solidão, mas, por outro, havia liberdade. Eu já não sabia mais o que eu realmente queria: se queria ser lido como nunca antes, ou se queria fincar minhas raízes e cerrar minhas páginas para sempre.

Até que, um dia, alguém me tocou. Tirou-me da estante. Abriu a minha capa. Aproximou o seu rosto. Sentiu meu cheiro. E conforme ia soltando o ar, ia abrindo simetricamente o sorriso mais encantador que já vi. Antes mesmo de ler minha história, eu senti seu abraço confirmando sua aceitação – acredito que fui julgado pela capa. Em seu abraço, me pareceu que a estante onde minhas raízes estavam fincadas não era o lugar mais seguro que eu havia conhecido. No momento em que seus olhos repousaram sobre mim, em que seu rosto me tocou e em que seus braços me envolveram, eu sequer me lembrava daquela estante.

A sensação de ser lido era nova para mim. Eu precisava entender que, ao mesmo tempo que eu estava sendo lido, eu também precisava ler. A nova experiência de ter um leitor não me tirava o poder de escolha de tornar-me legível ou não. Eu não queria ter que passar pela triste desventura de ser lido, ou de abrir-me por completo e, então, retornar à estante. Eu queria ser lido e, então, ser carregado em sua mente, em seu coração. Queria ser para sempre o motivo daquele sorriso apaixonado, ser envolvido naqueles braços, ser lembrado pelo doce cheiro de páginas novas... enfim, eu queria ser único na vida daquele leitor.

Tudo o que eu sentia, porém, era medo, pois ao me abrir por inteiro, além de revelar toda minha história, ao final, ele descobriria que ainda há páginas em branco, as quais estariam à mercê de seu amor para completar a minha história.

Não era justo eu abandonar a estante para ter minhas páginas rabiscadas por mãos indignas. Eu, definitivamente, não queria correr esse risco.

Mas, ao mesmo tempo, eu não queria perdê-lo. Sua mente era tão fantástica! Sua capacidade, extrema. Seu pensamento, equilibrado. Seu amor, real. (Era o que parecia).

Mas havia um problema. Um único problema. Um mísero problema... é que as pessoas querem cada vez menos ler. Estão cada vez menos interessadas em gastarem suas preciosas horas de vida envolvidas com páginas recheadas de ideias, prazeres, imaginações, fantasias, posicionamentos, informações... enfim, universos inteiros descritos em uma coisa chamada "livro".

Sobre a autora

Thalita Barbosa é pedagoga, especialista em Neurociência, educação e desenvolvimento infantil e graduanda em Letras – Língua portuguesa pela Universidade Católica de Brasília. Atualmente, é professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na SEEDF (Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal).

Ahimsa

REGINA MARIA MIRANDA

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

Ahimsa

Regina Maria Miranda

Enfiar as mãos nos grãos à venda no mercado a granel. Tirar todos os itens de dentro da bolsa tiracolo, limpar tudo, e então retornar cada item para a bolsa. Quebrar o creme brulée. Assistindo "O fabuloso destino de Amélie Poulain", essas imagens me fazem flutuar, como a toalha na mesa ao ar livre, ao sabor do vento de outono, na cena inicial do longa. Tento lembrar dele quando o corpo parece não saber de onde veio ou para onde vai, pois essas cenas me fazem pensar no quanto podemos desfrutar desses pequenos prazeres e como isso pode nos trazer de volta os pés ao chão, desconectando o corpo e a mente dessa sensação de abismo e voltando a um lugar de acolhimento. O mundo parece ficar sob controle. Afinal, Amélie emerge de uma infância neurótica para um futuro fabuloso.

Quando eu era pequena, costumava esperar pelo Papai Noel e pelo Coelho da Páscoa. Eles chegavam todos os anos e tudo parecia estar, sempre, sob controle no mundo. Tudo em seu lugar e em seu tempo. A certeza das coisas é algo reconfortante, te deixa seguro de que o que importa não vai mudar.

Nas semanas que antecediam a celebração do renascimento, costumávamos pintar casquinhas de ovos de galinha, que depois minha mãe enchia com amendoim doce. Era mágica a sensação de estarmos reunidos, todos os irmãos, em torno da mesa da sala, pintando os ovos. Cada um ao seu estilo. Até hoje mantenho essa tradição, agora com minha filha. E o mundo sempre parece estar em seu devido lugar, em seu devido tempo quando as mãos estão a serviço de algo tão belo, singular e simples.

Ilustração de Marcus Homsi

Quando a semana começou, não tinha como eu saber que, agora, estaria nessa situação. Parece que o mundo virou de cabeça para baixo. Não, não se trata de um meteoro vindo em direção à Terra, ou de um emprego perdido, nem da Terceira Guerra Mundial estar iminente. É a pura incerteza do dia. A semana começou com notícias trágicas na TV. Crianças viraram alvo de massacres cruéis.

Eu queria estar falando apenas de cenas idílicas. Mas a verdade é que minha mente vagueia e volta, insistentemente, ao fato de que minha filha, que semanas atrás pintava comigo suas casquinhas, está na escola. Longe de mim. Não posso estar com ela o tempo todo, nem agora, nesse período sombrio, nem em todos os momentos da vida em que ela abrir suas asas e voar. Não tenho poder de impedir que se machuque, assim como não terei remédio para certas dores. Só o que posso fazer é ensiná-la a lidar com essa vida incerta e encontrar sua própria forma de se manter bem, e ser capaz de construir seu próprio "cantinho de acolhimento" como os dos personagens do filme.

Depois que ela comeu o doce, ensinei a ela outra coisa que sempre fiz com as casquinhas quando criança: quebrá-las. Sentir a casca rachando, ouvir o "crreckk" junto ao "oc" do objeto oco e delicado quando a gente o comprime entre as mãos. Não há teoria científica que explique por que isso é tão bom. Melhor ainda é ouvir seu riso, sentir seu cheiro. O cheiro do filho deveria poder ser envasado, ouvi alguém dizer um dia. Não pode. Nem é possível prever todos os amanhãs. Pedaços de vida gravados na memória. Isso é permanente, isso ninguém nos tira. Não preciso de fotos para lembrar perfeitamente do dia em que ela nasceu, que veio pela primeira vez aos meus braços. Seu olhar brigando comigo, parecia dizer "estava tão bom lá dentro, mãe! Por que me trouxe aqui para fora?"

Posso responder a essa reclamação de minha filha voltando à Amélie. Não sei o futuro dela, mas pode ser fabuloso. E posso ensiná-la a encontrar seu centro nos pequenos prazeres que escolher no mundo. Cheiros, sabores, cores e brilhos: no olhar, na luz do dia; na memória. O mundo gira incessantemente e não tenho controle nenhum sobre isso. Ansiedade. Mas agora, nesse exato instante, decido voltar a essas memórias e, como se fossem remédio, elas fazem meu coração desacelerar, minha mente se acalmar, meu "eu" voltar ao centro. Ela volta da escola algumas horas depois disso e seu sorriso, seu abraço, e sua piada de criança sobre a "Cotia, a tia dos animais" fazem, e sempre farão, meu mundo voltar ao centro.

Sobre a autora

Letras-Português, especialização EAD. Escritora.

Pequenino-nós

GUSTAVO MARQUES CASTRO

intransitiva
revista

Pequenino-nós

Gustavo Marques Castro

Meu rosto não é meu. Meu rosto, arado pelo tempo, caminha com tuas pernas. Tua pele reveste minhas mãos. Tua pele, escura noite que me convida a sonhar, reveste minhas mãos. Toca tudo por mim, toca tudo para que eu mesmo não precise. Minhas mãos, revestidas por tua escura pele-noite, alçam o pequenino-nós de pé. O pequenino-nós havia caído no chão. O pequenino-nós, com meu rosto sobre tuas pernas, com tua pele que reveste minhas mãos, engatinha, levanta aos poucos, com dificuldade, e dá seus primeiros nossos passos pelo chão gelado da sala, da nossa sala, do nosso chão. Que é eternidade senão teus olhos? Teus pequeninos nossos olhos que veem tudo em volta, em volta de nosso pequenino imenso mundo. Tua pequenina minha boca balbucia palavras incompreensíveis, a língua dos espíritos que não vemos, mas estão ali, habitam nossa casa. Que é derrotar a morte, senão fazer vida? Que é derrotar a morte senão carne? Carne que anda e move cadeiras e quebra vasos e morde pães e come mais e mais carne para crescer, para se tornar ele mesmo, o pequenino-nós, mais carne que vê e toca e sente e respira e quase que fala a primeira palavra emprestada, carne que é gente no mundo, no mesmo nosso mundo novo.

Ilustração de Maria Julia

Sobre o autor

Ex-futuro-burocrata, futuro-ex-artista e, nas horas mais que vagas, escriba teimoso e perseverante. Singrando as turvas e revoltas águas da Letras-UFRJ é como se encontra no momento, tentando viver de escrita e quase que já vivendo.

Sorriso

ÁLVARO LOPES SILVA DA ROCHA

intransitiva
revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

Sorriso

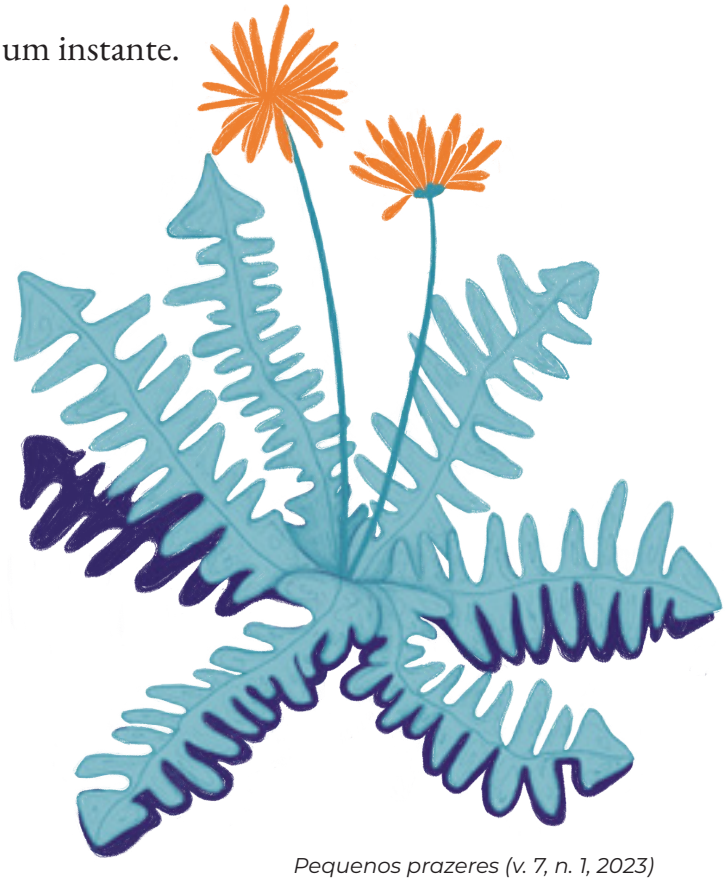
Álvaro Lopes Silva da Rocha

O sorriso quando longo
é a chuva para o sertanejo
sinal que em solo infértil e seco
pode nascer esperança.

O sorriso quando breve
é como a sombra do meio-dia
momentânea e refrescante
sinal que nem tudo é quintura
e muito menos suor
que dá pra respirar e relaxar um instante.

O sorriso é abre-alas
porta de entrada
do beijo e do tapa
do gozo e do choro.

O sorriso é flor no asfalto,
é Chanana ao meio-fio
é Bonina cor-de-rosa
é aroma pueril.



Ilustrações de Raíssa Vitola

Entre dois lábios

e sob o dizer

o sorriso é decifrável

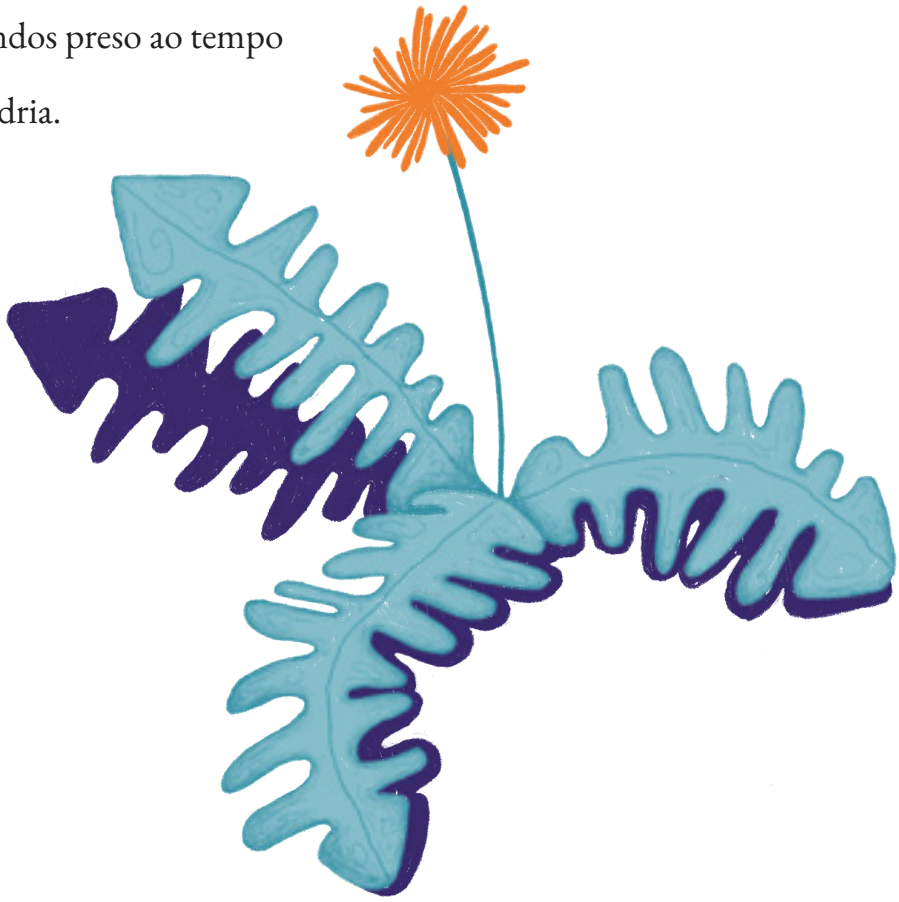
fala sobre o que dá prazer.

Fruto que sacia os olhos

alimento da poesia

o sorriso - segundos preso ao tempo

se torna Alexandria.



Sobre o autor

Graduando do curso de licenciatura em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Ao longo de sua trajetória, já foi bolsista PIBID, participou de projetos de extensão e atualmente é bolsista de Iniciação Científica na área de Análise do Discurso de linha francesa. Possui interesse em pesquisas na área da Linguística e é apaixonado pela literatura, bem como pelas condições de possibilidades que a escrita literária proporciona.

intransitiva

revista

PEQUENOS PRAZERES

VOLUME 7, NÚMERO 1 (DEZEMBRO/2023)

UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

Faculdade de Letras
Universidade Federal do Rio de Janeiro

ESCOLA DE BELAS ARTES
Universidade Federal do Rio de Janeiro